



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

ADÃO DA COSTA CHAVES

Deus, Mistério de Amor

**Uma literacia religiosa mais próxima a partir da
unidade letiva 2 do 9º ano «Deus, o grande mistério»**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof.^a Dr.^a Cristina Sá Carvalho e Prof. Dr. Alexandre Palma**

**Lisboa
2024**

Agradecimentos

No final desta caminhada, o findar de um itinerário cheio de emoções, aprendizagens, investigações, desejos, vejo-me na obrigação de reconhecer com grande brio as pessoas que foram de especial cuidado na minha formação.

Em primeiro lugar, agradecer a todos os professores da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa do Mestrado em Ciências Religiosas. Quero agradecer de uma forma especial aos professores Dr. Alexandre Palma e a Dra. Cristina Sá Carvalho pelo acompanhamento e orientação que me foram dando ao longo deste caminho. À professora cooperante, Margarida Portugal, um bem-haja pelo acolhimento na Escola EB 2, 3 Dão Fernando II, onde realizei a Prática de Ensino Supervisionada (PES), pelo seu tempo prestado, pelo apoio, motivação e sugestões.

A minha gratidão aos meus alunos, que facilitaram as minhas aprendizagens e que me ajudaram a discernir novas formas pedagógicas e transformadoras de ser e estar desde a relação com o transcendente. Acredito que ao longo da lecionação e das atividades que foi realizando ao longo do ano fortaleci os laços de professor-alunos que levarei para a minha vida. Foi para mim um grande prazer ter estado com alunos tão simpáticos e motivados. Desejo que o lecionado em aula os questione e faça brotar nas suas vidas o amor que Deus tem por cada um de nós.

Aos meus colegas de curso, pelo apoio e o trabalho em equipa. Onde sempre me motivaram e criaram um bom clima de trabalho e amizade fazendo com que estes anos de mestrado fossem um prazer e uma motivação.

Agradecer à minha congregação religiosa, Missionários Claretianos, por me ter confiado esta missão, da qual estou muito agradecido pela aposta feita em mim.

Finalmente, quero agradecer a todas as mulheres que me foram formando na fé cristã, especialmente a minha mãe, avó e às minhas professoras de EMRC que fui tendo ao longo do meu percurso escolar. Sem elas, hoje não teria escolhido o caminho que escolhi, nem teria tido o gosto que tenho pela disciplina de EMRC.

Índice

Resumo	9
Abstract	10
Abreviaturas e siglas	11
Introdução	12
Parte 1 - Abordagem Teológica	15
Capítulo 1 - Uma aproximação, Deus, o Grande Mistério, com uma finalidade pedagógica	16
Capítulo 2 - O amor pericorético do Mistério Trinitário em relação com a pessoa	32
Capítulo 3 - Em Cristo Deus assume e salva a humanidade inteira	41
Capítulo 4 - O integrador da antropologia teológica	48
Capítulo 5 - «A Igreja faz-me sentir pecadora»	55
Parte 2 - Perspetiva Pedagógica	65
Capítulo 6 - A Prática de Ensino Supervisionada	66
1. Enquadramento da PES.....	69
2. Contextualização da Escola D. Fernando II, Sintra	72
3. Contextualização da Turma do 9º ano.....	79
4. Planificação da UL1 e 2 do 9ºano.	80
5. Percurso Pedagógico	83
Capítulo 7 - Propostas didático - pedagógicas	118
Conclusão	125
Bibliografia	130
Anexo 1 - Materiais Pedagógicos	136
1.1. UL 1 - Aula 4 - Lição nº4: Identificação e debate sobre alguns grupos em desvantagem social	137
1.2. UL 1 - Aula 5 - Lição nº5: Análise da parábola do bom samaritano	143
1.3. UL 1 - Aula 6 - Lição nº6: Aprofundamento das atitudes que dignificam a dignidade da vida humana	147
1.4. UL 1 - Aula 7 - Lição nº7: Reflexão acerca das questões sobre o início da vida	148
1.5. UL 1 - Aula 8 - Lição nº8: Reflexão crítica acerca do aborto.....	148
1.6. UL 1 - Aula 9 - Lição nº9: Considerações sobre a eutanásia.....	149

1.7. UL 1 - Aula 10 - Lição nº10: Síntese da Unidade Letiva 1. Jogo - Quem quer ser defensor da dignidade da Vida Humana.....	150
1.8. UL 1 - Aula 11 - Lição nº11: Ficha de avaliação da UL 1.....	151
1.9. UL 2 - Aula 12 - Lição nº12: A questão da existência de Deus: crença e razão.....	156
1.10. UL 2 - Aula 13 - Lição nº13: Ateísmo, agnosticismo e fé.....	156
1.11. UL 2 - Aula 15 - Lição nº14: O Fenómeno Religioso. Representações de Deus no politeísmo...	157
1.12. UL 2 - Aula 17 - Lição nº16: Representações de Deus na Bíblia.....	157
1.13. UL 2 - Aula 18 - Lição nº17: Reflexão sobre a fé cristã.....	158
1.14. UL 2 - Aula 19 - Lição nº18: Deus, o grande Mistério.....	159
1.15. UL 2 - Aula 21 - Lição nº20: Instituições cristãs empenhadas no bem comum.....	159
1.16. UL 2 - Aula 22 - Lição nº21: Síntese da Unidade Letiva 2. Jogo.....	160
1.17. UL 2 - Aula 23 - Lição nº22: Ficha de avaliação de EMRC.....	161
1.18. UL 2 - Aula 24 - Lição nº23: Revisão da ficha de avaliação do 9º ano - Deus, Mistério de Amor.	162
Anexo 2 - Atividades de intervenção na escola.....	167
1.1. Planificação dos acampamentos dos alunos 9º, 8º e 7º na Quinta da Fonte.....	168
1.2. Horário dos acampamentos dos alunos de EMRC do 9º, 8º 7º ano na Quinta da Fonte.....	171
1.3. Estratégias e atividades pedagógicas.....	172
1.4. Autorização do conselho pedagógico.....	175
1.5. Autorização dos encarregados de educação.....	176
1.6. Reflexão do acampamento no Linhó do 8ºano e 9º ano.....	177
1.7. Fotografias do acampamento no Linhó do 8ºano e 9º ano.....	178
1.8. Fotografias do acampamento no Linhó do 7º ano.....	179
1.9. Fotografias da visita de estudo a Quinta da Ribafria do 5ºano e 6º ano.....	182
ANEXO 3 - Atividade pedagógica do «coração poliédrico e multicolor» UL 2.....	184
ANEXO 4 - Atividades pedagógicas posteriores à PES.....	191
1.1. Atividade pedagógica de encontro, dinamizada pela Equipa de Animação Pastoral.....	192
1.2. Jornada Mundial da Juventude, com os meus alunos de EMRC.....	194
1.3. Campo de Férias, com o tema «Cidade Misteriosa».....	196
1.4. Projeto Ser+ em São Tomé e Príncipe.	199

Índice de figuras

Figura 1 - «A vida espiritual do nosso tempo requer três dimensões; recetividade, profundidade e abertura, e todas as três são dimensões do feminino da vida».....	16
Figura 2 - «A linguagem do Mistério Trinitário vai para além da razão humana».....	32
Figura 3 - «O feminino em Jesus, manifesta-se no amor e entrega, na admiração e compaixão, na fidelidade e afeto, na fraternidade e finura, do seu ser com o outro»	41
Figura 4 - «A vida eterna é comunhão no ser de Deus, mas também comunhão dos santos, onde há uma realização de solidariedade sem fronteiras de género, raciais, dualistas, temporais ou espaciais, fazendo-nos assim um todo em comunhão de irmãos».....	48
Figura 5 - «A Igreja é uma comunidade de carismas».....	55
Figura 6 - «O futuro que quisermos deixar às nossas crianças depende da escola e as próximas gerações dependem das crianças que deixarmos para o futuro».....	66
Figura 7 - Atividade pedagógica do «coração poliédrico e multicolor».....	119
Figura 8 - Acampamento no Linhó, momento de meditação.....	178
Figura 9 - Acampamento no Linhó, momento de convívio	178
Figura 10 - Acampamento no Linhó do 8ºano e 9º ano, fotografia de grupo	179
Figura 11 - Acampamento no Linhó, jogos em equipa.....	179
Figura 12 - Acampamento no Linhó, caminhada em grupo	179
Figura 13 - Acampamento no Linhó, jogos tradicionais.....	180
Figura 14 - Acampamento no Linhó, momento de oração	180
Figura 15 - Acampamento no Linhó, momento de reflexão e partilha por grupos.....	180
Figura 16 - Acampamento no Linhó, momento de partilha e convívio	181
Figura 17 - Acampamento no Linhó do 7º ano, fotografia de grupo	181
Figura 18 - Convívio na Quinta da Ribafria, momento de partilha	182
Figura 19 - Quinta da Ribafria, caminhada em grupo.....	182
Figura 20 - Convívio na Quinta da Ribafria, momento de reflexão	183
Figura 21 - Visita de estudo a Quinta da Ribafria do 5ºano e 6º ano, fotografia de grupo.....	183
Figura 22 - Atividade pedagógica do «coração poliédrico e multicolor» UL 2	185
Figura 23 - Exposição dos trabalhos das turmas 9º A, B e C	185
Figura 24 - Exposição dos trabalhos da atividade da UL 2, na semana cultural	185
Figura 25 - Atividade pedagógica do «coração poliédrico e multicolor».....	186
Figura 26 - 800 peças com os nomes dos alunos, professores e funcionários	186
Figura 27 - Atividade pedagógica do «coração poliédrico e multicolor».....	187
Figura 28 - Colocação de uma peça com o nome de um colega no coração	187
Figura 29 - Momento de interioridade e oração.....	187
Figura 30 - Colocação de uma peça com o nome de um colega da escola no coração.....	188

Figura 31 - Docentes e não docentes	188
Figura 32 - Conclusão da atividade pedagógica do «coração poliédrico e multicolor»	189
Figura 33 - Celebração eucarística com a temática do «coração poliédrico e multicolor»	189
Figura 34 - Celebração eucarística com a temática do «coração poliédrico e multicolor»	190
Figura 35 - Celebração eucarística, tempo Pascal.....	190
Figura 36 - Noite XL, atividade de encontro com o outro, contigo mesmo e com o transcendente....	192
Figura 37 - Noite XL, partilha e reflexão em grupo.	192
Figura 38 - Noite XL, reflexão individual	192
Figura 39 - Noite XL, caminhada e reflexão	193
Figura 40 - Noite XL, partilha em grupo das reflexões	193
Figura 41 - Noite XL, entrega de uma carta da família para cada aluno	193
Figura 42 - Noite XL, final da atividade na Foz do Douro.....	194
Figura 43 - Pré-Jornada Mundial da Juventude em Família Claretiana.....	194
Figura 44 - Pré-Jornada Mundial da Juventude, Pedroso	194
Figura 45 - Alunos do 9º ano e secundário que participaram na JMJ Lisboa.....	195
Figura 46 - Os meus alunos do 9º ano e secundário que participaram na JMJ Lisboa.....	195
Figura 47 - JMJ Lisboa	195
Figura 48 - Fotografia de grupo com os meus alunos do 9º ano e secundário que participaram na JMJ Lisboa.....	196
Figura 49 - Fotografia de grupo com os alunos do 8º ano, 9º ano e secundário	196
Figura 50 - Campo de Férias, momento de oração	196
Figura 51 - Campo de Férias, momento de oração e reflexão	197
Figura 52 - Cidade Misteriosa, a construir a minha cidade	197
Figura 53 - Representação da vida de alguns santos pelos alunos do secundário	197
Figura 54 - Representação da vida e obra da Madre Teresa de Calcutá.....	198
Figura 55 - Representação da vida e obra de Santo António Maria Claret.....	198
Figura 56 - Reflexão da representação. Dinamica pedagogica para trabalhar com os alunos o seu projeto de vida.....	198
Figura 57 - Angariação de bens materiais na area da saúde para o «Projeto Ser+ em São Tomé e Príncipe»	199
Figura 58 - Angariação de bens materiais na área da higiene.....	199
Figura 59 - Visita a Roça Santa Margarida.....	200
Figura 60 - Visita a Roça Monte Macaco, atividades com as crianças.....	200
Figura 61 - Visita a Roça Monte Macaco, convívio com as crianças São-tomenses.....	200
Figura 62 - Conhecer as comunidades nas roças	201
Figura 63 - Conhecer com os Missionários CMF a realidade local e as suas necessidades	201
Figura 64 - Entrega de sementes variadas para as comunidades das roças.....	201
Figura 65 - Convívio e comunhão.....	202

Figura 66 - Partilha e amizade entre os alunos e as crianças	202
Figura 67 - Participação na tomada de posse de Don João de Ceita Nazaré, novo Bispo de São Tomé	203
Figura 68 - Assembleia na tomada de posse de Don João de Ceita Nazaré, novo Bispo de São Tomé	203
Figura 69 - Partilha do almoço com a comunidade São-tomense depois da tomada de posse de Don João de Ceita Nazaré	203
Figura 70 - Partilha e convívio com a comunidade	204
Figura 71 - Entrega de produtos de higiene	204
Figura 72 - Atividades com as crianças São-tomenses	204
Figura 73 - A simplicidade no encontro.....	205
Figura 74 - Conhecer o Hospital Central Dr. Ayres Menezes	205
Figura 75 - Entrega de material de saúde.....	205
Figura 76 - Visita e entrevista na Rádio Jubilar.....	206
Figura 77 - Encontro e partilha com o Don João de Ceita Nazaré, novo Bispo de São Tomé	206
Figura 78 - Visita pedagógica a casa de Almada Negreiros	206
Figura 79 - Alunos do secundário que partiram em missão.....	207

Índice de tabelas

Tabela 1 - Estatística dos alunos de EMRC em 2021/2022.....	75
Tabela 2 - Planificação nível 4: Aula 4 – Lição nº4: Identificação e debate sobre alguns grupos em desvantagem social	85
Tabela 3 - Planificação nível 4: Aula 5 - Lição nº5: Análise da parábola do bom samaritano.....	89
Tabela 4 - Planificação nível 4: Aula 6 - Lição nº6: Aprofundamento das atitudes que dignificam a dignidade da vida humana.....	92
Tabela 5 - Planificação nível 4: Aula 7 - Lição nº7: Reflexão acerca das questões sobre o início da vida	94
Tabela 6 - Planificação nível 4: Aula 8 - Lição nº8: Reflexão crítica acerca do aborto	97
Tabela 7 - Planificação nível 4: Aula 9 - Lição nº9: Considerações sobre a eutanásia.	99
Tabela 8 - Planificação nível 4: Aula 10 - Lição nº10: Síntese da Unidade Letiva 1. Jogo - Quem quer ser defensor da dignidade da Vida Humana.....	101
Tabela 9 - Planificação nível 4: Aula 11 - Lição nº11: Ficha de avaliação da UL 1.	102
Tabela 10 - Ficha de avaliação de EMRC - 9ºano - UL 1 - Dignidade da Vida Humana.	103
Tabela 11 - Planificação nível 4: Aula 12 - Lição nº12: A questão da existência de Deus: crença e razão.	104
Tabela 12 - Planificação nível 4: Aula 13 - Lição nº13: Ateísmo, agnosticismo e fé.	105
Tabela 13 - Planificação nível 4: Aula 15 - Lição nº14: O Fenómeno Religioso. Representações de Deus no politeísmo.....	106
Tabela 14 - Planificação nível 4: Aula 16 - Lição nº15: Autoavaliação do primeiro semestre.	107

Tabela 15 - Planificação nível 4: Aula 18 - Lição nº17: Reflexão sobre a fé cristã.	109
Tabela 16 - Planificação nível 4: Aula 19 - Lição nº18: Deus, o grande Mistério.	110
Tabela 17 - Planificação nível 4: Aula 20 - Lição nº19: Ecos de vidas com sentido.....	111
Tabela 18 - Planificação nível 4: Aula 21 - Lição nº20: Instituições cristãs empenhadas no bem comum.	112
Tabela 19 - Planificação nível 4: Aula 22 - Lição nº21: Síntese da Unidade Letiva 2. Jogo.	113
Tabela 20 - Ficha de avaliação de EMRC - 9ºano - UL 2 - Mistério de Amor.....	114
Tabela 21 - Proposta de novos conteúdos complementares para o programa de EMRC	124
Tabela 22 - Planificação dos acampamentos dos alunos 9º, 8º e 7º na Quinta da Fonte	170
Tabela 23 - Horário dos acampamentos dos alunos de EMRC do 9º, 8º e 7º ano na Quinta da Fonte ..	172

Resumo

Este relatório final, é o culminar da Prática de Ensino Supervisionada (PES), no âmbito do mestrado em ciências religiosas, foi concretizado na «Escola EB 2, 3 D. Fernando II» do Agrupamento de Escolas Monte da Lua, em Sintra. Durante a PES aprofundei a lecionação da Unidade Letiva 2, «Deus, o Grande Mistério», do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), do 9º ano de escolaridade. Procurei estimular a aprendizagem e que os alunos desenvolvessem capacidades e atitudes que fossem ao encontro dos domínios apresentados pelo programa de EMRC do Secretariado Nacional da Educação Cristã de 2014. Este trabalho pretende dar um contributo para uma melhor literacia, pedagogia e estratégias de como devemos abordar a questão do Mistério de Deus aos alunos e a sua relação. A partir do Mistério Trinitário somos chamados a sermos nós mesmos através da nossa relação mútua com Deus. Somos imagem de Deus numa diversidade de refrações, como reflexo da diversidade intradivina, e intervenientes do seu puro amor agápico que nos é dado pela graça e se fundamenta na comunhão poliédrica e multifacetada das pessoas e das suas relações.

Com este trabalho pretendo aprofundar o que cada um de nós está chamado a ser, desde uma convivência que mantenha um equilíbrio saudável entre identidade, diferença e unidade. Numa Igreja poliédrica há espaço para que todos contribuam com o melhor de si mesmos, dando-se uma complementaridade e uma multiplicidade harmoniosa a partir das diferenças. Só com este respeito pelas diferenças, desejadas por Deus, alcançaremos a mais profunda comunhão entre todos. Procurei enriquecer esta unidade letiva 2 dando o meu contributo para que os alunos pudessem valorizar as diferenças que existem em cada um e para que entendessem que as diferenças de cada ser humano se inserem numa comunhão integral. Todos somos chamados a acolher o que é diferente de cada ser humano, para que, através das diferenças, possamos viver uma comunhão poliédrica entre todos, caminhando assim para uma comunhão total no ser de Deus plenificada na vida eterna.

Palavras-chave: comunhão; amor; Mistério de Deus; ser humano; todos; relação; poliedro; multicolor; união; EMRC.

Abstract

This final report, the culmination of the Supervised Teaching Practice (STP), within the scope of the master's degree in religious sciences, was carried out at the «Escola EB 2, 3 D. Fernando II» of the Monte da Lua School Group, in Sintra. During STP, I deepened the teaching of Unit 2, «God, the Great Mystery», of the Moral and Religious Catholic Education program, for the 9th grade. I tried to stimulate the learning process and also to make the students develop skills and attitudes that would meet the domains presented by the 2014 CMRE program of the National Secretariat for Christian Education. This paper aims to make a contribution to better literacy, pedagogy and strategies for how we should approach the question of the Mystery of God to students and their relationship. Starting from the Trinitarian Mystery, we are called to be ourselves through our mutual relationship with God. We are God's image in a diversity of refractions, as a reflection of intradivine diversity, and actors of his pure agapic love, which is given to us by grace and is based on the polyhedral and multifaceted communion of people and their relationships.

With this report I intend to delve deeper into what each of us is called to be, from a coexistence that maintains a healthy balance between identity, difference and unity. Within a polyhedral Church, there is room for everyone to contribute with the best of themselves, giving rise to complementarity and harmonious multiplicity based on differences. Only with this respect for the differences desired by God will we achieve the deepest communion among all. I tried to enrich this teaching unit 2 by giving my contribution so that the students could value the differences that are present in each of them and so they could understand that the differences of each human being are part of an integral communion. We are all called to welcome what is different in each human being, so that, through the differences, we can live a polyhedral communion among all, thus moving towards a total communion in the being of God, fulfilled in eternal life.

Keywords: communion; love; mystery of God; human being; everyone; relationship; polyhedron; polycolour; union; Moral and Religious Catholic Education.

Abreviaturas e siglas

AA - Decreto *Apostolicam Actuositatem*

AL - Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*

CHL - Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici*

CP - Conselho Pedagógico

DV - Constituição Dogmática *Dei Verbum*

DzH - Denzinger Hünermann

EB23 D. Fernando II - Escola Básica dos 2º e 3º ciclos D. Fernando II

EG - Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Evangelii Gaudium*

EMRC - Educação Moral Religiosa Católica

GS - Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

LG - Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

MD - Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*

UR - Decreto *Unitatis Redintegratio*

UL - Unidade Letiva

UL1 - Unidade Letiva 1 «A Dignidade da Vida Humana»

UL2 - Unidade Letiva 2 «Deus, o Grande Mistério»

UL3 - Unidade Letiva 3 «O Projeto de Vida»

PES - Prática de Ensino Supervisionada

ST - Suma Teológica

Introdução

Este trabalho é o culminar da experiência de lecionação em contexto da PES, parte fulcral do mestrado em ciências religiosas, do qual deseja ser um contributo teórico-prático que tem como ponto de partida a UL2, «Deus, o grande Mistério», lecionada no 9º ano de escolaridade, tendo por base o programa da disciplina de EMRC, documento em vigor do Ministério da Educação.

As interrogações e questões relacionadas com o Mistério de Deus e a sua relação com o ser humano, sempre me despertaram uma grande curiosidade. Deste modo, pela investigação realizada, procuro que este trabalho possa fazer a diferença na forma de como falamos do Mistério de Deus aos nossos alunos, bem como nas novas estratégias pedagógicas que podemos utilizar para uma maior compreensão desta UL2.

O contributo do programa da disciplina de EMRC é a base e o ponto de partida para a fundamentação deste trabalho. Dele foram usadas e criadas estratégias para responder às necessidades concretas dos alunos. Desde a UL2 – «Deus, o grande Mistério» que tem como principais metas; «Compreender o que são o fenómeno religiosos e a experiência religiosa. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. Descobrir a simbólica cristã. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade». E como principais objetivos: «Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal. Identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré. Destacar a bondade e a grandeza de Deus. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé». Dos conteúdos do programa de EMRC terei como referentes os seguintes: «Os vários elementos constitutivos do fenómeno religiosos. A fé em Deus e as representações de Deus – representações de Deus no Antigo testamento: o Judaísmo; O Deus de Jesus Cristo: o Cristianismo. De um Deus de um povo até um Deus universal e inequivocamente bom. A imensidão e a bondade de Deus. A coerência entre fé e obras. A fé cristã: uma experiência de encontro; um apelo à construção de um mundo solidário. Cada crente é o rosto e as mãos de Deus a atuar no mundo».

Com base nestes pressupostos, este trabalho tem como principal objetivo dar um contributo para a literacia religiosa dos alunos, ou seja, desconstruir algumas ideias pré-concebidas e estereotipadas que os alunos possam ter em relação ao que é abordado pelo programa, e dar um contributo enriquecedor buscando uma linguagem mais adequada à faixa etária dos alunos. Para isso tentarei fundamentar a parte teológica deste trabalho com uma

teologia que vá ao encontro destas necessidades, uma teologia mais próxima, mais fácil de ser entendida, com uma linguagem mais sensitiva, uma linguagem dos afetos e do encontro.

Este relatório final está dividido em sete capítulos, dos quais os primeiros cinco fazem parte da fundamentação teológica do trabalho realizado na PES, e os restantes fazem parte do caminho concretizado ao longo da PES. A estrutura do meu trabalho pretende ser fiel aos domínios do programa de EMRC, bem como, à metodologia teológica que tem em conta os desafios atuais, as fontes escriturísticas e a tradição teológica eclesial. Deste modo, o primeiro capítulo visa responder a minha escolha teológica, uma teologia com rosto de mulher. É fundamental, portanto, abrir os nossos horizontes e introduzirmos uma teologia construída a partir da categoria de comunhão, uma teologia mais próxima, compreensiva, sensitiva e unificadora. Assim sendo, pretendo começar pela mensagem bíblica do AT e do NT, uma experiência de encontro, bondade e grandeza de Deus.

No segundo capítulo, é feita uma reflexão tendo como ponto de partida o Mistério de Deus sendo possível promover estratégias pedagógicas que desenvolvam o pensamento crítico e analítico dos alunos. Para poderemos aprofundar e compreender Deus, o grande Mistério, somos chamados a sermos nós mesmos através da relação mútua com Deus. Somos imagem de Deus a partir da diversidade. Somos reflexo da diversidade intradivina, e participantes do seu puro amor agápico que nos é dado pela graça e fundamenta-se na comunhão poliédrica de pessoas e das suas relações.

No terceiro capítulo, também podemos encontrar este paradigma de comunhão na cristologia. Em Jesus Cristo, Deus revela o seu máximo amor pela humanidade.

Deste modo, no capítulo seguinte podemos entender que o diferente de cada ser humano insere-se numa comunhão integral. Desde a antropologia cristã, todos somos convidados a acolher e amar o diferente que há em cada ser humano.

No quinto capítulo, considero de extrema importância a forma como falamos da Igreja aos nossos alunos. Neste capítulo tento demonstrar que cada pessoa a partir das suas diferenças tem um elemento dinâmico de comunhão eclesial. Por isso, só podemos entender a Igreja como uma multitude de carismas e pessoas, que conferem uma nota poliédrica.

É importante não esquecer que, se a Igreja é sacramento da unidade, os sacramentos são autorrelação da comunhão entre o ser humano e a sua relação íntima com Deus. Todos os cristãos, são chamados a uma coexistência que mantenha um sano equilíbrio entre a identidade, a diferença e a unidade.

No sexto capítulo, menciono o percurso concretizado ao longo da PES tendo em conta a fundamentação dos anteriores capítulos. Abordo as hipóteses de investigação que surgiram na preparação e no decorrer da PES bem como toda a gestão do programa. A caracterização e contextualização da escola e turma, da PES. Do qual, elucida a metodologia e as estratégias usadas nas aulas, o que engloba os diferentes momentos pedagógicos, as planificações nível 1, 2, 3 e 4; e os relatórios de lecionação. Tendo em conta as estratégias aplicadas é feita uma análise dos frutos recolhidos, sendo apresentada no sétimo capítulo, bem como algumas sugestões didático-pedagógicas.

Ao longo deste trabalho pretendo partilhar o contributo significativo da disciplina de EMRC para que esta siga sendo uma ferramenta essencial para a educação dos alunos, da qual estes possam mais tarde ler os acontecimentos das suas vidas, da sociedade e da realidade do mundo com o adquirido na disciplina de EMRC.

Parte 1 - Abordagem Teológica

Capítulo 1 – Uma aproximação, Deus, o Grande Mistério, com uma finalidade pedagógica



Figura 1 - © Adão Chaves, «A vida espiritual do nosso tempo requer três dimensões; recetividade, profundidade e abertura, e todas as três são dimensões do feminino da vida».

Para esta reflexão teológica procurei uma abordagem da teologia feita por mulheres, devido a importância que tiveram na minha educação religiosa Cristã. O essencial para mim é a visão sobre a importância da mulher como mulher, um ser dotado de capacidades intelectuais e humanas extraordinárias que devemos ter presente, como Jesus teve:

Para Jesus, em forma de mulher vêm os dons de Deus, porque sempre que Jesus é tocado, ungido, abençoado, é uma mulher que o faz [...] As mulheres trazem no seu corpo um espaço propício para que a vida as habite, algumas são mães ou esposas, outras não o serão pelas circunstâncias da vida, mas conhecem os processos e ciclos da vida. Têm um corpo temporalmente marcado pelo sangue, uma capacidade interna e externa de carregar e zelar, e alimentar a vida [...] Todos nós existimos porque uma mulher nos acolheu, no seu corpo, para que pudéssemos acontecer [...] Quando viemos ao mundo a primeira coisa que cada um de nós experimentou é que alguém nos pega, nos toca [...] As mulheres ensinam-nos que é o cuidado do corpo do outro que determina a nossa relação com Deus [...] Que é o corpo do ferido e o corpo do amigo que se convertem para nós em território sagrado onde aprendemos e onde amadurecemos e onde Deus se faz humanamente presente [...] A vida espiritual do nosso tempo requer três dimensões; recetividade, profundidade e abertura, e todas as três são dimensões do

feminino na vida [...] Durante os primeiros nove meses da nossa gestação tudo o que somos é recebido, porque tivemos de aprender a ser, tivemos de aprender a receber. A vida no ventre materno é pura receptividade, somos na medida em que recebemos. O nosso desenvolvimento depende dessa receção [...].¹

Devemos olhar com atenção e como ponto de partida para o ensinamento mais recente da Igreja. O Concílio Vaticano II aponta para uma reflexão eclesiológica sobre a contribuição das mulheres na Igreja e na educação religiosa.²

Na carta apostólica *Mulieris Dignitatem* de João Paulo II³, há um novo enfoque à visão da Igreja. Fala-nos sobre a dignidade, missão e vocação das mulheres na sociedade e na Igreja de hoje. O Papa usa um novo termo, *génio feminino*, dentro da teologia das mulheres, que mais tarde tenta esclarecer noutros documentos, como a Carta às Mulheres.⁴ Este termo pode ser definido como:

[...] o conjunto de dons especificamente femininos - compreensão, objetividade de juízo, compaixão - que se manifestam em todos os povos. Estes são uma manifestação do Espírito, um dom de Deus para realizar a vocação de assegurar a sensibilidade do homem. O génio feminino é a condição para uma profunda transformação da civilização atual. Não se trata de uma série de dons extraordinários encarnados em mulheres extraordinárias, mas de dons vividos por mulheres simples que os encarnam na vivência do quotidiano.⁵

Deste modo, para fundamentar o meu trabalho usarei a chamada ‘Teologia com rosto de mulher’, que engloba a obra de muitas teólogas que considero de grande importância para a reflexão feminina no pensamento teológico. Esta teologia não é teologia feminista,⁶ e têm geralmente como ponto de partida o seu conhecimento sobre a mulher, que é muito diferente da visão do mundo dos homens.

¹ M. López Villanueva, «Puertas que cruzaron Jesús y las mujeres», dentro do ciclo *Un acercamiento a la teología feminista*, trad. livre, Faculdade de Ciências da Universidade de Granada, 5 de março de 2018.

² Cf. M. T. Porcile, *La mujer, espacio de salvación. Misión de la mujer en la Iglesia, una perspectiva antropológica*, (Madrid: Publicaciones Claretianas, 1995), 45-54; Cf. J. Guevara, *Mujer y Teología* (Sal Terrae 107, 2019), 68.

³ João Paulo II, «Carta apostólica *Mulieris Dignitatem* sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do ano mariano», (=MD) acedido a 5 de janeiro de 2024, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris-dignitatem.html

⁴ Carta do Papa João Paulo II às Mulheres, acedido a 5 de janeiro de 2024, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf_jp-ii_let_29061995_women.html

⁵ M. S. Vivas, «El perfil de la mujer presentado por Juan Pablo II en sus escritos», trad. livre, *Theologia Xveriana* 146, (2003): 217-218; Cf. MD 8-9.

⁶ A teóloga V. Azcuy diz-nos que não existe um só feminismo, nem uma única forma de refletir a partir da visão e do lugar das mulheres, em V. R. Azcuy, *El lugar teológico de las mujeres*, Proyecto 39, (2001): 19; Cf. Guevara, *Mujer y Teología*, 71.

É preciso abrir mais portas e dar respostas mais humanizantes aos nossos alunos. O fundamental de todas as correntes teológicas não é o nome dado a cada posição, mas que todos nós nos tornemos parte desta construção teológica e apoiemos mais estas novas perspectivas.

[...] A este respeito, gostaria de manifestar particular gratidão às mulheres empenhadas nos mais distintos setores da atividade educativa, para além da família: infantários, escolas, universidades, instituições de assistência, paróquias, associações e movimentos. Onde quer que se revele necessário um trabalho de formação, pode-se constatar a imensa disponibilidade das mulheres a dedicarem-se às relações humanas, especialmente em prol dos mais débeis e indefesos. Nesse trabalho, elas realizam uma forma de maternidade afetiva, cultural e espiritual, de valor realmente inestimável, pela incidência que tem no desenvolvimento da pessoa e no futuro da sociedade. E como não lembrar aqui o testemunho de tantas mulheres católicas e de tantas Congregações religiosas femininas, que, nos vários continentes, fizeram da educação, especialmente dos meninos e meninas, o seu principal serviço [...].⁷

Como já referi, a teologia feita por mulheres faz parte desse processo eclesial de estudo e aprofundamento. Dedicarei as seções seguintes à fundamentação teológica da UL 2 a partir da visão e dos dons da mulher, mãe e educadora.

A hermenêutica bíblica desde a experiência de encontro e da bondade de Deus, na ótica das teólogas é fundamental para reconhecer e compreender a grandeza e a bondade de Deus desde o Antigo Testamento. Os textos da Sagrada Escritura são o ponto de partida para analisar os rostos e as histórias do ser humano a partir do povo de Israel. Deste modo, devo ter uma visão imparcial da nossa cultura ocidental, sem representações idealizadas do nosso tempo onde possamos cair na tentação de fundamentar os nossos preconceitos. A revelação bíblica estende-se à vida de um povo, onde a obra de Deus se faz presente. O AT pertence a uma época e a um contexto diferente do mundo atual; há uma grande distância temporal relativamente àquela época em que os direitos humanos não eram reconhecidos. Devemos ter uma visão aberta, dado que muitas vezes é difícil de interpretar devido às realidades antropológicas sensíveis, que nos incomodam e que de certa forma criam barreiras para uma interpretação mais adequada.

Desde o relato da criação um dos escritos mais antigos da tradição bíblica é o livro de Génesis. Há um consenso em datar este livro para uma data aproximada ao século X a.C. É importante mencionar neste trabalho esta história que fala do encontro do primeiro homem e da primeira mulher da criação. Um encontro, que nos mostra a experiência de cada homem e de cada mulher, que hoje podemos constatar quando se revelam e transparentam (cf. Gn 2, 25) um

⁷ Carta do Papa João Paulo II às Mulheres, trad. livre, nº8.

ao outro pela primeira vez.⁸ A passagem situa o masculino em supremacia sobre a terra. O homem tem a oportunidade de se conhecer a si e de assumir a liderança sobre o que o rodeia, inclusive dando nomes sobre os seres vivos da terra⁹ (cf. Gn 2, 18-20).

Mas o homem viu que não tinha ajuda adequada para si na terra *adamá*. Deus apresenta isso como uma necessidade vital: «Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda» (Gn 2, 18). Não devemos interpretar mal esta expressão, a palavra «auxiliar - ajuda» em hebraico *'ézer*, quer explicar-nos o socorro com que Deus auxilia o homem nos momentos de risco. A mulher manifesta-se neste momento como uma ajuda importante para o homem, concedida por Deus, sem a qual a criação não subsistiria. Onde experimentaria o egocentrismo, que produziria a morte do próprio Adão.¹⁰

Na perspetiva deste estudo, o fundamental é salientar que Yahweh, perante a solidão de *'adam*, que não é boa, decide fazer um *'ézer kenegdó*, ou seja, uma presença de reciprocidade e mutualidade. A criação da “ajuda” situa o ser humano na perspetiva da comunicação. Através dela, a humanidade supera o isolamento e a solidão: a relação adequada pressupõe a alteridade para dar início à comunidade humana e criar a comunhão. Neste sentido, pode dizer-se que a “ajuda adequada” (v18) é abertura. O outro aparece como portador de uma alternativa positiva, de comunicação.¹¹

Vemos na criação da mulher (cf. Gn 2, 21-22) a imagem que demonstra a relação que une o homem e a mulher. Adão define a mulher partindo da experiência que tem de si mesmo; «Esta sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada «mulher» (*ishsha*), porque foi tirada do homem (*ish*)» (cf. Gn 2, 23).¹² Estes versículos mostram de onde provém a mulher, que é da mesma natureza de Adão. Nesta costela não deveríamos ver os aspetos pejorativos da nossa mentalidade atual, mas com esta «carne da minha carne» o homem comunica pela primeira vez e estabelece uma atração mútua (cf. Gn 2,24) pelo outro ser da mesma natureza.¹³ No livro de Gênesis, o que podemos demonstrar é a natureza humana, que o homem e a mulher foram feitos à imagem de Deus, com uma natureza que coexiste em ambos os géneros e que não permite que as mulheres sejam segregadas na hora de entender o que é a imagem de Deus.¹⁴ O nascimento da *ishsha* faz com que nasça o homem e a humanidade. Esta

⁸ Cf. T. Maertens, *La promoción de la mujer en la biblia*, (Bilbao: Mensajero, 1969), 9.

⁹ Cf. T. Maertens, *La promoción de la mujer en la biblia*, 10.

¹⁰ Cf. A. Pelletier, *El cristianismo y las mujeres*, (Madrid: BAC, 2002), 21-22.

¹¹ Porcile, *La Mujer, espacio de salvación*, trad. livre, 159.

¹² Cf. Maertens, *La promoción de la mujer en la biblia*, 10.

¹³ Cf. Pelletier, *El cristianismo y las mujeres*, 22.

¹⁴ Cf. C. Domínguez e R. Briones (eds.), *XVI Congreso Internacional – Género y Religión – Masculino-Femenino y Hecho Religioso* (Granada: Editorial Universidad de Granada, 2003), 120-122.

natureza comum na mulher e no homem onde estão chamados a viver como uma só carne, uma comunhão de amor mútuo e de sinceridade. Esta unidade na dualidade é uma manifestação humana de Deus:¹⁵ «Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne» (Gn 2, 24).

No terceiro capítulo do livro do Gênesis, uma das cenas mais famosas da Sagrada Escritura, os exegetas descobrem a menção do pecado original no mundo, através da desobediência de Adão e Eva. A palavra pecado aparece apenas em Gn 4,13 na passagem sobre Caim e Abel. Em nenhum momento do Gn 3, Deus se refere ao pecado. Refere-se apenas ao ato de terem comido da árvore, sem se referir à culpa nem ao pecado.¹⁶ Este ato para muitos exegetas e teólogos é visto como desobediência a Deus e por isso na mentalidade humana é considerado um pecado. Esta desobediência a Deus na história da criação pode ser vista com uma abordagem mítica, como a ambição de ter independência de qualquer autoridade superior. As palavras do Gn 3 podem ser muito bem interpretadas hoje quando aplicadas às nossas sociedades egocêntricas e secularizadas. Deus, através do seu amor transcendental criou-nos livres. Mas a resposta dada pelo ser humano ao seu criador é a de rejeição, ele quer ser independente e distanciar-se de Deus. Esta desvinculação com Deus é fonte de outras desvinculações entre o ser humano e a relação com tudo o que foi criado, como por exemplo a terra. Isto provocou também uma falta de respeito entre os dois sexos devido a um querer impor a sua autoridade sobre o outro. Esta liberdade não corresponde ao ser humano criado por Deus porque o amor de Deus transforma-nos e é permanente. O mal não pode vir de Deus, porque não existe dualidade em Deus. O amor que Deus tem por cada um de nós torna-nos melhores pessoas, mas precisamos dizer sim ao amor transformador de Deus. Porque dar amor e recebê-lo torna-nos melhores pessoas. No livro de Gênesis, a desobediência a Deus é o resultado trágico da liberdade. O que o texto quer nos mostrar neste drama histórico é o primeiro ato entre Israel e Yahveh, em que Deus, através do seu amor transcendental, continuará a criar e a atuar em favor da humanidade, para que possam alcançar a totalidade aspirada na criação¹⁷. O amor de Deus é permanente, o amor de Deus torna-nos melhores, transforma-nos. A aliança transforma o ser humano, mesmo que o ser humano peque, o amor de Deus permanece.

No AT podemos recuperar tradições e modelos da relação de Deus desde a experiência de encontro de personalidades femininas que caíram no esquecimento. Neste seção abordarei

¹⁵ Cf. L. Judith, *Ministerio de la gracia. Las mujeres en la Iglesia primitiva* (Madrid: Paulinas, 1991), 6-7.

¹⁶ Cf. M. Navarro (dir.), *10 mujeres escriben teología*, (Estella: Verbo Divino, 1993), 15-20; Cf. Porcile, *La Mujer, espacio de salvación*, 178-179.

¹⁷ Cf. Navarro (dir.), *10 mujeres escriben teología*, 15-20; Cf. Porcile, *La Mujer, espacio de salvación*, 151-206.

algumas das figuras mais relevantes e os seus papéis dentro da tradição judaico-cristã.¹⁸ Tentarei expor alguns textos do Antigo Testamento que nos fazem ver a emocionante história de amor de Deus com as mulheres. Estes textos não são muito extensos e não nos dão uma imagem espiritual das diferentes figuras femininas. A única coisa que podemos refletir é a comunicação com a divindade, onde aos poucos Ana, Judite e Agar foram deixando para trás o seu ego, para um verdadeiro encontro com Deus. Podemos ver estas mulheres em ambientes sociais repressivos com os seus medos e inseguranças, sendo neles que experimentam a presença amorosa de Deus,¹⁹ que as leva a um estado de escuta, oração, aceitação e entrega. A relação com Yahveh faz com que elas se transcendam por completo, o que faz com que Ele as acolha no seu projeto. Em Deus encontram a orientação da sua existência, o sentido do seu viver e a plenitude do seu ser.²⁰

Ana é o paradigma do sofrimento de uma mulher estéril no ambiente familiar e nas sociedades androcêntricas do AT, em que só são reconhecidas pela sua natureza reprodutiva, de uma cultura patriarcal que as vê como ventres férteis, ao serviço dos homens.²¹ Apesar de toda a dor, através das suas orações acode e confia em Yahweh e desta forma é levada a sere visitada por Deus em meio do seu desconsolo. Ana abre o seu coração perante Deus (cf. 1 Sam 1,9-19).²² Ela eleva a sua oração à transcendência para que possa fortalecer a sua vida e torná-la mais contemplativa. A partir da sua oração (cf. 1 Sam 2, 1-11) faz presente a proximidade de Deus com o seu ser pessoal e com o seu povo Israel. A gestação do seu filho é simplesmente um acontecimento natural, vive cada período da sua maternidade como uma entrega de amor mútuo com Deus. A dedicação maternal de Ana pelo filho (cf. 1 Sam 2,19) demonstra a contemplação e a manifestação do amor a Deus que «levanta do pó o fraco e do monturo o

¹⁸ Dada a natureza do trabalho, escolhi apresentar apenas três exemplos de mulheres relevantes: Ana, Judite e Hagar no AT, mas também outras poderiam ser destacadas como: Rute, Ester, Rebeca, Lia e Raquel, Dina, Tamar, Asenat, Séfora, Maria, irmã de Moisés e de Aaron, Rajab, Débora, Yael, filha de Jefté, Dalila, Ajinoán, Mical, Abigail, Batsébé, Abisag, a rainha de Sabá, a viúva de Sarepta, Jezabel, a sunamita, Atalia, Sara, Susana, a mãe dos Macabeus, das três filhas de Jó, das filhas de Sião, Gómer. Estas três mulheres que escolhi são um exemplo arquetípico de como as mulheres se entendia a si mesma, e a sua relação com Deus. Estas mulheres não falam apenas sobre si mesmas, mas sobre que revelação entende-se por mulher.

¹⁹ «(...) estas histórias são o testemunho de como Deus se foi revelando, de como foi mostrando o seu rosto amoroso», R. C. Londoño (Dir.), *La biblia, libro de contemplación*, trad. livre, (Ávila: CITEs – Monte Carmelo, 2010), 151; Cf. Concílio Vaticano Segundo, «Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a revelação Divina», n.º 4, (=DV) acedido a 25 de janeiro de 2024, https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html.

²⁰ Cf. Estévez, *Contemplación y mujeres*, 149-186; Cf. Pelletier, *El cristianismo y las mujeres*, 24-25.

²¹ «Independentemente de falarmos de contextos de oração, a esterilidade é um «tópico comum» na hora de apresentar as mulheres no AT: Sara (Gn 11, 27;16), Rebeca (Gn 25,21), Raquel (Gn 29,31); a esposa e as concubinas de Abimelek (Gn 20,17-18); a esposa de Manoaj e mãe de Sansão (Jc 13,2); Ana (1 Sam 1,1-8)», em Estévez, *Contemplación y mujeres*, trad. livre, 153.

²² «Embora o cultivo da interioridade das mulheres e a sua abertura ao Tu transcendente tenham permanecido velados, é possível rastrear a sua experiência de oração a partir dos testemunhos indiretos que nos foram deixados.», em Estévez, *Contemplación y mujeres*, trad. livre, 153.

indigente, para os fazer assentarem-se com os nobres e colocá-los num lugar de honra» (1 Sam 2,8). A manifestação de ter sido tocada pelo «Altíssimo» provoca no seu interior o amor, a gratidão e o louvor que a movem a uma experiência de ser uma criatura cuja única força é Deus, a sua rocha (cf. 1 Sam 2,2), a sua Sabedoria, que transformou as suas lágrimas em alegria.²³

A invocação de Ana é a expressão de que esta mulher, e todas as mulheres, são criadas à imagem de Deus e que, por isso mesmo, são ouvintes da sua Palavra e estão dispostas a proferir palavras de súplica, de ação de graças e de louvor àquele que as anima e sustenta. As suas palavras brotam de uma mulher que se sabe abençoada e agradecida, mas também de uma mulher que sabe agradecer e oferecer a Deus o que dele recebeu. Ana faz a sua oração não no momento do nascimento do seu filho, mas quando o leva ao templo para o entregar a Deus. A sua oração é, portanto, a expressão de uma mulher que, tendo recebido de Deus, está pronta a entregar-se totalmente, oferecendo o seu filho a Yahveh por todos os dias da sua vida (cf. 1Sm 1,28).²⁴

Judite foi uma mulher que entregou o seu coração a Deus (cf. Jud 15, 14-16,17), que através dos seus louvores alcançou a libertação do seu povo. Ela é uma mulher que não busca vangloriar-se, mas simplesmente busca a glória de Deus. Mesmo quando todos dizem a Judite «[...] Tu és a glória de Jerusalém! Tu és o supremo orgulho de Israel! Tu és a grande honra da nossa raça! [...]» (Jud 15, 9), ela não se manifesta como vitoriosa, nem todo-poderosa, mas reconhece que tudo foi um dom de Deus. Ela tem uma atitude de gratidão e de louvor convidando as pessoas do seu povo a juntarem-se à sua oração:

Bendita sejas, filha, pelo Deus altíssimo, mais que todas as mulheres da terra, e bendito seja o Senhor Deus, Criador do céu e da terra, que te conduziu para cortar a cabeça do chefe dos nossos inimigos. Jamais a tua confiança se afastará do coração dos homens, que recordarão para sempre o poder de Deus. Faça Deus com que sejas exaltada para sempre, que te vieste com seus bens, pois que não poupaste tua vida por causa da humilhação de nossa raça, mas vieste em socorro de nosso abatimento, caminhando, retamente, diante de nosso Deus [...] (Jud 13, 18-20).

Judite tem uma atitude de entrega colocando-se nas mãos de Yahveh como Criador e Senhor do Universo. Judite, por suas próprias mãos, libertará o seu povo, onde esta confiança com Deus lhe dará a mediação entre o seu povo e Yahveh.²⁵

Outra mulher que gostaria de destacar é Agar, foi uma escrava egípcia que teve uma difícil experiência pessoal com a sua senhora Sara. Depois dos conflitos sociais vividos, Agar

²³ Cf. Estévez, *Contemplación y mujeres*, 162-163.

²⁴ Estévez, *Contemplación y mujeres*, trad. livre, 163.

²⁵ Cf. Estévez, *Contemplación y mujeres*, 163-164.

foge para o deserto, onde tem um encontro pessoal com Yahveh no poço de Laai Roí (cf. Gn 16, 1-15). O olhar de Deus e as suas palavras de conforto fazem-na perceber a importância que teve para a Promessa de Yahven. Agar descobriu a sua autêntica liberdade quando se vê observada por Deus. «Vive uma experiência autofânica que culmina quando se abre à experiência teofânica.[...]»²⁶ Agar encontra Deus que a espera no profundo do seu ser. A busca por Deus é um chamamento a buscar Deus como «o Eu que sou», como «o que faz com que tu sejas, um tu, o meu tu»²⁷. Ao transpor o seu olhar, encontra a Deus no mais profundo do seu ser.

Em suma, no AT existem inúmeras mulheres históricas que, através dos seus ambientes culturais e sociais, ouvem nos seus passos a voz de Deus. Elas abrem-se a Deus a partir da experiência das próprias situações, de luta, de liberdade, de reprovação, de angústia, etc. Estes acontecimentos de sofrimento ou glória em muitas delas levam-nas a encontrar-se e a ascender-se ao transcendente, o que pressupõe uma grande capacidade de adentramento. Estes textos do Antigo Testamento são muito enriquecedores no que diz respeito às atitudes destas mulheres, nas quais vemos a sua escuta atenta e contínua ao que Deus vai querer dizer nas suas vidas. Tudo isso se deve à interiorização mais profunda de si mesmas onde Deus se faz presente, descobrindo assim a força de sua existência para viver e morrer por Ele.²⁸ A apresentação por parte da escritura da mulher faz com que possamos entender a realização plena da humanidade, capaz da relação com Deus, já que é a imagem de Deus. Assim, Deus relaciona-se com a pessoa humana concreta segundo a sua realidade particular.

O Deus de Jesus Cristo desde a experiência de encontro no NT fez-me adotar uma abordagem menos ingênua dos textos, porque estes foram escritos após o rebaixamento e exaltação de Cristo e, portanto, estão repletos de uma carga teológica feita por estruturas quiriarcas da esfera social, cultural e religiosa, típicas daquela época. Devemos ler estes textos com atenção, para tentar distinguir e descodificar as diversas posições e tradições desempenhadas pelas mulheres, a fim de desenvolver e mostrar uma reconstrução. Só assim poderemos examinar e esclarecer a contribuição que as mulheres daquela época tiveram nos textos bíblicos, nos pontos sobre doutrinas, símbolos e práticas religiosas.

Também é necessário neste ponto uma abstração da situação sociopolítica atual para respeitar o caráter diferente dos textos histórico-bíblicos que foram escritos noutra época. O

²⁶ Estévez, *Contemplación y mujeres*, trad. livre, 166.

²⁷ R. Panikkar, *La plenitud del hombre*, trad. livre, (Madrid: Siruela, 2004), 59; Cf. Estévez, *Contemplación y mujeres*, 167.

²⁸ Cf. Estévez, *Contemplación y mujeres*, 185.

foco deste ponto será a relação de fé, amor e missão que as mulheres tiveram para com Jesus e, por sua vez, Jesus para com elas. Abordarei os textos bíblicos tal como nos são apresentados, a partir de uma neutralidade e objetividade científica.²⁹

A primeira atitude que gostaria de destacar é a atitude da mulher cananeia no encontro com Jesus. Ela demonstra ao longo da história uma humildade e uma fé incomensuráveis, sendo um modelo de fé – «Mulher, grande é a tua fé!» (Mt 15, 21-28).

Tanto Jesus como a mulher cananeia tornaram possível o encontro, os dois abrem-se ao diálogo, ampliando a sua visão e quebrando preconceitos. Os dois entregam-se e ambos se sentem transformados pelo encontro. A mulher cananeia suplica pela saúde da filha e estabelece um diálogo com Jesus, de quem pode receber o seu pão. Esta mulher que só buscou a cura para a sua filha será a sanadora e mediadora para todos. A alimentação e a saúde, que só vem de Jesus, chegaria a partir daquele momento a todos, sem diferenciação.³⁰

É importante contextualizar que a comunidade de Mateus foi gradualmente abrindo portas para os que não eram judeus, o que causou conflitos relativamente às diferentes interpretações culturais, históricas, intraeclesiais e teológicas dentro da comunidade devido à diversidade de cristãos provenientes do judaísmo e dos gentios. A vinda dos gentios, que se dispunham a converter-se ao cristianismo, provocou diversas aproximações na comunidade de Mateus, que ainda não via claramente a aceitação total dos gentios, onde aos poucos começaram a perceber que a missão de Jesus era para «todas as nações» (Mt 28,19).

O evangelho de Mateus mostra-nos o encontro: «Jesus, partindo dali, retirou-se para a região de Tiro e de Sidónia. E eis que uma mulher cananeia, daquela região, veio gritando...» (cf. Mt 15, 21-22). Um encontro que possivelmente ocorreu nas fronteiras, entre o território dos gentios e o território judeu. Foi necessária, portanto, a saída de Jesus e da mulher cananeia da sua terra familiar, para assim poderem abrir-se ao desconhecido. A mulher cananeia faz-nos uma confissão de fé cristológica neste evangelho expressada da seguinte forma: «Senhor, filho de David, tem compaixão de mim...» (cf. Mt 15, 22). Estas palavras proferidas por uma mulher gentia mostram-nos uma grande dimensão teológica e litúrgica, que nos faz subentender que o evangelista quer destacar a sua fé.³¹

²⁹ Cf. Fiorenza, *Los caminos de la Sabiduría* (Santander: Sal Terrae, 2004), 123-134.

³⁰ Cf. I. Eibe, «La Cananea, modelo de mujer creyente para la comunidad (Mt 15,21-28)», em C. Bernabé (ed.), *Con ellas tras Jesús, Mujeres modelos de identidad cristiana* (Estella: Verbo Divino, 2010), 23-72.

³¹ «Que em Mateus é uma fé cognitiva que exprime a convicção no poder de Jesus como Senhor e que é reconhecida por uma resposta positiva à petição da pessoa.», em Gerd Theissen, *The Miracle Stories of the Early Christian Tradition*, trad. livre, (Edimburgo: T&T Clark, 1983), 138.

O grito da mulher cananea (cf. Mt 15, 22) pode ser interpretado para além da cura da sua filha, um grito de ajuda para si e para o grupo de mulheres da comunidade de Mateus «a favor de uma liderança inclusiva, superando as barreiras de género e éticas».³²

O diálogo entre a mulher cananea e Jesus e vemos que Jesus não respondeu na primeira fase (cf. Mt 15, 23). Só num segundo momento Jesus responde em duas partes, de forma inusitada e metafórica «Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel» (Mt 15, 24). Neste evangelho, o que Mateus quer mostrar-nos é claramente a ideia de que Jesus foi enviado ao povo judeu e que, portanto, não é certo dar aos gentios o que não lhes pertence: «Não fica bem tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos» (Mt 15, 26). Esta metáfora quer destacar não só a saúde da filha mas o próprio alimento.

A mulher pega nesta metáfora e aplica-a a si mesma, com um duplo sentido de marginalização por ser mulher e gentia, «Isso é verdade, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos!» (Mt 15, 27); revelando a possibilidade de os cachorrinhos poderem comerem as migalhas que caem da mesa (cf. Mt 15, 27). Nesta mulher percebe-se o claro choro pela filha, por ela mesma e pelo seu povo. Ela, com o seu diálogo de fé, rompe todas as fronteiras e possibilita que Jesus repense quem são os convidados da sua mesa. A mulher cananea é um dos pilares que fundamenta a narrativa da comunidade de Mateus, manifestando a missão dos discípulos depois da morte e ressurreição de Jesus (cf. Mt 28, 16-20). A sua fé, juntamente com a sua sabedoria, possibilita a Jesus reestruturar os limites do seu ministério. Esta mulher através da sua reação, «condiciona a história da consciência de Jesus e esta, a forma como o Reino é apresentado como chegado, vindo e por vir.».³³ Este diálogo transformou a visão que Jesus tinha da sua missão e também clarificou a ideia que ele tinha da mulher, que «deixará de estar fora por reconhecê-la como uma mulher crente, uma discípula».³⁴ Em definitivo, esta mulher é um modelo de fé para todos os crentes (cf. Mt 15, 28), sendo para muitos a mediadora do alimento de Jesus.³⁵

A mulher com fluxo de sangue «Minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz...» (Mc 5, 24b -34) é para mim um modelo a seguir, pela sua fé e por provocar uma grande experiência de encontro. A hemorragia, devido ao seu carácter sexual, ao sangrar-lhe os seus órgãos femininos, tem um certo valor de discrição emocional, o que indica simbolicamente que esta mulher foi

³² E. Estévez, *Mediadoras de sanación. Encuentros entre Jesús y las mujeres: Una nueva mirada*, trad. livre, (Madrid: San Pablo-UPCO, 2008), 286 e 303-306.

³³ Cf. O. González de Cardedal, *Cristología*, trad. livre, (Madrid: BAC, 2001), 46.

³⁴ Estévez, *Mediadoras de sanación*, 290.

³⁵ Cf. Eibe, «La Cananea», 65-72; Cf. E. Estévez, *Las mujeres en los orígenes del cristianismo* (Estella: Verbo Divino, 2012), 104-106.

ferida na sua feminidade. O que significa isto? Ela foi maltratada pelos homens, foi usada como objeto sempre no âmbito sexual. O que podemos verificar é que esta mulher demonstra uma grande falta de autoestima, ao esconder-se na multidão. Esta mulher tem uma autoestima feminina completamente manchada por um sistema patriarcal que a leva a esconder-se como massa e a não afirmar-se como alguém singular.

Esta história mostra-nos uma visão, um palco, onde está Jesus e a multidão de pessoas que o seguem. É muito interessante que o desespero desta mulher a leve a tocar no manto. Nesse preciso momento aconteceu algo muito interessante, o evangelho diz que Jesus sentiu sair uma *dynamis* e então Jesus para e faz uma pergunta efêmera «Quem tocou minhas roupas?» (cf. Mc 5, 30). Os discípulos de Jesus fizeram ver-lhe que esta questão não era importante. «Estás vendo a multidão que te comprime e perguntas “Quem me tocou?”» (cf. Mc 5, 31). Neste momento há algo muito sugestivo: a mulher, depois de ter tocado no manto de Jesus, sente que a hemorragia parou, mas curiosamente o que parou foi o sintoma, mas não o que o provocou. E, portanto, de alguma forma Jesus tem consciência de que o processo terapêutico ainda não terminou. Ele não quer simplesmente curar os sintomas, mas devolver a vida à pessoa. É uma ferida causada pelos homens, uma falta de autoestima, uma exclusão dentro do sistema ritual do Judaísmo daquela época. Isso teria de ser curado, caso contrário, porquê este relato? Possivelmente esta mulher mais cedo ou mais tarde voltaria a sangrar novamente.

Então, de repente, o que Jesus faz é de uma extrema contradição: Jesus para, olha ao seu redor o que está a provocar uma certa tenção para que a pessoa que o tocou deixe de ser multidão e se reivindique como alguém, o que significa restabelecer a autoestima perdida. A atenção que a história sugere faz com que a mulher temerosa manifeste-se dando um passo à frente. Esta mulher estava amedrontada porque foi descoberta, porque tem de manifestar-se como alguém, apesar da sua falta de segurança, receosa porque tem de enfrentar um homem e a sua experiência com os homens não tem sido especialmente positiva, porque os homens sempre a trataram como objeto de uso e abuso.

Esta mulher, com temor, com insegurança, dá um passo à frente, mudando o foco, onde agora não é só Jesus e a multidão, mas Jesus e ela. É nesse encontro pessoal, onde o processo terapêutico e o processo curativo são cerrados, porque Jesus gera um espaço de incondicionalidade em torno de si, onde ela se sente aceite e, portanto, aliviada dos seus medos e revalorizada como alguém único e irrepetível, não usado, mas amado incondicionalmente e de forma gratuita. É este espaço de incondicionalidade que produz a culminação do processo terapêutico. «Minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz e estejas curada desse teu mal» (cf. Mc

5, 34). É a partir deste momento que ela fica curada da doença, não antes, quando a hemorragia estagnou, momento em que unicamente os sintomas pararam. Jesus restitui-a à vida, incorpora-a na sociedade, mas também a integra, conseguindo que ela seja capaz de mostra-se como alguém que tem dignidade e que, portanto, é merecedora de respeito.³⁶

A figura desta mulher tem uma grande riqueza no evangelho de Marcos. Só ela é curada na esfera pública. Jesus tenta procurá-la no meio da multidão, e ela dá um passo à frente e coloca-se no centro dizendo a Jesus «toda a verdade» (cf. Mc 5, 33). As palavras desta mulher são a fórmula de gratidão pela onipotência de Jesus como centro da comunidade na qual ela passa a ser integrada «filha» (cf. Mc 5,34), constatando-se também o testemunho da sua lealdade. É uma mulher de muita força nas suas palavras, que integra qualidades essenciais do discipulado. Ela é uma anunciadora, sendo um incentivo para a comunidade de Marcos. A sua fé é o centro nuclear do testemunho e do seguimento, conseguiu derrotar os seus medos e deu testemunho de quem verdadeiramente é Jesus.³⁷

Outro modelo de seguimento e de encontro são as mulheres que são testemunhas da elaboração do Kerigma e fazem memória da salvação universal (Lc 24, 1-11). No evangelho de Lucas podemos demonstrar o ministério que as mulheres tiveram como autoras e mensageiras antes, durante e depois da Páscoa, fazendo memória na comunidade de Lucas. «Lembrai-vos de como vos falou, quando ainda estava na Galileia: “É preciso que o Filho do Homem seja entregue às mãos dos pecadores, seja crucificado, e ressuscite ao terceiro dia”. E elas se lembraram de suas palavras» (cf. Lc 24, 6b-8). Estas mulheres fazem parte da história universal, que para Lucas é a história da salvação. É fazer memória do que já aconteceu anteriormente, para assim voltar a fazer parte de um todo. Da mesma forma, são testemunhas na e da Galileia, recordando os ensinamentos de Jesus, fazendo uma memória renovada daquelas palavras.

O evangelista propõe um relato com equidade e fidelidade, que não exclui por si só os documentos escritos, mas que sabe que houve anteriormente uma tradição oral,³⁸ que ele pretende reunir e proteger assim os acontecimentos da história da salvação. Estes

³⁶ Cf. S. Béjar, *Los milagros de Jesús* (Barcelona: Heder, 2018), 86 e 105-109.

³⁷ Cf. Estévez, *Las mujeres en los orígenes*, 110-111.

³⁸ «É muito plausível que, por detrás do relato da visita ao túmulo (Lc 23,55-24,12), exista uma tradição muito antiga que teria sido transmitida oralmente com variações até ser adotada por Marcos e João. Mateus e Lucas também a teriam conhecido e utilizado em diferentes graus, juntamente com a sua fonte principal, que seria Marcos. Poder-se-ia argumentar a favor da existência de uma antiga tradição oral que falava da visita de várias mulheres ao túmulo onde Jesus tinha sido depositado no primeiro dia da semana. Lucas seguiria, em princípio, o relato de Marcos, mas com diferenças e acrescentando certos elementos redaccionais, entre os quais a referência a recordar as palavras de Jesus na Galileia. Por conseguinte, se ele segue parcialmente Marcos, tem atrás de si essa antiga tradição oral», Cf. A. Unzurrunzaga, «Las mujeres como portadoras y creadoras de la memoria de los orígenes (Lc 24, 1-11)», em Bernabé, *Con ellas tras Jesús*, trad. livre, 77 e 78.

acontecimentos não abrangem apenas o ministério público de Jesus: o *Kerigma*, mas também a missão daqueles que desde o início transmitiram e fizeram memória, sendo assim testemunhas e servidoras da Palavra.³⁹ O amor que estas mulheres manifestavam no seguimento de Jesus, fizeram com que elas perdurassem desde a Galileia até à morte de Cruz. Estes laços levam-nas a visitar o túmulo, sinal da sua amorosa dedicação e entrega, onde têm a primeira manifestação da revelação.

Neste evangelho podemos mencionar algumas destas mulheres que estavam vinculadas pelo seu amor: Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, entre outras. Elas serviram Jesus e os seus discípulos com os seus bens, acompanhando-os no anúncio, no qual permaneceram sempre fiéis à sua missão (cf. Lc 8, 1-3). Estas mulheres caminharam com Jesus até Jerusalém, onde foram testemunhas oculares desde o início. Como podemos ver em Lc 24, fragmento predominante que destaca que são elas as intérpretes do anúncio, estas mulheres são as primeiras a receber o anúncio de que Jesus vive (cf. Lc 24, 5-6). Nestes dois versículos descobrimos como elas conseguem fazer memória. O anjo encorajou-as a recordar as palavras proferidas por Jesus na Galileia, nas quais Jesus anuncia a sua própria Paixão (cf. Lc 9, 22; 9, 44; 17, 25). «E elas se lembraram de suas palavras» (Lc 24, 8). Neste versículo, Lucas quer dar a entender que elas não estão apenas a recordar algumas palavras de Jesus, mas sim a viver uma experiência transformadora, atualizando nos seus corações o que já aconteceu, onde há um clímax de um antes incompreensível para uma experiência de fé plena. Este acontecimento faz com que atualizem no presente o vivenciado anteriormente e o conectem com a história da salvação.

Aprofundando mais o evangelho de Lucas, não vemos que exista um encargo para anunciar o que vivenciaram estas mulheres. Mas elas também o anunciaram igualmente (cf. Lc 24, 9). É neste ponto que se percebe de certa forma uma tensão, através da qual Lucas aponta a incredulidade dos apóstolos.⁴⁰ Eles consideram este rumor como um delírio das mulheres, manifestando de certa forma o domínio social devido à liderança dos homens que se percebia

³⁹ Cf. «Unzurrunzaga, Las mujeres como portadoras», 77-92.

⁴⁰ Também podemos demonstrar este tema de descredito por parte dos homens em relação ao discurso das mulheres no Evangelho de João (cf. Jn 4, 1-42). «Depois da autorrevelação de Jesus à mulher como ‘Eu sou’ o Messias enviado por Deus, a passagem, até agora centrada na mulher e em Jesus à volta do poço, surpreende-nos com a rápida sucessão de acontecimentos e cenários que, entrelaçando-se entre si, narram, por outro lado, o diálogo que Jesus mantém com os discípulos que, inauditamente, chegam ao local (4,27.31-38) [...]. O aparecimento dos discípulos na ceia (4,27) quebra o curso normal da narrativa e é artificial. [...] O autor do Evangelho quis deixar claro na sua narrativa a tensão subjacente à cena. Os discípulos, ao chegarem, ficam espantados ao verem que Jesus está a falar com a mulher; a razão do seu espanto, portanto, não é a sua etnia samaritana, mas tem a ver com o seu género [...] A razão da surpresa dos discípulos tem a ver, [...], com o facto de ter sido a uma mulher que foi revelado o verdadeiro lugar de culto e a identidade messiânica de Jesus», Cf. E. Aldave, «El desafío de una misionera: la mujer samaritana (Jn 4,1-42)», em Bernabé, *Con ellas tras Jesús*, , trad. livre, 235-239.

estar a fortalecer na comunidade de Lucas, onde se denota que os Doze vão ganhando preponderância.

[...] Embora o grupo de apóstolos não tenha abandonado a sua relação com Jesus, estando, de facto, entre os “seus conhecidos” no local da crucificação, agora consideram a notícia das mulheres hôsei lêros, “como (se fosse) um embuste (delírio)”. É essa interpretação que fizeram as mulheres da vida de Jesus e o anúncio de que ele não está morto é considerado um delírio. O termo lêros é um hápax legomena, que significa “palavra ou diálogo que é um completo e total absurdo, um disparate ou um desvario”. [...].⁴¹

É verdade que sabemos que não foi assim, o que as mulheres testemunham tem plenamente veracidade e por isso os discípulos, como expressa mais tarde Jesus ressuscitado, são deste modo «insensatos e lentos de coração» (cf. Lc 24, 25) para compreenderem. O evangelista não nega a fé das mulheres nem as suas palavras, no entanto, pretende sublinhar que a fé dos homens não se baseia no anúncio das mulheres, mas nas aparições posteriores do Senhor Ressuscitado.

Na comunidade de Lucas pretende-se adquirir uma uniformidade grupal própria e forte. Isto não deve levar-nos a pensar que as mulheres são um complemento dos homens, mas sim uma parte constituinte da comunidade, onde estabelecem o seu próprio grupo dentro da comunidade, no qual perseveram na sua memória os seus próprios feitos e rasgos exclusivos como discípulas de Jesus.

Lucas, na sua narração, mantém tradições sobre as mulheres que refletem a memória desse subgrupo no seio da comunidade e atribui-lhes um papel positivo; ao mesmo tempo, porém, revela as razões da preferência pelos homens na apresentação que os Actos fazem da organização do grupo cristão, da atividade missionária pública e da sua defesa perante as autoridades. A preferência pelos homens que se manifesta nos Actos, em parte, oculta, silencia e torna invisíveis as mulheres.⁴²

Apesar de tudo, na sua memória atualizam as palavras de Jesus na Galileia e a sua fé no Jesus ressuscitado faz com que elas se manifestem e questionem-se o papel que lhes é atribuído, conservando o anúncio do Ressuscitado na presente comunidade, tornando-se assim testemunhas fundamentais. Teologicamente com este evangelho podemos dizer que a salvação e o amor de Deus não têm limites humanos. A sua misericórdia está unida a quem se entrega por Ele, a sua salvação é universal, criando assim um efeito libertador nas suas vidas. Assim,

⁴¹ Cf. A. Unzurrunzaga, «Las mujeres como portadoras», 94; Cf. J. Louw e E. Nida, *Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains* (Nueva York: United Bible Societies, 1988), 432.

⁴² Unzurrunzaga, «Las mujeres como portadoras», trad. livre, 100.

pode-se afirmar que na obra do evangelista Lucas as mulheres e os homens fazem memória na comunidade, o que fortalece a fórmula com que ambos os grupos têm de elaborar, a sua própria originalidade dentro da comunidade. Nele se abrirá e se dignificará um mundo partilhado entre todo o ser humano.⁴³

Como último exemplo de experiência de encontro e comunhão destaco o aprofundamento do amor de Maria em Betânia (Jo 12, 1-11) que faz despertar Jesus (Jo 13, 4-5). Nesta seção gostaria de aprofundar o paralelismo entre a unção de Betânia e o lava-pés. Na primeira passagem, Maria prostra-se aos pés de Jesus e unge-os com um caríssimo perfume de nardo puro (cf. Jo 12, 3). Maria quer demonstrar o lugar que Jesus ocupa e o desejo de querer o melhor para Ele. A quantidade de perfume mostra-nos a dedicação pessoal de Maria que transborda a lógica humana. O amor sem limites de Maria leva-a a secar os pés de Jesus com os seus próprios cabelos. Uma entrega de si mesma, uma doação do seu próprio ser. Maria quer demonstrar que o seu amor não tem limites e que está disposta a oferecer a sua vida por Jesus. A unção faz com que o perfume transcenda os limites, expanda-se para além da estrutura física da casa, mostrando o Espírito de amor que cria a vida e faz florescer a comunidade. Esta ação de Maria influenciou e criou um vínculo entre o plano de Jesus e os membros da comunidade. Desta forma, o evangelista quer estabelecer uma relação entre o gesto de Maria em Betânia e o gesto de Jesus do lava-pés aos seus discípulos. Os dois textos estão relacionados com o pré-anúncio da paixão, morte e ressurreição (cf. Jo 12,7-8 e 13,12-20), e como o sentido de amor mais puro que leva à doação plena e ao serviço à comunidade.

O impacto que o gesto de Maria teve em Jesus, foi tal que ele mesmo o utilizou mais tarde com os seus discípulos (cf. Jo 13, 4-5) no lava-pés, para expressar simbolicamente o amor e a dedicação sem medida que lhes tem, até doar a própria vida na cruz. Com este gesto Jesus quer mostrar como deve ser a relação entre os membros da comunidade. Jesus rompe com os modelos de poder da cultura da sua época e com os hábitos já enraizados. E mostra que a melhor forma de se relacionar em comunidade e na sociedade é através do amor e da entrega.⁴⁴

Este paralelismo é muito significativo, porque Jesus assume o gesto de uma mulher livre e não de uma escrava, «[...] o gesto de Maria torna mais explícito que é o amor que cria a comunidade e que é a entrega generosa que torna possível esta realidade, quando se quebram

⁴³ Cf. Unzurrunzaga, «Las mujeres como portadoras», 77-114; Cf. Estévez, *Las mujeres en los orígenes*, 75-90; Cf. M. Perroni, «Discípulas, pero no apóstoles: La obra de Lucas», em M. Navarro e M. Perroni (eds.), *Los Evangelios Narraciones e historia*, (Estella: Verbo Divino, 2011), 195-200.

⁴⁴ Cf. M. RODRÍGUEZ, «Un gesto de mujer como inspiración del lavatorio de los pies de Jesús (Jn 13, 1-20)», em C. Benabé (ed.), *Con ellas tras Jesús, Mujeres modelos de identidad cristiana*, (Estella: Verbo Divino, 2010), 182-192

os paradigmas de relação existentes no contexto religioso e sociocultural». ⁴⁵ Ele vê nela uma entrega pessoal total e cheia de amor. Este gesto da mulher faz com que Jesus, posteriormente, o formule como modelo de relação horizontal para a sua comunidade de mulheres e homens (cf. Jo 13, 12b-14). ⁴⁶

⁴⁵ Cf. RODRÍGUEZ, «Un gesto de mujer», trad. livre, 191.

⁴⁶ Cf. RODRÍGUEZ, «Un gesto de mujer», 192-197.

Capítulo 2 - O amor pericorético do Mistério Trinitário em relação com a pessoa



Figura 2 - © Adão Chaves: «A linguagem do Mistério Trinitário vai para além da razão humana».

Podemos examinar a questão essencial da linguagem que devemos usar para falar de Deus. Para entrar neste tema tão complexo sobre o Mistério Trinitário⁴⁷ tenho de remar contracorrente e deixar de lado os meus próprios conflitos internos que me foram surgindo durante este estudo, devido às ideias formadas por uma cultura com as suas bases uma estrutura patriarcal herdada da nossa história. O meu objetivo é deixar-me contagiar pelo pensamento teológico feminista e poder assim articular sinteticamente a exposição da doutrina trinitária tal e qual como foi elaborada pelas teólogas contemporâneas, especialmente por E. Johnson na sua obra «La que es».

A linguagem do Mistério Trinitário vai para além da razão humana. Começarei este estudo com uma ratificação de Tomás de Aquino, que constata que o modo da linguagem extrabíblica para falar sobre Deus se fundamenta nas necessidades e contextualizações históricas: «“A necessidade de condenar as heresias obriga a encontrar novas palavras para exprimir a antiga fé em Deus”». Temo também que: “não é uma espécie de novidade que deva

⁴⁷ Depois de ter lido a obra de Elizabeth Johnson, «La que es. El misterio de Dios en el discurso teológico feminista», tentarei de uma forma neutra estudar o desenrolar histórico da doutrina trinitária e da teologia feminista.

ser evitada. Nem é algo profano, pois não nos desvia do sentido da Escritura.”».⁴⁸ Com estas palavras sábias de S. Tomás de Aquino, podemos entender que os modelos de linguagem sobre o Mistério de Deus podem ser expressos a partir de outras perspectivas e experiências que se dão noutros parâmetros vivenciais que caracterizam o Deus vivo na sua ação libertadora e onde há uma autoimplicação amorosa para o mundo. Portanto, quando se modificam as culturas, terá de se modificar a especificidade da linguagem sobre Deus.⁴⁹

Concretizar uma linguagem sobre Deus é algo que nos transcende, para além de todo o razoável. Não a podemos abarcar em conceitos, nem encerrá-las em palavras humanas, porque o Mistério de Deus ultrapassa-nos. Como nos recorda Elizabeth Johnson, alguns teólogos de diferentes épocas confirmam-nos com veracidade a nossa impotência para abarcar uma linguagem sobre o Mistério inesgotável:

[...] recordemos a ideia de Santo Agostinho de que, se compreendemos, então o que compreendemos não é Deus; o argumento de Anselmo de que Deus é maior do que aquilo que pode ser concebido; [...] a regra prática de Tomás de Aquino de que podemos saber que Deus existe e o que Deus não é, mas não o que Deus é; [...] a insistência de Sallie McFague na necessidade de dar o salto para a metáfora, uma vez que nenhuma linguagem sobre Deus é adequada e todos os seus conteúdos impróprios.⁵⁰

É certo que ao longo da história foram dados passos e feito grandes esforços para articular o que a palavra de Deus aponta, mas sabemos que ainda este estudo é inabarcável e devemo-lo seguir purificando e aprofundando porque o Mistério é inesgotável e interminável. Como escreve Karl Rahner, se «postula, na realidade, uma história do nosso próprio conceito de Deus que nunca deve dar-se por concluída.».⁵¹ Todos somos chamados a procurar de uma forma inconclusiva o conceito de Deus através do amor incondicional que Deus nos dá. É através da experiência vivificante do encontro com Deus mesmo onde abrimos os nossos horizontes a uma nova tradição viva, onde hoje floresce a teologia feminista, uma graça vivificadora para toda a Igreja. O concílio Vaticano II falou desta compreensão progressiva da revelação nos seguintes termos:

⁴⁸ Tomás de Aquino, *Suma de teología* Ia, q.29 a.3, em E. Johnson, *La que es, El misterio de Dios en el discurso teológico feminista*, trad. livre, (Barcelona: Herder, 2002), 22.

⁴⁹ Johnson, *La que es*, 17-34.

⁵⁰ Aquí Johnson refier-se a Agustín de Hipona, *Sermo 52*, c.6, n.16 (PL 38.360); S. Anselmo, *Proslogion*, caps. 2-3; Tomás de Aquino, ST I, q.3, prefacio; Sallie McFague, *Models of God: Theology for an Ecological, Nuclear Age* (Filadelfia: Fortress, 1987), 35; em Johnson, *La que es*, trad. livre, 22-23.

⁵¹ K. Rahner, «The Specific Character of the Christian Concept of God» em, *Theological Investigations XXI*, trad. livre, Darton, Longman and Todd, London 1988, 185-195.

Esta tradição apostólica progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo. Com efeito, progride a percepção tanto das coisas como das palavras transmitidas, quer mercê da contemplação e estudo dos crentes, que as meditam no seu coração (cfr. Lc. 2, 19. 51), quer mercê da íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais, quer mercê da pregação daqueles que, com a sucessão do episcopado, receberam o carisma da verdade. Isto é, a Igreja, no decurso dos séculos, tende continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela se realizem as palavras de Deus.⁵²

A problemática referida leva-nos, então, às questões sobre «Imago Dei». Sendo este um tema tão complexo partimos da seguinte premissa: as mulheres foram criadas à imagem e semelhança de Deus, liberadas e justificadas por Cristo, e santificadas pelo Espírito Santo, de igual modo que os varões. Ambos, mulheres e varões imersos na mesma miséria do pecado e no sacramento da graça, destinados a uma missão comum segundo a qual glória de Deus é partilhada com a humanidade. Podendo, portanto, afirmar que a *Gloria Dei vivens homo* é portanto, também a *Gloria Dei vivens mulier*.⁵³ Podemos dizer que o amante do mundo e a sua glória estão em correlação com a felicidade humana. É aqui onde podemos ver uma certa contradição por parte da história sobre a identidade teológica das mulheres, que nos remete com claridade para um sexismo cultural e social, arrastado ao longo dos tempos pelas dinâmicas patriarcais, que não valoram a humanidade única das mulheres, e com a mesma dignidade que a dos varões, e que muitas vezes leva a injustiças e a domínios. Desta forma emergem no pecado que nos desvincula do plano amoroso de Deus, a saber, que vivemos entre nós, varões e mulheres, em comunhão. Dito de outro modo, que realizemos a nossa semelhança com a Trindade divina que é comunhão de pessoas.

Diz no Evangelho segundo São Marcos: «amarás ao teu próximo como a ti mesmo» (cf. Mt 22, 39). Deste modo somos convidados a construir uma teologia Trinitária onde todos os seres humanos se sintam incluídos e livres sendo, assim, fiéis ao propósito da criação. Isto leva a que a teologia feminista não seja só feita por mulheres, se não é feita pelo ser humano que quer o respeito à igualdade de dignidade entre o varão e a mulher. O que se quer questionar na teologia feminista é a libertação das mulheres e varões dos rótulos sociais que os oprimem, para que assim possam surgir novas formas de relações salvíficas com toda a criação, no presente e com as novas gerações futuras.

⁵² Cf. DV 8, acedido a 22 de abril de 2024,

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html

⁵³ «Santo Ireneu utiliza o axioma *Gloria Dei vivens homo*: a glória de Deus é o homo, isto é, o ser humano, todo o género humano, cada indivíduo, plenamente vivo [...] Uma comunidade de justiça e de paz (que inclui o desenvolvimento das mulheres) e a glória de Deus crescem em proporção direta e não inversa.», em Johson, *La que es*, trad. livre, 32-33.

Ao longo da tradição cristã usou-se uma linguagem patriarcal para Deus, misturou-se com rasgos relacionados com a função maternal das mulheres. Tal como menciona Elizabeth Johnson, desta maneira via-se a um Deus Pai com certos rasgos femininos subordinados à figura do pai, pelo que eram desvirtuados:

A ideia-chave para a utilização desta perspetiva por um autor é quase sempre a palavra rasgos: a bíblia permite-nos falar dos rasgos maternais de Deus (Visser't Hooft); para transformar a nossa cultura hipermasculinizada, precisamos de nos referir aos rasgos femininos de Deus (O'Hanlon); embora o tenhamos esquecido, o Deus da revelação tem rasgos femininos, como a ternura (Congar); Deus não é simplesmente masculino, mas possui rasgos maternais (Kung).⁵⁴

Com este modo de falar tenta-se apaziguar o modo de falar de Deus Pai com rasgos femininos tentando adocicar a imagem patriarcal que, desde o meu ponto de vista, necessita de uma reforma. É indubitável que muitos teólogos tentaram abordar tanto o tema do sexismo como a misoginia, que provocaram grandes prejuízos na antropologia cristã e na doutrina Trinitária, mas que ainda assim é insuficiente. A teologia feminista o que quer chamar a atenção é que não se trata de negar a paternidade de Deus, porque é o símbolo cristão por antonomásia, mas quer fazer notar que este símbolo não está fechado nem é exclusivo. Este símbolo de Deus Pai deve estar aberto a uma correlação com a imagem de Deus como mãe, para que assim possa haver um progresso e aperfeiçoamento a partir de outros símbolos. Deste modo, em vez de usar a palavra «rasgos»⁵⁵ para falar de Deus, podemos adotar outros símbolos mais agradáveis e integradores onde se possa falar do ser de Deus como libertação e não opressão. Um ponto crítico que se pode indicar é o modo de usar ideias relativas aos dois sexos. Assim, sendo o ser humano uma multiplicidade tão valiosa, não podemos submeter, estereotipar, nem atribuir ao infinito Mistério de Deus dois ideais opostos: o masculino e o feminino. Quando criamos estereótipos, criamos uma dualidade antropológica, o que não nos permite ter uma visão mais fiel sobre a glória de Deus.⁵⁶

A teologia contemporânea apresenta o Mistério Trinitário a partir de uma comunhão de amor transbordante, é pura relação de amor entre pessoas divinas.⁵⁷ A unidade em Deus Trino

⁵⁴ Visser't Hooft, *Fatherhood of God*, 133; O'Hanlon, *Future of Theism*, 7-8; Yves Congar, *I Believe in the Holy Spirit*, 3 vols., trad. David Smith (Nueva York: Seabury, 1983) 3:155164; Hans Küng, *Does God Exist?* (véase cap. 2, n.6) 673, em Johnson, *La que es*, trad. livre, 75.

⁵⁵ «Assim, os aspetos da doçura e da compaixão, o amor incondicional, o respeito e o cuidado com os mais frágeis, a sensibilidade e o desejo de não dominar, mas de ser companheiro, amigo e íntimo, podem ser predicados de Deus e torná-lo mais atrativo», em Johnson, *La que es*, trad. livre, 74-75.

⁵⁶ Cf. Johnson, *La que es*, 74-76.

⁵⁷ Cf. Johnson, *La que es*, 291.

não é substância, nem um sujeito absoluto, mas sim uma comunhão.⁵⁸ O modelo de comunhão parte de uma supremacia de ser como ato de relação. Relação comunicativa, *amor*, é a chave do ser:⁵⁹ tudo existe, nada subsiste. Deste modo, «Deus é um ser auto-subsistente, o próprio ser, *ipsum esse subsistens*».⁶⁰ Ele é a união infinita de três pessoas em amor infinito e não há nenhuma natureza divina fora das três pessoas e das suas relações. Este Deus relaciona-se doando-se. Desta forma, o mundo é criação de Deus e o ser humano é imagem precetora da sua doação. Deus é um porque é uma comunhão infinita de pessoas. Deus é pericorese agápica de Amor.⁶¹ A pericorese é a atividade dinâmica de amor: «[...] o Pai, o Filho e o Espírito Santo estão de tal modo unidos que se penetram e se abarcam completamente, que não guardam nada para si próprios, mas concedem e entregam mutuamente tudo o que são».⁶² A unidade divina é uma unidade no amor interpessoal. A pericorese⁶³ é a unidade dinâmica de amor que radica nas mesmas pessoas. Este amor não é um ato separado das pessoas, as relações, está nas pessoas, é coconstituente nelas mesmas. Na unidade divina existe uma íntima *koinonia* de amor. Esta é a verdadeira natureza de Deus: «Deus é Amor» (1Jn 4,16). As pessoas veem-se desde as relações, não como relações de oposição, mas sim como recepção e doação de si, como corrente comunicativa. As pessoas são desta forma diferentes modos de relação de amor. Cada pessoa têm a sua identidade própria, visto que não há unidade sem pluralidade. Esta identidade forma-se a partir de si e a partir do outro, como doação e recepção.⁶⁴ Esta identidade única de cada pessoa deve ser percebida como identidade relacional, onde a pluralidade é tão originária como a identidade. Para o nosso pensamento devemos de saber que:

⁵⁸ Com o Concílio de Florença podemos começar a ver a unidade da divindade: «Por causa desta unidade, o Pai está todo no Filho, todo no Espírito Santo; o Espírito Santo está todo no Pai, todo no Filho. Nenhum precede o outro na eternidade [...]», em J. Collantes, *La fe de la Iglesia Católica*, trad. livre, (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1984), 343; Cf. G. Zarazaga, *Dios es comunión* (Salamanca: Secretariado Trinitario, 2004), 253-320; Cf. L. Ladaria, *La trinidad. Misterio de Comunión* (Salamanca: Secretariado Trinitario, 2002), 65-135.

⁵⁹ «Tomás de Aquino usa o termo ‘ser’ para definir o que melhor especifica este mistério: a sua vitalidade inalcançável. Em Deus, essência e existência são uma e a mesma coisa, de modo que a própria natureza de Deus é esse, ser.», em Johson, *La que es*, trad. livre, 301.

⁶⁰ Cf. ST Ia, q.3, a. 4; Cf. Johson, *La que es*, 301.

⁶¹ O término pericorese e amor identifica-se em quanto que a pericorese não é se não a atividade dinâmica do amor. Cf. Zarazaga, *Dios es comunión*, 312-320.

⁶² G. Greshake, *El Dios uno y trino: Una teología de la Trinidad*, trad. livre, (Barcelona: Herder, 2001), 124.

⁶³ A perijóresis não resulta ser algo diferente das pessoas se não que são as três pessoas na sua infinita comunhão recíproca. Cf. Zarazaga, *Dios es comunión*, 312-320.

⁶⁴ Aquí Gonzalo Zarazaga refere-se a González que diz-nos que: «El amor no es algo así como una relación categorial que afecta accidentalmente a la sustancia. El amor es más bien aquí entendido precisamente como aquella realidad interpersonal en virtud de la cual cada persona es plenitud de sí en la otra pero no por insuficiencia, por necesidad, sino por la propia superabundancia efusiva del amor que la constituye», A. González, *Trinidad y liberación* (San Salvador: UCA, 1994), 213; citado por Zarazaga, *Dios es comunión*, trad. livre, 318.

Natureza e relação distinguem-se na nossa concetualização porque, como seres históricos e finitos, temos tendência a considerar as coisas primeiro sob um aspeto e depois sob outro. Mas, no que diz respeito a Deus enquanto Deus, a natureza divina é fundamentalmente relacional.⁶⁵

Deste modo podemos ver que o Mistério de Deus Trino é a comunhão interpessoal unificada pelo amor e a igualdade em dignidade dado que as três pessoas são divinas na qual podemos constatar uma dura crítica do domínio patriarcal estabelecido pela sociedade. Desta maneira podemos adentra-nos e questionar-nos sobre as nossas relações com o próximo. Se olharmos para a imagem da Trindade como amor e como comunhão de três pessoas, podemos relacionar Deus que se dá como amor infinito, relacional e livre com o criado. Na criação não deveria de haver espaço, portanto, para a repressão entre nós.⁶⁶

A natureza da Trindade vista a partir do paradigma de comunhão faz-nos conhecer um Deus Trino na sua relação com o criado. Assim, mesmo havendo uma relação mútua, dado que «O amor não é algo como uma relação categórica que afeta acidentalmente a substância. Pelo contrário, o amor é aqui entendido precisamente como aquela realidade interpessoal em virtude da qual cada pessoa é plenitude de si na outra, não por insuficiência, por necessidade, mas pela superabundância efusiva do amor que a constitui.»⁶⁷

Relativamente à relação da Trindade com o mundo, podemos fazer uso do autor de Efésios quando afirma que o nosso Deus «há um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos» (Ef 4,6). A Trindade desta maneira habita profundamente no coração do mundo. É totalmente transcendente, infinita, puro amor, cuja radicalidade relaciona-se com o finito. Ele dá vida, força, ânimo, esperança a tudo o criado, reabilitando contra as formas antagónicas. A sua presença divina no mundo não é uma sombra que nos persegue ditando-nos e fechando-nos, mas sim é essencialmente fundamento da própria liberdade.

O modo de ver o mundo na Trindade é diferente quando se pretende saber se essa condição de morada é mútua. Será que o mundo está igualmente presente na Trindade? Na perspectiva feminista, reconhece-se a necessidade de encontrar um modelo que modifique as visões básicas do teísmo clássico e do panteísmo clássico.⁶⁸ O modelo mais factível para a

⁶⁵ Johnson, *La que es*, trad. livre, 291.

⁶⁶ A teologia feminista ressalta estas virtudes desta compreensão de Deus como amor infinito, como relação. Cf. Johnson, *La que es*, 247-285, 287-311.

⁶⁷ Johnson, *La que es*, trad. livre, 292.

⁶⁸ «Para o teísmo clássico, o mundo existe sempre e em todo o lado ‘fora’ do ser divino. Que o mundo possa habitar em Deus é virtualmente uma impossibilidade ontológica, dada a estrutura da ideia teísta de Deus como Ato Puro, intrinsecamente incapaz de ser afetado por qualquer coisa que tenha sido criada. [...] De acordo com a lógica do seu sistema, se o mundo introduzisse uma diferença em Deus, isso implicaria necessariamente uma diminuição da própria divindade, pois, por definição, o ser divino deve transcender qualquer influência externa. O divórcio entre Deus, definido em termos de natureza divina sem qualquer relação com o criado, [...] o panteísmo clássico, a ideia

visão feminista, que se baseia na concepção trinitária, é o panenteísmo.⁶⁹ Este não questiona o seguinte: «a crença de que o Ser de Deus inclui e penetra todo o universo, de modo que cada parte deste existe n'Ele, mas que (contrariamente ao panteísmo) este Ser é mais do que, e não se esgota no universo».⁷⁰

Com este modelo de comunhão notamos uma relação aberta e mútua, na qual verificam-se as diferenças, porém há reciprocidade relacional. Desta maneira podemos ver a Trindade no mundo e o mundo na Trindade. Este modelo tenta preservar a união entre o Criador e a criatura: a Divindade infinita transcende-nos, mas ao mesmo tempo inclui em si o finito. Karl Rahner diz-nos: «a relação entre as criaturas e o seu Criador não diminui a diferença entre elas, antes a aumenta na proporção direta da força da sua união».⁷¹ Deste modo o Mistério Trinitário, pela sua vontade de amor ilimitado, partilha com o finito o seu ágape pericorético interno que se desborda para o criado como um vínculo amoroso, íntimo, livre e puro. Deste modo, o puro amor divino para o mundo faz-nos livres para autotranscender-nos e relacionar-nos com a Trindade. «O ponto de vista proporcionado por este modelo é uma dialética em que o ser humano é criado *capax infiniti* e o Mistério de Deus perdura como *capax finiti*, capaz de se relacionar mutuamente com o que não é divino».⁷²

A partir da visão do panenteísmo podemos imaginar filosoficamente «lo infinito junto con lo finito».⁷³ Dado que não podemos demarcar o infinito, surge-nos uma questão: Podemos dizer que há um limite que separa a Trindade do Mundo? Quando nós demarcamos fronteiras, linhas, limites, entre a Trindade e o criado finito, só estamos a usar as nossas faculdades finitas. Por isso não podemos afirmar tais fronteiras no Mistério Trinitário, que está para além das categorias determinadas pelo finito. A sua relação divina acolhedora abraça desta maneira transcendental toda a nossa existência dando-se como puro amor que nos faz livres.⁷⁴

de que Deus e o mundo são virtualmente idênticos, pois têm uma existência tão interligada que o ser divino é a substância ou essência de todas as coisas. Neste sistema, desaparece a distinção radical entre o mistério sem origem e a criatura. O Deus infinito confunde-se com o ser finito das coisas, deixando assim de ser o seu fundamento criador e transcendente. Do mesmo modo, não há independência ou liberdade substancial em nenhum ser finito, pois o divino é a essência de todas as essências. Embora a imanência divina seja claramente defendida, esta insistência na proximidade leva a uma tal falta de distinção entre Deus e o mundo que se torna impossível uma verdadeira relação.», em Johnson, *La que es*, trad. livre, 294-295.

⁶⁹ Pode-se chamar de diversas maneiras: teísmo dialético, teísmo neoclássico ou panenteísmo, em Johnson, *La que es*, 295.

⁷⁰ *The Oxford Dictionary of the Christian Church* (eds.), F.L. Cross y E. A. Livingstone (London: Oxford University Press, 1974) 1027, em Johnson, *La que es*, trad. livre, 295.

⁷¹ K. Rahner e H. Vorgrimler, *Theological Dictionary*, (Nueva York: Herder & Herder, 1965) 333-334, em Johnson, *La que es*, trad. livre, 296.

⁷² Cf. Johnson, *La que es*, trad. livre, 296.

⁷³ Cf. Johnson, *La que es*, 297.

⁷⁴ Cf. Johnson, *La que es*, 297.

A Trindade dá espaço e liberdade ao criado, para que possamos de uma maneira livre morar nele. A Trindade dá-se a conhecer autolimitando-se, devido ao seu abaixamento kenótico, particularmente pela encarnação da segunda pessoa divina. Como podemos ver na carta aos Filipenses:

Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E, sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. (Flp 2,6-8).

Para explicar esta relação da Trindade com o mundo Elizabeth Johnson cita a Jürgen Moltmann: «Deus “retira-se de si mesmo” para tornar possível a criação [...] Este amor auto-doador é o princípio do esvaziamento de Deus que Filipenses 2 concebe como o mistério divino do Messias”». ⁷⁵ Deste modo todas as teologias estão em conformidade ao falar da magnificência cósmica, onde a Kénosis e posteriormente a exaltação faz entender a relação de amizade entre o Criador e o criado, morando um no outro. ⁷⁶ Podemos assim concluir que não devemos traçar limites para o amor que o Mistério Trino tem para conosco.

Mas Deus transcende qualquer género ou conceito – «sui generis». A nossa razão busca, por assim dizer, descobrir ante o mundo algo que preexista plenamente a este, donde vem a energia que faz que as coisas sejam. Deste modo surge o conceito de ser. O teólogo John Macquarrie, diz-nos que «o ser é comum a todos os seres». ⁷⁷ Desta forma, seguindo a reflexão desta vez filosófica de E. Johnson, devemos assumir que:

O ser evoca uma realidade enormemente dinâmica e vital, se bem que elusiva; o ato de ser-ai das coisas. Quando aplicado ao mundo e a todas as suas criaturas, não significa nem um ser particular nem a soma dos seres, nem uma propriedade das coisas nem toda uma classe de coisas, muito menos uma substância ou uma quantidade ou qualidade accidental inerente a uma substância. Trata-se de uma ideia sui generis, pois não pertence a nenhuma categoria habitual

⁷⁵ Aquí Johnson faz referência à obra de J. Moltmann, *Dios en la creación: doctrina ecológica de la creación* (Salamanca: Sígueme, 1987), 86-93, em Johnson, *La que es*, trad. livre, 299.

⁷⁶ «O caminho da Sabedoria é um, porque uma atividade característica de Sophia é a de fazer amigos: “De geração em geração, ela entra nas almas santas e torna-as amigas de Deus e profetas” (Sb 7,27). Ser amigo e profeta não são condições antitéticas, pois a amizade com Deus estabelece uma reciprocidade de interesses que faz com que os amigos de Deus ponham em prática a sua palavra de encorajamento e de conforto nas situações de sofrimento e de dor. Outra é a amizade com Deus em Cristo. No clímax da Última Ceia, no Evangelho de João, Jesus já não chama os seus discípulos de servos, mas de amigos. Este estatuto já não se refere apenas a ele, mas a Deus, pois eles passam a partilhar o conhecimento mútuo e o modo de vida característico da relação de Jesus com Deus (Jo 15,15; 17,21). O que é evidente nestas tradições sapienciais e joaninas, bem como nas tradições místicas judaicas e cristãs que as interpretam e desenvolvem, é a poderosa cordialidade entre Sophia-Deus e o mundo. A sua relação mútua estrutura-se não segundo o modelo domínio/submissão, mas segundo uma verdadeira parceria na liberdade nascida da diferença», em Johnson, *La que es*, trad. livre, 300-301.

⁷⁷ J. Macquarrie, *Principles of Christian Theology*, (SCM Press, 2009), 98, em Johnson, *La que es*, trad. livre, 303.

do pensamento. Aponta para a realidade que sustenta tudo o resto, em virtude da qual tudo existe.⁷⁸

Passamos agora à compreensão teológica e pensamos no ser a partir da perspectiva trinitária antes assinalada. Assim contemplaremos que o ser, que enche de energia todas as coisas, tem a sua fonte na Trindade. Temos que vislumbrar que o ser ao que se aproxima a ontologia filosófica, visto teologicamente, é melhor entendido uma vez compreendida a realidade misteriosa da Trindade que é puro amor relacional e comunhão. Por outro lado, o ser é um Mistério que não está adjudicado a nenhum género, é puro ser, que transcende qualquer género ou conceito. Com o mesmo sentido «Deus não pertence a género algum».⁷⁹ Para aproximar-nos do ser em perspectiva da Trindade o único que podemos afirmar na primeira instância é que o ser não deve ser aprisionado com categorias definidas, mas deveria ser entendido desde a dinâmica do «deixar ser».⁸⁰ Na relação entre a Trindade e as criaturas, este «deixar ser» significa que mais além onde o Criado deixa ser, alenta, vivifica e dá o ser, os seres humanos deveríamos facilitar que o criado alcance a sua máxima potencia, alentando a sua vivificação e fazendo o possível por não alterar a comunhão que já se encontra entre as criaturas.⁸¹

⁷⁸ Johnson, *La que es*, trad. livre, 303.

⁷⁹ ST Ia, q.3, a. 5.

⁸⁰ «Verbo, infinitivo, participio, advérbio, ser que deixa ser... trata-se de uma linguagem que se estende e ultrapassa os seus próprios limites para tentar exprimir a plenitude inexprimível da natureza da Sabedoria, [...]», em Johnson, *La que es*, trad. livre, 305.

⁸¹ Cf. Macquarrie, *Principles of Christian Theology*, 170-185, em Johnson, *La que es*, trad. livre, 305.

Capítulo 3 - Em Cristo Deus assume e salva a humanidade inteira



Figura 3- © Adão Chaves: «O feminino em Jesus, manifesta-se no amor e entrega, na admiração e compaixão, na fidelidade e afeto, na fraternidade e finura, do seu ser com o outro».

Ao longo da história fomos usando uma teologia androcêntrica, onde a imagem de Cristo foi usada como modelo de família patriarcal, do rei todo-poderoso que dirigia e sustentava o poder patriarcal na família, no império e na Igreja. A tradição imperial em parte esteve por detrás da cristologia dando-lhe matizes de carácter patriarcal, fazendo de Jesus Cristo a justificação sagrada do domínio masculino, que vai ligada à subordinação feminina.

Assim, a teologia feminista quer pôr em relevo qual é a dificuldade que surge na cristologia e questionar uma mudança libertadora e integral. Devemos assumir as dificuldades existentes e responder à necessidade que temos em questão hoje. Certamente que Cristo imperial deixa de ter força na cristologia atual, dando passo a um maior relevo da libertação do evangelho em favor dos pobres oprimidos. Mas segundo o meu ponto de vista devemos ir mais além e ver o que carrega um Cristo libertador.

Como ponto de partida sabemos que Jesus Cristo de Nazaré foi um varão judeu da Galileia do século I. O seu sexo é um elemento integrante da sua pessoa histórica, até aqui não há nenhuma dificuldade para a teologia feminista. A dificuldade surge no âmbito da teologia e da praxis eclesiológica androcêntricas. Não podemos usar os evangelhos de Jesus e a sua forma

corporal para afirmar ou argumentar com a potestade patriarcal. A nossa teologia deve superar os tempos e os âmbitos, para poder descobrir o verdadeiramente fundamental dessa natureza que é a revelação divina manifestada em Jesus Cristo, e não o fútil transmitido culturalmente que se vai arrastando até aos nossos tempos.

Não quero aprofundar demasiado neste trabalho o excessivo ênfase que, a juízo de Elizabeth A. Johnson, pôs a história do cristianismo na «masculinidade de Jesús»,⁸² mas é necessário precisar que a masculinidade de Jesus legitimou uma antropologia segundo a qual a mulher estava submetida ao varão. O raciocínio era: se Cristo é a cabeça da Igreja, o varão é a cabeça da mulher. A partir destas reflexões chegou-se a questionar inclusive se as mulheres são salvas com a mesma plenitude que o varão. Ante isto damos conta com Elizabeth A. Johnson de que:

Na história cristã da salvação, o que conta não é apenas a vontade compassiva de salvação por parte de Deus, mas também o método pelo qual essa vontade se torna efetiva: Deus mergulha na história humana do pecado e transforma-a a partir de dentro. O antigo aforismo cristão “O que não é assumido não é redimido; mas o que é assumido é salvo pela união com Deus” resume a ideia de que a solidariedade salvífica de Deus com toda a humanidade é de facto crucial para o nascimento da nova criação.⁸³

A assunção por inteiro do ser humano na encarnação implica uma aceitação da humanidade por parte de Deus até às últimas consequências. A encarnação, para que seja tal envolve particularidade é irrepetível, isto é: Deus encarna num momento da história, numa determinada cultura, num lugar geográfico muito concreto e, finalmente, numa carne humana singular e única. Portanto, a encarnação do Verbo devia dar-se num único ser humano e por isso, se consideramos que só há dois sexos, o Verbo encarnado devia ter um sexo determinado de entre os dois possíveis, isto é, ser varão ou ser mulher. Dando conta disto, devemos afirmar que o que nos salva é a encarnação do Verbo de Deus que, se hipoteticamente se tivesse encarnado numa mulher da Palestina também nos teria salvo universalmente a todos, varões e mulheres.

É fundamental uma linguagem integradora e igualitária na cristologia e na antropologia. Dizer que varões e mulheres foram criados indistintamente à imagem e semelhança de Deus e são um e iguais em Cristo desde o batismo, fazendo-se partícipes de uma dignidade que Deus deu só ao ser humano. Podemos concluir que necessitamos dar novos passos para um evangelho

⁸² Johnson, *La que es*, 205.

⁸³ Johnson, *La que es*, trad. livre, 205.

libertador, «valorizando as mulheres como participantes plenas do mistério da redenção, com capacidade de representar Jesus Cristo por natureza e por graça».⁸⁴

Jesus da Galileia pregava um Reino para todos, de forma inclusiva. Podemos dizer que, em Cristo a salvação de Deus é oferecida sem exceção alguma. Ele faz-nos a todos participantes por igual através do seu amor e graça, sobretudo aos mais pobres e marginalizados. A salvação de Cristo apresenta a busca pela plenitude e humanidade de cada ser, convidando-nos a ser participantes no caminho para Deus. O ministério de Jesus foi tentar encontrar a plenitude e a humanidade de cada pessoa, desde o anúncio do amor infinito do Abba. Ao longo da sua missão vai narrando o amor e a força renovadora que o Abba lhe confiou. A sua fidelidade demonstra-se em várias narrações; «como um pastor à procura da ovelha perdida, como uma mulher à procura da moeda perdida, como um pai que perdoa o filho rebelde, como um padeiro que leveda a massa, como uma mãe que dá à luz uma criança.»⁸⁵ Jesus a partir da sua proximidade com o Pai quer demonstrar que a sua comunidade deve ser uma mesa poliédrica inclusiva, onde há lugar para toda a criatura no amor omni-inclusivo de Deus. A obra libertadora de Jesus faz com que fiquemos justificados pelo amor incondicional, restituindo a salvação no criado; «mas a sabedoria foi justificada pelas suas próprias obras» (Mt 11,19).

A missão de Jesus gera uma relação libertadora em todas as criaturas, especialmente nos varões e mulheres que vivem oprimidos e segregados pela sua classe social.⁸⁶ Podemos confrontar no Novo Testamento a relação que as mulheres têm com Jesus: elas interagem com respeito, com amor, com integridade e com esperança mútua. Fazendo das suas relações com Jesus um apoio fraterno, que faz crescer a amizade, o conhecimento e a sabedoria entre ambas as partes. Jesus faz-se parte dos sofrimentos das mulheres⁸⁷ (cf. Mt 15, 21-28; Mc 5, 24b -34) e as mulheres fazem-se participantes do pré-anúncio da sua morte (cf. Lc 24,1-11; Jn 12, 1-11). Elas fazem com que no seu entorno floresça, promovendo novas oportunidades de relação igualitárias, manifestando o modelo de serviço mútuo por amor. Configura-se assim uma comunidade de discípulos – varões e mulheres – inclusiva e igualitária.

⁸⁴ Johnson, *La que es*, trad. livre, 206.

⁸⁵ Johnson, *La que es*, trad. livre, 210.

⁸⁶ «Os numerosos encontros narrados nos Evangelhos são o exemplo mais claro da pessoa que, em contacto com Jesus, se sente reconhecida e acolhida na sua própria identidade, aliviada dos seus medos e conduzida a um novo começo mais humanizador», em S. Béjar, *Dios en Jesús*, trad. livre, (Madrid: San Pablo, 2008), 98.

⁸⁷ «A capacidade curativa de Jesus deriva do seu poder pessoal [...] a capacidade transformadora permanente que a pessoa de Jesus continua a ter na ordem física (saúde), psicológica (cura) e religiosa (salvação). E é isto que é decisivo e significativo em Cristo: através dele, cada homem, de então e de agora, encontra-se habilitado a ocupar o seu lugar, a erguer-se, a superar a sua história anterior e a vencer os poderes do mal. Jesus restitui ao homem a sua possibilidade suprema: ser livre para ser filho de Deus e próximo dos seus irmãos», em O. González de Cardedal, *Cristología*, trad. livre, 59.

O ministério libertador, ao que Jesus foi absolutamente fiel e livre, não enquadrava com o ‘status quo’ político e religioso,⁸⁸ o que provocou a sua morte por ir contra os parâmetros culturais e patriarcais da sua época.

O amor incondicional de Deus pela pessoa manifesta-se em Jesus.⁸⁹ O Deus de Jesus faz-se e une-se com a humanidade. E, ao mesmo tempo, respeita a liberdade de cada pessoa, ou seja, ‘*deixa ser*’ a pessoa para que ela escolha o seu destino. Mas, insisto, este ‘*deixa ser*’ não implica passividade de Deus, pois Ele permanece continuamente oferecendo a salvação e dando-se gratuitamente ao ser humano para que este o acolha ou o exclua.⁹⁰

A morte de Jesus foi um ato de medo de quem se sentia ameaçado, oposto ao amor que Deus tem por nós. Jesus também sentiu medo nos momentos iminentes à sua morte e aí não se fazia tão claro o amor de Deus, pelo contrário sentia-se abandonado por Deus. Com toda a sua fidelidade na sua vida histórica demonstra o ato de amor mais puro a Deus.⁹¹ A sua vida demonstra a rutura com o poder e o domínio. Cristo, sendo a pessoa mais livre do mundo, leva patente consigo a sua morte. Devido à falta de resposta amorosa por parte do ser humano, «[...] através da qual o Deus de graça de Jesus se solidariza com todos os que sofrem e andam perdidos. A cruz, em todas as suas dimensões [...] encarna a participação de Sophia-Deus no sofrimento do mundo.»⁹²

O amor triunfante de Cristo, verdadeiramente Deus, verdadeiramente humano, faz que desde a Kénosis, haja uma exaltação de uma nova vida. Cristo morto e ressuscitado faz presente o amor transformador que renova o mundo. O seu amor é solidário com os que vivem em sofrimento. A sua morte não foi insubstancial, nem profetizada pela divindade. A morte na cruz:

⁸⁸ Cf. Johnson, *La que es*, 210.

⁸⁹ Deste modo através do anúncio do Reino podemos usar uma linguagem que expressa a plenitude do Verbo. O Verbo é o ser que deixa ser em liberdade e em amor; «[...] deixar-se invadir por um amor maior. Daí a alegria de quem não se sente desprovido do que lhe é mais próprio como pessoa, mas é preenchido e realizado a um ponto que nunca antes poderia imaginar. Porque Deus não tira, mas dá; Deus não rouba, mas oferece; Deus não é um castrador da felicidade humana, mas potencia a sua máxima realização [...]», em S. Béjar, *Dios en Jesús*, trad. livre, 81.

⁹⁰ «[...] o Deus de Jesus Cristo é um Deus assimétrico, isto é, essencialmente salvador porque a aproximação do seu Reino implica a realização do bem supremo. Neste sentido, e com uma linguagem sistemática, podemos afirmar que a irrupção do reino de Deus é a condição de possibilidade da salvação do homem e a liberdade humana é a condição de possibilidade da condenação ou do inferno. O Deus de Jesus só salva, o homem só se pode condenar [...]», em S. BÉJAR, *Dios en Jesús*, trad. livre, 82. «A história ainda não está aberta de tal modo que as possibilidades de salvação e de condenação sejam objetivamente as mesmas. Por parte de Deus, a história está fechada com um “sim” de graça; está apenas aberta ao homem, que pode, na sua liberdade, fechá-la num sentido ou noutro.», em O. González de Cardedal, *Fundamentos de Cristología II, Meta y misterio*, trad. livre, (Madrid: BAC, 2006), 37; Cf. Johnson, *La que es*, 305.

⁹¹ «Desceu verdadeiramente aos infernos, foi “trespassado”, termo utilizado noutras passagens evangélicas apenas em relação às mulheres. Ecce Homo: Cristo crucificado, a Sabedoria de Deus», em Johnson, *La que es*, trad. livre, 211.

⁹² Johnson, *La que es*, trad. livre, 212.

«inscreve-se no mistério mais geral do sofrer para viver, da batalha pela nova criação, evocativa do ritmo de gestação, do parto e do nascimento, tão familiar às mulheres de todos os tempos.»⁹³

Gostaria de fazer referência às mulheres que foram fiéis no seu discipulado em todos os momentos da vida, morte e ressurreição de Jesus. Em Lc 24, 1-11⁹⁴ muitas mulheres são a prova da esperança, na qual se faz presente o sacramento da fidelidade de Deus a Jesus. Fazem-se presentes, não fogem, nem se escondem, são as que vão ao sepulcro e fazem memória. São as primeiras a reencontrarem-se com Cristo ressuscitado, a conhecê-lo e a dizer sim à sua missão (cf. Lc 24,10).

Nesta mesma passagem, é muito interessante como os discípulos não se manifestam interessados pelo testemunho destas mulheres, ignorando-as numa primeira estância. Hoje este testemunho é fundamental para a fé da Igreja católica, como podemos comprovar na liturgia do Domingo de Páscoa, no momento antes do Aleluia, canta-se: «Diz-nos, Maria, o que viste pelo caminho?»⁹⁵. Ao que ela responde dando testemunho: «Vi o túmulo de Cristo vivo e a glória da sua ressurreição; testemunhas angelicais, o sudário e os lençóis. Cristo, minha esperança, ressuscitou; precede os seus até à Galileia. ».⁹⁶ Esta confissão e manifestação de fé mostra à Igreja universal a importância das mulheres. Elas, do mesmo modo que os varões, são enviadas a proclamar o evangelho desde a chama missionária enviada pelo poder do Espírito no Pentecostes.

A teologia feminista quer demonstrar que a vida de Cristo integra todos no mesmo caminho da salvação. A cruz, levou a um autoesvaziamento de Cristo onde nos demonstra que a sua masculinidade é humilde, libertadora, integradora, serviçal e compassiva diferente da masculinidade patriarcal dominante que estava regida pelos interesses culturais e políticos. Desta forma gostava de terminar esta parte com umas palavras do Teólogo Bernhard Häring que reflete sobre o fim patriarcal com a masculinidade de Jesus:

Se alguém defendesse que a humanidade só poderia ser salva pela encarnação do Verbo na masculinidade, mesmo que não pudesse aceitar a argumentação, encontraria nela algum sentido, pois, ao longo da história, os homens ultrapassaram as mulheres em atividades de domínio. Poderia então ser apropriado, segundo o nosso limitado pensamento humano, que Cristo se fizesse homem para quebrar as cadeias do sexismo através da sua absoluta humildade e liberdade para com os outros. É evidente que quem tenta sublinhar a masculinidade de Cristo para

⁹³ Johnson, *La que es*, trad. livre, 212.

⁹⁴ Podemos ver também em Mc 15,41 o discipulado de muitas mulheres que se mantiveram fiéis ao longo da história.

⁹⁵ Johnson, *La que es*, trad. livre, 213.

⁹⁶ Johnson, *La que es*, trad. livre, 213.

estabelecer as prerrogativas dos homens (“sacerdotes”) sobre as mulheres não compreendeu Jesus como libertador de todas as pessoas, homens e mulheres, nem compreendeu o modo como ele nos libertou.⁹⁷

Seguindo a reflexão da Teologia feminista sobre as implicações da ressurreição para o nosso tema, podemos dar um passo mais, que consiste em falar sobre o feminino em Jesus.⁹⁸

Jesus na sua completa maturidade, tinha dentro do seu ser uma proporção feminina. Para esta reflexão a psicologia moderna ilumina-nos bastante quando nos diz «que cada ser humano é, ao mesmo tempo e em proporções diferentes, “animus” e “anima”, masculino e feminino».⁹⁹ Deste modo, podemos dizer que, no ser de Jesus, e apesar de ser do sexo masculino, também se incorporou a *anima*, a proporção ou magnitude feminina. Como nos diz Jürgen Moltmann, Jesus «integrou em si tantas características de comportamento masculino e feminino que pode ser considerado como a primeira pessoa a atingir uma completa maturidade».¹⁰⁰

Gaudium et Spes afirma que Deus, ao partilhar connosco a condição humana na encarnação do Verbo, se une a todo o ser humano:

[...] o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado. [...] n'Ele, a natureza humana foi assumida, e não destruída, por isso mesmo também em nós foi ela elevada a sublime dignidade. Porque, pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. [...] Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, excepto no pecado (GS 22).

O feminino em Jesus, manifesta-se no amor e entrega, na admiração e compaixão, na fidelidade e afeto, na fraternidade e finura, do seu ser com o outro. A sua exaltação faz que a aceitação do humano seja universalizada mais além de toda a limitação do tempo, espaço, cultura e sexo. Toda a humanidade, assumida na carne de Jesus, é agora, em carne ressuscitada, levada ao seio da Trindade. Com isto podemos afirmar que o feminino se fez parte integrante do Mistério da Trindade.¹⁰¹

Depois da morte e a ressurreição de Cristo, a comunidade movida pelo Espírito faz-se participante do acontecimento renovador, no qual ganha uma forma cristomórfica. Este carácter

⁹⁷ B. Häring, *Free and Faithful in Christ*, (New York: Crossroad, 1984), 139, em Johnson, *La que es*, trad. livre, 214.

⁹⁸ Cf. Pilar de Miguel, «Cristo», em M. NAVARRO (dir.), *10 mujeres escriben teología*, 76-77.

⁹⁹ Pilar de Miguel, «Cristo», trad. livre, 76; Cf. L. Boff, *El rostro materno de Dios* (Madrid: Paulinas, 1979).

¹⁰⁰ J.Moltmann, *Dieu, homme et femme*, Paris: Cerf, 1984, em Pilar de Miguel, “Cristo”, trad. livre, 77.

¹⁰¹ O sexo de varão não é uma premissa para a encarnação, sim uma consequência da encarnação. Quer dizer que poderia ter sido mulher e teria sido uma encarnação universalmente salvífica. Cf. M. C. Bingemer, «A Trindade a partir da Perspectiva da Mulher», *Revista eclesiástica brasileira* 46, (marzo 1986): 181; Cf. Pilar de Miguel, «Cristo», 77.

forma-se na comunidade para fazer frente ao pensamento que diminuía «a totalidade de Cristo ao homem Jesus».¹⁰² O que podemos comprovar com as seguintes passagens bíblicas; (1 Cor 12; Jn 15,11), de onde podemos inferir o verdadeiro contexto de Cristo que integra toda a humanidade redimida. A cristologia ganha uma nova visão, afirmando que entre o universo e as criaturas da terra há uma íntegra harmonia na paz (Col 1, 15-20), sublinhado que pelo sangue de Cristo se restabelece e se reconcilia tudo o que existe.¹⁰³

A ressurreição de Cristo, envolta pelo poder do Espírito, não pode ficar circunscrita a Jesus histórico, nem a uma minoria de pessoas. A cristologia submerge-nos a todos, através do Espírito, no batismo, para ser participantes do seu corpo, da sua missão e do seu discipulado (cf. 1 Cor 12). O seu corpo ressuscitado torna-se corpo universal para toda a comunidade. Em Cristo não há restrição de pessoas, raças ou género; «Cristo é uma realidade pneumatológica».¹⁰⁴ Como podemos confrontar nos escritos paulinos; «[...] todos os que fostes batizados em Cristo, revestistes-vos de Cristo mediante a fé. Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus» (Gál 3, 27-28).

Deste modo, podemos verificar que o objetivo principal e fundamental da cristologia foi e será sempre inclusivo. Para terminar esta secção gostava de citar Sandra Schneiders, cujas palavras são muito iluminadoras para o assunto que estamos a abordar:

O Cristo não é exclusivamente o Jesus glorificado, mas o Jesus glorificado que anima o seu corpo, que é a Igreja. Cristo disse a Paulo “Por que me persegue?” [...] porque o facto literal é que o Cristo é composto por todos os batizados. Isto significa que Cristo, ao contrário de Jesus, não é masculino ou, mais exatamente, não é exclusivamente masculino. Cristo pode perfeitamente ser descrito como negro, velho, gentio, feminino, asiático ou polaco. Cristo é, inclusivamente todos os batizados.¹⁰⁵

¹⁰² Johnson, *La que es*, trad. livre, 215.

¹⁰³ Cf. Johnson, *La que es*, 215.

¹⁰⁴ Johnson, *La que es*, trad. livre, 215.

¹⁰⁵ S. Schneiders, *Women and the Word* (véase cap.2, n.58) 54, em Johnson, *La que es*, trad. livre, 215-216.

Capítulo 4 - O integrador da antropologia teológica



Figura 4 - © Adão Chaves: «A vida eterna é comunhão no ser de Deus, mas também comunhão dos santos, onde há uma realização de solidariedade sem fronteiras de gênero, raciais, dualistas, temporais ou espaciais, fazendo-nos assim um todo em comunhão de irmãos».

Como já tivemos oportunidade de estudar quando abordamos o tema da antropologia teológica, devemos partir do «*Anthropos*» na sua correlação vital com o Criador e Salvador, «*De Deo uno, De gratia*». O papel da teologia feminista neste tratado teológico é tentar questionar um caminho no qual a palavra sobre Deus e sobre o «*Anthropos*» quer uma nova linguagem teológica que fundamente a integridade da criação.¹⁰⁶ A partir da antropologia cristã sabemos que os seres humanos, varão e mulher, são transformados à imagem de Cristo. Esta reflexão antropológica sobre a imagem de Cristo foi ao longo da história posta em jogo com certo caráter próprio do pensamento helenista.

O nosso encontro com Jesus dos evangelhos deve abrir-se a um Ser que viveu uma aliança para com as mulheres e varões do seu tempo, e a partir da qual construiu uma comunidade na qual todos eram bem-aventurados. «Um homem que também experimentou uma integração profunda e harmoniosa entre o seu “animus” e a sua “anima”, entre o masculino

¹⁰⁶ Cf. Felisa Elizondo, «Mujer», em M. Navarro (dir.), *10 mujeres escriben teología*, 216-220.

e o feminino, que constituíam a sua humanidade».¹⁰⁷ Assim, tendo em conta que a antropologia de Jesus é integradora e que o seu ser é um ser-integrador, somos convidados a superar as visões antropológicas patriarcais. Podemos afirmar que Cristo trouxe a dignidade às mulheres, do global à mulher concreta, já que são criadas à imagem de Deus e são portadoras da imagem de Cristo, da mesma forma que os varões.¹⁰⁸

Não podemos reduzir a imagem de Cristo à pessoa histórica de Jesus de Nazaré nem ao seu carácter masculino, porque podemos cair num erro de afastar e esquecer a imagem das mulheres como comunhão integral da imagem de Cristo. Não devemos entender a imagem de Cristo como um modelo exato de rasgos sexuais. Devemos entender que qualquer pessoa é imagem de Cristo mediante a cumplicidade com a sua vida, que se funda na comunhão com o Espírito. Podemos afirmar que:

[...] aqueles que vivem a vida de Cristo são imagens de Cristo. Mais ainda, o Cristo total é uma personalidade corporativa, uma realidade relacional, a humanidade redimida que encontra o seu caminho à luz da narrativa histórica do amor compassivo e libertador de Jesus: Cristo existe apenas pneumatologicamente.¹⁰⁹

Não podemos afirmar a universalidade da salvação se temos como ponto principal na cristologia a masculinidade de Jesus Cristo. Devemos ter como princípio coerente uma imagem compassiva, libertadora e integradora desde a diferença, que foi outorgada com o poder do Espírito, com o qual nos faz parte constituinte da imagem de Cristo; «[...] nós todos que, como o rosto descoberto, refletimos a glória do Senhor, somos transfigurados na sua própria imagem, de glória em glória, pelo Senhor que é Espírito» (2 Cor 3, 18). Deste modo todos estamos chamados a ser imagem de Cristo; «[...] Porque àqueles que Ele de antemão conheceu, também os predestinou para serem uma imagem idêntica à do seu Filho, [...]. E àqueles que predestinou, também os chamou; e àqueles que chamou, também os justificou; e àqueles que justificou, também os glorificou.» (Rom 8, 29-30).

O ser humano é o que está chamado a ser, devemos caminhar em Cristo desde a diferença. Precisamos de continuar a questionar e a refletir qual é o caminho no ser de Cristo. Não podemos seguir dando os mesmos passos que foram dados pela tradição cristã patriarcal na qual se fazia uma clara distinção dos papéis que cada sexo deveria desempenhar na

¹⁰⁷ M. C. Bingemer, *A Trindade a partir da Perspectiva da Mulher*, 181; Cf. Pilar de Miguel, «Cristo», 70.

¹⁰⁸ Cf. Johnson, *La que es*, 101-102; Cf. Pilar de Miguel, «Cristo», 64-70.

¹⁰⁹ Johnson, *La que es*, trad. livre, 104.

comunidade. Não podemos seguir usando a masculinidade na cristologia para comprovar o *status quo* do varão na comunidade eclesial.¹¹⁰

A teologia feminista propõe-nos deixar a antropologia dualista para dar espaço a uma antropologia de «uma natureza humana concebida numa interdependência de múltiplas diferenças».¹¹¹ Uma antropologia que verbalize as diferenças e as integre, que faça múltipla a diversidade do ser humano. A antropologia tem que adaptar um carácter multidimensional. Todas as pessoas estão dotadas de naturezas exclusivas, devido à sua corporalidade, cultura e meio social. Por isso devem ser constitutivas e integradoras para a humanidade. O mais enriquecedor para a antropologia será estudar e aprofundar nas diversidades do «*Anthropos*» e não ter como ponto central a sexualidade.

Este método antropológico quer demonstrar que a multiplicidade faz que haja uma unidade na diferença.¹¹² Deste modo, o diferente deixa de ser uma limitação para transformar no ilimitado e construtivo. Como diz a poeta Audrey Lorde, citada por Elizabeth Johnson:

A diferença não tem de ser meramente tolerada, mas deve ser vista como uma acumulação de polaridades necessárias entre as quais a nossa criatividade pode explodir como uma dialética. Só então se torna não ameaçadora a necessidade de interdependência. Só nessa interdependência de forças diferentes, reconhecidas e iguais, é que o poder pode procurar novas formas de estar no mundo... A diferença é essa ligação clara e poderosa a partir da qual se forja o nosso poder pessoal.¹¹³

Deste modo, com esta antropologia podemos chegar ao concreto e diferente do varão e mulher. No qual haja um caminho renovador ao apurar e interpretar a mutualidade interpessoal, sem esquecer as diferenças da origem corporal. Assim haverá uma igualdade humana inclusiva, insubordinada, consciente e comprometida. Assim, a masculinidade de Jesus não deve ser condicionante para afirmar a hierarquia, mas sim, desde a diferença, incluir e acolher o diferente de cada ser humano. Assim se pode chegar a acolher o diferente, tendo como ponto chave «a reciprocidade e mutualidade como dimensão essencial de toda a relação humana».¹¹⁴ Podemos assim concluir que Jesus Cristo veio ao mundo para *deixar ser* ao diferente, ao plural e ao mesmo tempo fazer-se inclusivo com a humanidade na sua diversidade. Como nos diz Rahner:

¹¹⁰ Cf. Johnson, *La que es*, 206; J. Hidalgo, «La lucha contra las mentalidades de dominación», em E. Fiorenza (ed.), *La exégesis feminista del siglo XX* (Estella: Verbo Divino, 2015), 219-233; Cf. Porcile, *La mujer, espacio de salvación*, 123-136.

¹¹¹ Johnson, *La que es*, trad. livre, 207.

¹¹² Cf. Johnson, *La que es*, 207-208.

¹¹³ Johnson, *La que es*, trad. livre, 208.

¹¹⁴ Porcile, *La mujer, espacio de salvación*, trad. livre, 136.

[...] o cristão tem o direito e a obrigação - porque o ponto absoluto de unidade da sua existência está para além do espaço da sua realidade imediatamente apreensível - de entregar-se sem reservas e com confiança ao pluralismo da sua existência. Ele experimenta o amor e a morte, o êxito e a decepção. E, através de tudo isto, deixa-se levar com confiança até Deus, que quis este pluralismo incalculável do seu mundo, para que, através dele, o homem possa sentir que tudo está abarcado pelo mistério eterno.¹¹⁵

Deste modo, o cristianismo deve ser algo que aposta com Deus pela diversidade da existência humana.¹¹⁶ Deus criou-o totalmente diferente d'Ele e na encarnação deu-se no totalmente diferente, podendo-se dizer que se revelou de forma definitiva em Jesus de Nazaré. Sendo assim, Deus fez-se a si mesmo realidade humana no totalmente distinto a Ele. Por isso devemos aceitar com Deus a diferença, até ao ponto de que podemos afirmar que a diferença é querida por Deus e que é lugar da revelação de Deus.

Todos os tratados, especialmente o antropológico tem uma dimensão escatológica, abrindo caminhos de esperança e espaço para toda a humanidade a partir da fé em Deus (cf. Rm 3, 21-30). Com a ressurreição e exaltação de Cristo restaura-se um mundo novo e uma nova humanidade. Como e onde pode o ser humano ter a sua esperança neste novo mundo?

A partir da fé e a esperança transpõem-se as fronteiras que nos foram abertas com a ressurreição de Cristo. A fé não pode ser um fugir ou um escape do mundo pelas circunstâncias vividas e existentes, deve ser um aperfeiçoamento, melhoramento e superação do mundo. A fé na ressurreição de Cristo, mostra-nos um caminho para a eternidade, que começa no mundo. A fé é já a coexistência escatológica. A eternidade não neutraliza o tempo, antes integra-o, havendo assim um culminar entre os dois espaços. Por isso somos chamados a viver esta dimensão desde o nosso tempo (cf. Lc 13,18-21), no qual o foco necessário da escatologia crista é a comunhão com Cristo.

Com base nos textos neotestamentários podemos entender este culminar. Neles se compreende a escatologia como transcendente e imanente em relação à história. Podemos afirmar assim que Deus é transcendente e imanente ao mesmo tempo. Sendo assim, podemos implementar o termo *eschaton*¹¹⁷ para fazer referência a esta relação que há entre os dois

¹¹⁵ K. Rahner, *Curso fundamental sobre la fe, Introducción al concepto de cristianismo*, trad. livre, (Barcelona: Herder, 1979), 467.

¹¹⁶ Cf. K. Rahner, *Curso fundamental sobre la fe*, 467.

¹¹⁷ «Segundo o NT, o *eschaton* está presente e próximo ao mesmo tempo (Mc 8,38; 9,1). A escatologia neotestamentária parece ser uma conceção do presente e do futuro, axiológica e teleológica, existencial e histórica, individual e cósmica, simultaneamente [...] O *eschaton* nos escritos paulinos é livre de ilusões, é concebido axiológica e teleologicamente, como presente e futuro simultaneamente; não consiste em ilusões, mas é uma realidade: estar unido a Cristo, e por isso (2Cor 5,17) já começou a existir na nova criação. Esta tensão entre o “já” e o “ainda não” e a escatologia do presente e do futuro pode ser vista também no Evangelho de João, que apresenta

espaços. O *eschaton* não está fora da história, está sim constituído harmonicamente na história, da mesma maneira que Deus se deu ao mundo plenamente em seu Filho. Como cristãos a nossa resposta neste tema escatológico sobre a morte é a ressurreição, na qual a nossa esperança está fundamentada e justificada em Cristo glorioso, pela qual nos faz a todos participantes na sua ressurreição.

A nossa reflexão teológica sobre o destino final do ser humano à luz da fé deve abarcar quatro enfoques importantes: a função de Cristo na vida, a visão-divinização, a eternidade e a socialidade e mundanidade.¹¹⁸

O primeiro enfoque menciona-nos a realidade humana do Filho de Deus que é o lugar de encontro entre o ser humano e Deus, nos dois espaços, terrenal e na vida futura. Deus criou-nos para a vida porque nos criou por amor e esse amor é *biógeno*, transformador de vida. Assim sendo, o amor justificado oferece perenidade. O seu amor perpétuo desde a origem da criação há-de responder a uma vida imperecível. Podemos assim dizer que a partir da fé, a vida criada a partir desse amor é vida eterna.

O segundo enfoque fala-nos da visão de Deus que se fundamenta na comunhão plena com Ele (cf. Mt 5,8; 1 Cor 13; 1 Jn 3,2). Esta visão de Deus quer-nos demonstrar que o mais importante não é o varão-mulher como natureza fechada das suas qualidades intelectuais ou cognitivas, se não que nos quer fazer cair na conta da dimensão mais importante, que é a realidade de uma vida compartilhada. Esta visão diviniza-nos, não só no conhecer, como também na forma como comungar com o ser divino (cf. Jn 17, 3; 1 Jn 4, 12). Assim sendo, podemos dizer que ver a Deus e ser com Cristo é o mesmo, porque a comunhão com Deus é-nos dada através da comunhão com Cristo, no qual ser com Cristo é um processo e a porta para a vida eterna (cf. Lc 23,43; 1 Ts 4, 17; 2 Cor 5,8).¹¹⁹

O terceiro enfoque é o da eternidade, que é um campo da dimensão processual e gradual e num caminho de autossuperação continuamente novo e enriquecedor no amor inesgotável do Mistério que nos é comunicado e nos faz participantes (cf. Mc 9, 43-48; 1 Jn 3,15-16). Deste modo somos «[...] herdeiros da vida eterna» (Tit 3,7). Assim pois, na vida eterna cada instante

uma acentuada escatologia do presente: quem crê em Cristo tem, já agora, a vida eterna (Jo 3,15; 5,24) e não é chamado ao julgamento (Jo 5,24; 3,18); a vida eterna e o julgamento são coisas do futuro (Jo 5,28). O cristão já tem o que lhe será dado no futuro, ou seja, a vida eterna que é Cristo (Jo 1,2; 6,27.33.35.68; 11,25). É o mesmo Cristo com quem o cristão já está em comunhão agora e estará no futuro, numa comunhão inquebrantável e inalterável.», em José M^a Hernández, apontamentos de sala de aula, da disciplina de Escatologia; Cf. J.L. Ruiz de la Peña, *La otra dimensión, Escatología cristiana* (Santander: Sal Terrae, 1986), 105-150.

¹¹⁸ Cf. Ruiz de la Peña, *La otra dimensión*, 243-249.

¹¹⁹ Cf. Ruiz de la Peña, *La otra dimensión*, 236-247.

será um instante de plenitude, e «cada plenitude será um novo começo».¹²⁰ Podemos entender isto como uma relação de amor puro, havendo cada vez mais uma mútua harmonia em união do bem-aventurado com Deus.¹²¹

Finalmente, fala-nos da socialidade e mundanidade, que tem uma especial perspectiva no seu planeamento e que está em paralelo com a visão apontada pela teologia feminista. Na vida eterna não há só uma transformação fechada do ser individual, se não que sobreleva também uma harmonia e relação com os que estão numa comunhão existencial à semelhança da vida divina e da transformação fechada do universo. Há assim uma forte relação entre a pessoa, a humanidade e o mundo. A vida eterna é comunhão no ser de Deus, mas também comunhão dos santos,¹²² onde há uma realização de solidariedade sem fronteiras de género, raciais, dualistas, temporais ou espaciais, fazendo-nos assim um todo em comunhão de irmãos. O nosso deleite só pode ser pleno quando aceitamos a totalidade dos irmãos; na vida eterna todos os membros são necessários no corpo de Cristo; nenhum é insignificante, todos fazem parte do seu corpo. Se faltasse um membro, faltaria uma parte indispensável para a plenitude de todos.¹²³

A dimensão social da vida eterna confirma que não pode haver autêntica consumação do homem fora da consumação da humanidade, e vice-versa: a doutrina cristã do reino de Deus consumado afasta-se assim tanto de um misticismo individualista como de um coletivismo abstrato e impessoal, deixando claro que o ponto alto da personalidade coincide com o da comunicabilidade, e que esta última se alcança inserindo o homem no circuito vital das relações pessoais trinitárias.¹²⁴

A relação homem-mundo é presidida por certo pragmatismo: o homem vive no mundo para acolher dele o que necessita para cumprir as suas necessidades vitais e para que se humanize como natureza e como pessoa. Portanto, a nova criação será um todo conatural dessa nova humanidade. A existência escatológica será livre e tão gratuita como gratificante. Será pura criatividade que transfigura e que emerge do amor, isto é:

[...] da alegria de comunicar a riqueza e a intensidade de uma vida transbordante e que será, portanto, a expressão máxima do poder criador do homem, da sua capacidade [...] para

¹²⁰ Ruiz de la Peña, *La otra dimensión*, trad. livre, 248; Cf. J. Moltmann, *El futuro de la creación* (Salamanca: Sígueme, 1979), 158.

¹²¹ Cf. Ruiz de la Peña, *La otra dimensión*, 248-249.

¹²² Cf. J.L. Ruiz de la Peña, *El último sentido* (Madrid: Marova, 1980), 122-125.

¹²³ «[...] A própria pessoa [...] alcança o seu ser mais próprio [...] na mais estreita comunhão com os outros, numa comunidade a que podemos denominar de bem-aventurança [...] Encontrar-se sob o domínio de Deus significa viver em comunidade com Ele e com a assembleia», em D. Bonhoeffer, *Sociología de la Iglesia, Sanctorum Communio*, trad. livre, (Salamanca: Sígueme, 1969), 218.

¹²⁴ Ruiz de la Peña, *La otra dimensión*, trad. livre, 250.

espiritualizar a matéria ou, por outras palavras, para humanizar o mundo imprimindo-lhe a forma da sua interioridade.¹²⁵

Podemos concluir esta parte dizendo que a vida eterna: «[...] no seu núcleo essencial e em qualquer das suas manifestações, é o mistério, porque é o dom que Deus faz de si mesmo».¹²⁶ Por isso, devemos ter como fundamento as virtudes teologais no nosso caminhar para a vida eterna. Só a fé pode iluminar um começo que parece ser o fim, só a esperança consegue modificar a angústia para dar lugar a uma tranquila confiança, e só a caridade permite o alimento necessário para a entrega total.

¹²⁵ Ruiz de la Peña, *La otra dimensión*, trad. livre, 250.

¹²⁶ Ruiz de la Peña, *La otra dimensión*, trad. livre, 250.

Capítulo 5 - «A Igreja faz-me sentir pecadora»¹²⁷



Figura 5 - © Adão Chaves: «A Igreja é uma comunidade de carismas»

A Igreja é o sacramento da íntima união de Deus com a humanidade e da unidade de todo o género humano. A Igreja vai a caminho da unidade do povo em virtude da unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A eclesiologia atual propõe um modelo de unidade, no qual a Igreja é um processo a caminho da unidade do «povo reunido»¹²⁸ caracterizado pela equidade entre as pessoas. Na *Lumen Gentium*, afirma-se que o Pai nos criou e nos chamou a sermos participantes da sua própria vida divina através da mediação de Jesus Cristo, no Espírito. Assim, a origem de ser Igreja explica-se como mistério de comunhão. A Igreja como mistério de comunhão foi obra do Filho, delegada pelo Pai (cf. Jo 17, 4) e pelo Espírito Santo, enviado no

¹²⁷ Comentário da (Aluna Érica Costa) durante a lição 8, onde se tem como objetivo relacionar os dados da ciência, sobre a questão do início da vida humana, com a perspectiva da Igreja. A aluna, quando eu pedi para expor aquilo que estava a pensar e a sentir, disse: «A Igreja condena, mas depois apoia. A Igreja é que cria o sentimento de culpa. A Igreja é que me faz sentir pecadora». Estas palavras fizeram-me refletir sobre como é que a Igreja deve estar presente na vida dos mais jovens. Retorqui às afirmações da aluna desta forma: «onde abunda o pecado sobreabunda a graça». Pretendo com este capítulo aprofundar e dar uma resposta à afirmação desta aluna.

¹²⁸ Concílio Vaticano Segundo, «*Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*», (=LG), acedido a 10 de junho de 2024, https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html

dia de Pentecostes para santificar, como «templo de Deus vivo» (cf. 2 Cor 6, 16). Assim sendo, podemos assegurar que a Igreja está sempre sob a ação da Trindade (cf. LG 4).

A missão da Igreja no mundo é preservar o Mistério de Cristo, revelar a toda a criação a salvação alcançada através do Mistério Pascal, no qual todos somos participantes desde a criação do mundo pelo Pai a participar na sua vida divina. Quer dizer:

O Eterno Pai, pelo libérrimo e insondável desígnio da Sua sabedoria e bondade, criou o universo, decidiu elevar os homens à participação [...] E, aos que crêem em Cristo, decidiu chamá-los à santa Igreja, a qual, prefigurada já desde o princípio do mundo e admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na Antiga Aliança, foi constituída no fim dos tempos e manifestada pela efusão do Espírito, e será gloriosamente consumada no fim dos séculos (LG 2).

O Pai desde a eternidade predestinou o Mistério da Igreja, glorificando a salvação universal para toda a humanidade. Através do Filho cumpre-se o Mistério de Deus. Ele é a raiz e altar da Igreja, isto é, a salvação e a redenção, na qual há lugar para todos à sua mesa. Em Cristo há:

[...] a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (cfr. 1 Cor. 10,17). Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, luz do mundo, do qual vimos, por quem vivemos, e para o qual caminhamos (LG 3).

Desta forma podemos dizer que os fundamentos da Igreja estão fundados em Cristo, ou seja, a Igreja está fundada em Cristo, não apenas em si mesma, nem no homem como ser individual. A existência atuante de Cristo na Igreja realiza-se no anúncio da verdade e da graça a todas as pessoas, tornando-a instrumento e sacramento de salvação universal para a humanidade (cf. LG 1, 6-9, 14). A salvação em Cristo foi confiada pelo Pai (cf. Jo 17, 4), no qual ele envia o Espírito Santo no dia de Pentecostes para santificar como «templo do Deus vivo» (2 Cor 6, 16). Desta forma, a Igreja torna-se morada de Deus, razão pela qual toda a pessoa, através da fé em Cristo, pode unir-se ao amor do Criador (cf. LG 3-4). Esta união só se consegue através do Espírito Santo, dador da vida, que nos guia para a verdade plena (cf. Jo 16,13). Podemos dizer que a Igreja e todos os fiéis são santificados pelo Espírito Santo, que não nos levaria a lugar nenhum sem o Pai e o Filho. Isto quer dizer que a Igreja está continuamente sobre a ação da Trindade.

O plano da Igreja para a unidade dos povos fundamenta-se no plano de Jesus, que radica no anúncio da chegada do reino de Deus, do qual nasce a salvação. Se o Reino é a salvação, a salvação é universal, revelada fundamentalmente nos pobres, nas mulheres e nos homens que

são marginalizados, na qual a sua salvação radica só na sua atitude de aceitação à chamada de conversão.¹²⁹

A Igreja é assim dignificada com os dons do seu fundador. É um sacramento de salvação, a sua tarefa é ser um canal que facilite a graça de Cristo, no qual deve ser verdadeiramente fiel às suas faculdades como: a de cura das feridas, da caridade, da humildade, do acolhimento e da abnegação. Desta forma, o papel da Igreja é estabelecer a equidade entre toda a humanidade e estabelecer «o germe e o princípio deste mesmo Reino na terra» (LG 5). Deste modo, a Igreja não é uma organização de homens piedosos, nem de um grupo particular, mas nasce do amor omni-inclusivo da Trindade, na qual está presente toda a humanidade. Desta forma podemos concluir esta secção que é fundamental na Igreja um processo gradual de maturidade e transformação ao longo do tempo onde toda a pessoa se sinta como um povo reunido em caminho para o Reino eterno.

A Igreja como sacramento é um espaço habitável para a salvação universal. O Concílio Vaticano II define a Igreja como sinal e instrumento pelo qual Deus enaltece a humanidade, e cumpre assim o amor do seu ser eterno, a unificação da raça humana. Isto é, a Igreja começa em Deus, não no homem, caso contrário degradar-se-ia numa impotência por tentar por si mesma a própria redenção. O Cardeal Henry de Lubac menciona muito explicitamente a realidade sacramental da Igreja no mundo, dizendo que «se Cristo é o sacramento de Deus, a Igreja é para nós o sacramento de Cristo».¹³⁰

A Igreja é o sacramento da união com Deus, isto é, da união de toda a pessoa crente numa mesma direção de amor para com Ele. Assim, a Igreja, que é um sinal para todo o género humano, deve ser um espaço sacramental de encontro entre mulher e homem onde trabalham e crescem mutuamente na fé para alcançar o amor eterno. Se a Igreja é sinal e instrumento do Mistério de Deus, em Deus não existem divisões, diferenças, hierarquias ou barreiras, o seu Mistério é puro amor que unifica e abrange toda a pessoa humana, sendo assim «universal sacramento da salvação» (LG 48).

A Igreja é a representação permanente de Cristo no mundo, «[...] a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano [...]» (LG 1). Como podemos ver nesta citação, há uma grande novidade que surge no Concílio Vaticano II, que é a utilização do termo «sacramento» para definir a

¹²⁹ Cf. Diego Manuel Molina Molina, apontamentos da aula da disciplina de Eclesiologia.

¹³⁰ Citado por J. Saraiva, «*O rosto de Jesus Cristo no rosto da Igreja*», acedido a 5 de julho de 2024, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20021210_martins-rosto-de-cristo_po.html

Igreja. Isto é, este novo termo «sacramento» que é a Igreja não é apenas a união da pessoa com Deus, mas a unidade das pessoas entre si. Assim, a Igreja é um sacramento de salvação e é também um sacramento de unidade.

A Igreja tem de ser sacramento pelas suas obras, pelo seu comportamento, pela sua missão partilhada entre os seres humanos. A Igreja foi fundada para ser sinal transparente de uma existência transcendente: o amor de Deus revelado em Cristo. A sua missão cumpre-se fundamentalmente através dos sinais únicos da sua sacramentalidade: a palavra, os sacramentos, a caridade. Estes sinais são a obra salvífica, que Cristo mesmo revelou e à qual todos estamos chamados, perlongado de uma forma integradora o Mistério Eclesial a toda a pessoa.¹³¹

Desta forma, o sacramento universal da Igreja e da vida cristã não se realiza isoladamente, mas eclesialmente na multiplicidade, na qual o cristão é chamado a sentir-se parte de um todo.

A Igreja é uma comunidade de carismas, onde está dirigida e governada pelo Espírito Santo, que é quem realiza em cada pessoa os seus dons particulares para colocá-los ao serviço da comunidade. Como podemos ver no NT, a Igreja mostra-se como um povo plenamente carismático e totalmente ministerial. Ou seja, uma Igreja especialmente dignificada com os dons do Espírito, onde cada pessoa é convidada a partilhar com os outros os dons dados pelo Espírito de comunhão e de serviço. Desta forma, todos somos participantes deste crescimento e deste caminhar rumo a Deus. Como podemos ver na primeira Carta de Paulo aos Coríntios:

Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. [...] Mas é o único e mesmo Espírito que isso tudo realiza [...] (1 Cor 12, 4-7.11).

A Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici*, diz-nos que o carisma é uma graça concedida pelo Espírito Santo, que faz com que haja em cada um de nós um elemento dinâmico de comunhão eclesial, capaz de nos rejuvenescer e vivificar continuamente. O carisma surge com a Igreja, que tem como princípio a construção da comunidade e da unidade eclesial. Isto é, cada um, mulher ou homem, deve colocar ao serviço dos outros a graça recebida. Existe assim uma plenitude de diversas graças que nos torna a todos participantes e administradores das graças de Deus na equidade e na unidade. Assim, haverá uma edificação na comunidade a partir da multiplicidade de carismas, tendo como principal objetivo e missão: a evangelização,

¹³¹ Cf. Diego Molina, *Apontamentos da aula*.

a salvação de todos, o sacerdócio comum e o desenvolvimento do Mistério de Deus. Desta forma, podemos dizer que os carismas são concedidos com base nas realidades históricas e nas necessidades de cada época, onde a Igreja se vê enriquecida com eles em ordem à realização da sua missão (cf. CHL 24).¹³²

Os carismas devem conduzir o ser humano à busca coletiva da verdade de forma plena na vida da pessoa e da Igreja universal. O carisma deve ir ao encontro dos outros, manifestando-se uma complementaridade com os outros. Esta complementaridade podemos definir como a necessidade das pessoas, em que: «a pessoa necessita dos outros para compreender-se a si própria e para alcançar o desenvolvimento dos dons que possui [...]».¹³³ Desta forma, o encontro entre carismas e, ao mesmo tempo entre pessoas, faz com que haja um profundo alcance de abertura aos dons e carismas do outro. A complementaridade dos carismas promove uma mútua reciprocidade de riquezas. Ou seja, cada dom ou carisma dado pelo Espírito Santo a uma pessoa em concreto deve ser parte integrante do seu ser na Igreja.¹³⁴ Este enriquecimento deve ser mútuo entre os carismas e os dons das pessoas. Deve haver espaço de comunhão entre os carismas para que haja uma boa convivência entre originalidade e universalidade.¹³⁵

Nos dias de hoje é muito importante que na Igreja haja coexistência entre a identidade e a unidade,¹³⁶ e que haja espaço para uma teologia feita por mulheres e homens, com novos carismas. A Igreja hoje tem de coexistir com o que é diferente, não deve continuar a manter uma unidade entre iguais, em que tudo é homogêneo e igual. A Igreja hoje é convidada a ser poliédrica:

Aqui o modelo não é a esfera, pois não é superior às partes e, nela, cada ponto é equidistante do centro, não havendo diferenças entre um ponto e o outro. O modelo é o poliedro, que reflecte a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade. Tanto a acção pastoral como a acção política procuram reunir nesse poliedro o melhor de cada um. Ali entram os pobres com a sua cultura, os seus projetos e as suas próprias potencialidades. Até mesmo as pessoas que possam ser criticadas pelos seus erros, têm algo a oferecer que não se deve perder. É a união dos povos, que, na ordem universal, conservam a sua própria peculiaridade; é a totalidade das

¹³² João Paulo II, «Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo*», (=CHL) acedido a 10 de julho de 2024, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html

¹³³ F. Rodríguez, *Interculturalidad, Oportunidad para la Eclesiología de Comunión y el Método Teológico*, trad. libre, (Granada: Facultad de Teología de Granada, 2019), 26.

¹³⁴ Cf. F. Rodríguez, *Interculturalidad*, 27.

¹³⁵ Cf. F. Rodríguez, *Interculturalidad*, 28.

¹³⁶ Cf. F. Rodríguez, *Interculturalidad*, 28.

peçoas numa sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos (EG 236).¹³⁷

Portanto, podemos concluir que o Espírito Santo nos chama a todos, a partir dos carismas que nos confiou, ao discernimento, para construir uma Igreja multifacetada, poliédrica e policromática, onde haja espaço para uma conjunção e para uma totalidade de «ser Igreja» nos dias de hoje.

Como explicámos anteriormente, a Igreja é como um sacramento de íntima união de Deus com a humanidade e de toda a humanidade entre si. Isto é, a Igreja é um sacramento de unidade. Por outro lado, a Igreja diz-se como sacramento ou realiza-se como sacramento de unidade, nos sete sacramentos. Portanto, os sete sacramentos são a autorrealização da Igreja como sacramento de comunhão. Isto ocorre nos sete sacramentos, mas de forma particularmente especial nos dois sacramentos maiores: o batismo e a Eucaristia. Por esta razão, farei agora referência ao sacramento do Batismo e da Eucaristia.

Desde o Batismo somos revestidos em Cristo. Na tradição batismal podemos encontrar termos que demonstram a nossa semelhança ontológica com Cristo através do Batismo: «[...] todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus» (Gál 3,27-28). Como podemos constatar nos textos de São Paulo a partir do Batismo somos identificados com a morte e a ressurreição. A partir desse momento e mediante a força do Espírito revitalizante já não existem mais fronteiras entre raças, classes sociais ou sexo, porque fomos incorporados numa nova identidade, a cristológica. «Se alguém está em Cristo, é nova criatura» (2 Cor 5,17). Esta nova unidade em Cristo faz-nos a todos participantes da glória escatológica, sendo uma só carne. «Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo?» (1 Cor 6, 15).¹³⁸

A expressão «vos vestistes de Cristo» (Gal 3, 27): demonstra que todos somos chamados a ser um em Cristo, isto é, uma comum comunhão de cristãos no próprio ser de Cristo. O sacramento do Batismo está totalmente vinculado à faculdade desta inclusão em Cristo, onde as diferenças culturais, sociais e de género perdem valor. Porque todos os batizados na unidade são Cristo e cada um em particular é Cristo para o outro. Com o sacramento do Batismo

¹³⁷ Francisco, «Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do evangelho no mundo actual», (=EG), aceso a 15 de julho, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html

¹³⁸ Cf. Johnson, *La que es*, 104.

estabelece-se a comunhão entre todos os cristãos e também com aqueles que ainda não estão em comunhão com a Igreja Católica (cf. DzH 4188-4190).¹³⁹

Pelo Batismo somos incorporados a Cristo (cf. DzH 1314) e, desta forma, o nosso ser através do Espírito Santo deve estar em comunhão com todo o ser humano: «O Batismo constitui, portanto, um poderoso vínculo sacramental de unidade entre todos aqueles que foram regenerados com ele “O Baptismo, pois, constitui o vínculo sacramental da unidade que liga todos os que foram regenerados por ele.”» (UR 22).¹⁴⁰

Através do Batismo vivemos e recordamos fielmente a morte e ressurreição de Cristo, da qual se fazem partícipes os batizados (cf. LG 7). Este sacramento tem como fundamento a purificação dos pecados e o novo nascimento no Espírito Santo (cf. At 2,38; Jo 3,5-7). A partir do Batismo, a mulher e o homem tornam-se partes integrantes duma nova comunidade, na qual o vínculo com Cristo cria unidade e equidade entre irmãos e irmãs (cf. 1 Cor 12, 13; Gal 3, 26-28). Pode-se dizer que o novo cristão é agora filho de Deus no Filho Unigénito, pois, desde o primeiro sacramento, participa da oração do Pai Nosso e constitui parte fundamental na Igreja e na missão (cf. DzH 1314).

Através do sacramento do Batismo, todo o ser humano é transformado em verdadeiro filho de Deus (cf. Gal 4, 5-7) e em «templo do Espírito Santo» (cf. 1 Cor 6, 19). Por isso, todos os batizados estão convidados a deixar-se guiar por este Espírito (cf. Rm 8, 12-17; Gal 4, 4-7), que nos torna filhos herdeiros para que alcancemos a unidade de Cristo a plenitude da sua glória, segundo o plano divino de salvação (cf. Ef 1,3-14).

A partir da unidade com Cristo há uma superação da humanidade antiga, separada e submetida por causa do pecado, por uma transformação a uma vida nova encorajada pelo Espírito. Através do Batismo abre-se à humanidade uma vida nova, uma vida, não segundo a carne nem segundo o género, mas segundo o Espírito (cf. Rm 8, 1-17). Deste modo a vida nova acolhida no batismo é regenerada como fermento levando-nos a uma transformação (cf. 1 Cor 5, 6-8) para a unidade na vida de Cristo (cf. 2 Cor 4,10). Isto é, a vida humana passa a ser vida de Cristo no ser humano; «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim; [...]» (Gal 2,20).

Desde o Batismo somos partícipes da Igreja, através deste sacramento, cada pessoa batizada torna-se parte integrante da Igreja, como unidade do corpo de Cristo, tornando-se

¹³⁹ Cf. Cf. H. Denzinger e P. Hünermann, *El Magisterio de la Iglesia* (Barcelona: Heder, 2000), (=DzH).

¹⁴⁰ Concilio Vaticano Segundo, *Decreto Unitatis Redintegratio sobre o ecumenismo*, (=UR), acedido a 18 de julho de 2024, https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html

coparticipantes do sacerdócio de Cristo. Desde o Batismo somos membros do corpo de Cristo e, portanto, «[...] somos membros uns dos outros» (Ef 4,25). A partir deste sacramento somos incorporados à Igreja, ou seja, um novo povo, uma nova aliança e um único corpo, que ultrapassa todas as barreiras naturais e humanas, como culturas, raças e sexos. «Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito» (1 Cor 12, 13).

Com este sacramento participamos na unidade num só corpo e num só Espírito, no qual os batizados são chamados a participar no sacerdócio de Cristo, na sua missão profética e real. Cada batizado é: «[...] uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade, a fim de que proclameis as excelências daquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa, [...]» (1 Ped. 2:9). Isto é, todos os fiéis são participantes do sacerdócio comum, porque ao participar na comunhão eclesial, o batizado já não pertence a si mesmo (cf. 1 Cor 6, 19), mas a Cristo que morreu e ressuscitou para toda a humanidade (cf. 2 Cor 5,15). Desta forma, o Batismo imprime caráter pela sua doação a Cristo. Desta forma, o batizado está capacitado para servir a Deus, a partir da sua colaboração ativa na santa Liturgia da Igreja e a praticar o seu sacerdócio batismal com uma vida entregue aos outros e a Deus.

A incorporação e a participação no corpo de Cristo que é a Igreja (cf. 1 Cor 12, 12-30; Ef 4, 11-16), torna-nos a todos participantes na unidade da fé, na qual estamos dotados de dons e carismas que devem ser partilhados com amor e vividos desde essa plenitude de Cristo (cf. Rm 12, 2-8; Ef 4,1-13), superando todos os tipos de separações e diferenças (cf. Ef 2, 14-18; 1 Cor. 12, 4-11), abrindo-se assim a uma comunidade sacramental de salvação.

A Eucaristia atualiza o Batismo, somos um nas diferenças. A partir dos sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia há uma inserção da pessoa humana no corpo de Cristo, ou seja, todo o crente deve deixar de lado o que é anticonstrutivo e as injustiças fundamentalmente dentro da comunidade cristã, dentro da qual todos os crentes constituem um único corpo. A partir desse único corpo poliédrico, podemos aceitar o desigual, como pode ser a distinção de sexo, para que haja um maior enobrecimento da unidade comum.¹⁴¹

Inácio de Antioquia fala-nos da Eucaristia como sinal de unidade e de comunhão, manifestando o seu cariz salvífico essencial para a Igreja e a sua edificação na unidade. Para ele, a Eucaristia é entendida como ação de graças e memorial do que realizou Jesus na Última Ceia. Mas acrescenta também a profundidade eclesiológica e a magnitude do encontro, dizendo que no sacramento da Eucaristia não só se parte o pão da unidade e bebe do mesmo cálice, mas

¹⁴¹ Cf. Trinidad León, «Sacramentos», em M. Navarro (dir.), *10 mujeres escriben teología*, 365.

também se apresenta a unidade da Igreja.¹⁴² Em consequência, com a comunhão eucarística atualizamos o nosso ser na unidade do corpo de Cristo, que é a unidade da Igreja.

À Mesa do Senhor manifesta-se o triunfo da pessoa sobre a lei e sobre a competitividade. Neste banquete abundante e poliédrico são inatas a liberdade, a equidade e a gratuidade, e só assim se manifesta a plenitude da vida. Todo o ser humano tem um lugar à mesa e todos são convidados a participar do banquete. Este banquete transforma-se na imagem do Reino de Deus (cf. Is 25,6-9; Lc 14,15). Na mesa do Senhor surge a reconciliação e a comunhão entre cada ser humano, através da qual se superará todo o tipo de diferenças. Ou seja, haverá uma unidade universal onde poderemos sentar-nos todos à mesa. Como podemos ver na seguinte profecia: «Então o lobo morará com o cordeiro, e o leopardo se deitará com o cabrito. O bezerro, o leãozinho e o gordo novilho andarão juntos, [...] o leão se alimentará de forragem com o boi [...]. Ninguém fará o mal nem destruição nenhuma em todo meu santo monte, [...]» (cf. Is 11, 6-9). Com esta imagem podemos perceber a profundidade e a riqueza do banquete como símbolo de convívio e fraternidade.

O sacramento da Eucaristia é símbolo da comunhão fraterna entre mulher e homem, judeu e grego, escravo e livre. Diante da desigualdade, da rivalidade e da dominação, os convidados para a mesa eucarística formam um só corpo, a partir da unidade de um amor transcendente, símbolo da nova aliança. Desta forma, Jesus convida todos à sua mesa para que participem na comunhão eucarística, na qual o Espírito transforma o coração do ser humano.

Desta forma podemos constatar que a Eucaristia atualiza o Batismo, tornando-nos uma nova unidade, que supera as diferenças e restaura a comunhão no único corpo de Cristo. Esta unidade transcende a unidade racial, sociopolítica, policromática, psicológica ou cultural. Desde a comunhão eucarística manifesta-se o Espírito Santo, que unifica os filhos de Deus dispersos e faz com que cada um aceite o que é diferente do outro.

A unidade sacramental da Eucaristia é totalmente plena, é comunhão com a primeira comunidade dos discípulos, é comunhão com todos aqueles que celebram o Memorial do Senhor por todo o mundo e é também comunhão com os santos do céu, com os quais oramos em cada celebração eucarística.

¹⁴² Cf. W. Kasper, «*Eucaristía: Sacramento de la unidad, Simposio Teológico-Pastoral del XLVIII Congreso Eucarístico internacional*», trad. livre, acedido a 20 de julho de 2024, https://www.vatican.va/roman_curia/pont_committees/eucharist-congr/documents/rc_committ_euchar_doc_20041007_symposium-kasper_sp.html

Para concluir, gostaria de terminar com a Exortação Apostólica pós-sinodal, *Amoris Laetitia* (19 de março de 2016) do Papa Francisco, que nos fala sobre o verdadeiro sentido que devemos ter como filhos de Deus sobre a unidade no que é diferente:

[...] A unidade, a que temos de aspirar, não é uniformidade, mas uma “unidade na diversidade” ou uma “diversidade reconciliada”. Neste estilo enriquecedor de comunhão fraterna, seres diferentes encontram-se, respeitam-se e apreciam-se, mas mantendo distintos matizes e acentos que enriquecem o bem comum. Temos de nos libertar da obrigação de ser iguais. [...] (AL 139).¹⁴³

¹⁴³ Francisco, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia sobre o amor na família*, (=AL) acedido a 20 de julho de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html

Parte 2 – Perspetiva pedagógica

Capítulo 6 - A Prática de Ensino Supervisionada



Figura 6 - © Adão Chaves: «O futuro que quisermos deixar às nossas crianças depende da escola e as próximas gerações dependem das crianças que deixarmos para o futuro».

A Prática de Ensino Supervisionada (PES), corresponde a uma das áreas de aprendizagem do Mestrado em Ciências Religiosas, que habilita profissionalmente para a docência da disciplina de EMRC. Durante um ano letivo foram trabalhadas atividades pedagógicas para a iniciação à práxis do ensino. Esta formação teve como fonte de aprendizagem, uma escola e uma turma com a orientação de uma docente cooperante, no meu caso a Professora Margarida Portugal. Esta área tem como ponto primordial aprofundar o desenvolvimento de competências, a reflexão crítica sobre as mesmas, bem como aprender a gerir os métodos e os desafios da prática pedagógica.

Assim sendo, procurarei fazer um enquadramento da PES, uma contextualização da Escola D. Fernando II dos 2º e 3º ciclos, do Agrupamento de Escolas Monte da Lua em Sintra. Seguidamente a contextualização da turma do 9º ano no âmbito da PES. Por último, farei um enquadramento e uma análise crítica da UL 2 – Deus, o grande Mistério, do 9º ano.

Na disciplina de Didática específica de “Educação Moral Religiosa Católica”, sob a orientação do Juan Ambrósio, foi abordado que é na escola que se transmite a cultura, se edifica

a cultura, se faz a leitura cultural da existência da história. Também é aí onde se pode transmitir os modos de transformação e onde se educam as pessoas para serem protagonistas desta existência e da sua própria existência na história. O que se pretende verdadeiramente da disciplina de EMRC é construir um projeto de vida e que, na construção desse projeto de vida, possa também envolver a dimensão religiosa. O futuro que quisermos deixar às nossas crianças depende da escola e as próximas gerações dependem das crianças que deixarmos para o futuro.

Outro ponto essencial e muito relevante é a construção do ser humano mediante o uso da palavra, na medida em que, desde o momento em que nascemos, cada um de nós é um projeto a ser trabalhado por inúmeras possibilidades, no qual podemos ser quase tudo, tendo tudo em aberto pela frente. A partir do momento em que nascemos, as coisas vão começando a ser construídas, também pela capacidade de dizer e de dizer-se. Este é um dos aspetos característicos da condição humana, que nos afasta de muitos outros seres: a capacidade de partilhar quem sou eu, que experiência estou a viver ou porque estou a fazer isto.

A capacidade de dizer e dizer-se, tem uma ampla ligação com um processo de transcendência, na medida em que, para eu dizer essa coisa, tenho de ter a capacidade de poder olha-la com alguma distância, para a poder dizer. É muito importante o uso da palavra, e por isso é que a existência humana exige um processo constante de «empalavramento». Enquanto eu não «empalavrar» a existência, eu não estou verdadeiramente a dar sentido à existência, não estou a significar a existência. Por isso, o «empalavramento» é fundamental. Aquilo que não «empalavramos», não arrogamos como nosso. O exercício da palavra é fulcral. A disciplina de EMRC nas escolas também deve procurar que os alunos descubram as palavras.

A fé é um dom dado a todo o ser humano, pelo simples facto de ser humano. Mas a fé precisa de ser operacionalizada, precisa de ser ativada, precisa de fazer algumas transições, para que a pessoa possa viver a partir de dentro. A missão da disciplina de EMRC é as linguagens. Muitos jovens não têm as linguagens com que se expõe a fé. Por isso, a fé é uma linguagem que se declina sempre na primeira pessoa do singular e do plural. Quando ela não é declinada no plural, quando eu não a ouso declinada no plural, não sou capaz de a declinar no ser.

A existência humana é, portanto, um constante processo de «empalavramento», de dizer essa palavra. O ser humano deve ser poliglota em diferentes linguagens. E por isso é relevante que a disciplina de EMRC apoie na introdução de uma das linguagens com que fala o humano. Não é a única, mas é uma das linguagens com que fala o humano, a linguagem religiosa. Assim se a escola pretende desempenhar bem a sua missão de educar, tem que ensinar as diversas linguagens com que fala o humano, tais como: as linguagens do logos; tudo o que são as ciências

como a biologia (que é uma linguagem do logos); todas as ciências que se relacionam com a vida humana, como a psicologia; a física, pois nós também somos matéria. Em suma, a escola tem de ensinar as linguagens do logos, mas tem também que ensinar aquilo que é a linguagem na terra, que é a linguagem cultural ou materna.

Outro aspeto importante é a linguagem de alteridade, do conhecimento e do respeito pelo outro. A experiência com o outro deve ser vivida a partir da linguagem da alteridade que é o respeito pelo outro e da linguagem dos afetos e do amor que é a relação com o outro. É assim fundamental a existência de uma escola «logomítica», que não aprofunda apenas as linguagens do «logos», mas que trabalha também as linguagens do «mítos», no sentido pleno da palavra, ou seja, as linguagens simbólicas. Essas são as linguagens religiosas. É necessária uma escola cada vez mais «logomítica», porque se ela não o for, não trabalha todas estas linguagens, havendo dimensões que não estão a desenvolver-se. Assim, podemos comprovar que é muito importante a disciplina de EMRC na escola, pois ela abre a escola às linguagens do «mítos», do ser, ajudando a escola a ser mais «logomítica».¹⁴⁴

A memória também deve ser trabalhada nas escolas, no âmbito de EMRC. É a memória que permite situar cada indivíduo numa escolha concreta. E sem esta invocação à memória, o presente é pouco consistente e o futuro torna-se de todo interrogável. Hoje em dia, uma das situações que mais se aponta às gerações atuais é que as mesmas não tem memória. A memória faz parte da tradição humana, e da tradição humana esta memória diz-nos que desde que eu encontro vestígios do ser humano encontro vestígios do religioso.¹⁴⁵

Gostaria também de salientar que a escola deve educar numa e para uma ética assimétrica, uma ética de dar ao outro sem esperar nada em troca, uma ética que é gratuita do dom, que não brota da realização de uma função, mas da presença do outro como outro, uma ética da produção do outro. Assim, o exercício da narração de uma existência da construção da história, tem de incluir um exercício de responsabilidade ética. A disciplina de EMRC também está para isso nas escolas, para trabalhar estas linguagens, para ensinar a ética assimétrica, a ética da gratuidade do dom, a ética da relação com o outro. É preciso introduzir estas práticas para poder gerar outras dimensões. A educação não deve ser entendida exclusivamente de um ponto de vista da ética, mas toda ela deve ser constitutivamente ética. Assim, a educação ou é ética ou não é educação.

¹⁴⁴ Juan Ambrósio, Apontamentos das aulas.

¹⁴⁵ Juan Ambrósio, Apontamentos das aulas.

Para concluir, a PES permitiu-me adquirir uma visão do contributo muito importante da disciplina de EMRC para a escola, da sua missão, do que é a edificação de uma escola «logomítica». A disciplina não deve apenas fazer com que os alunos compreendam as coisas, mas deve procurar ajudá-los a partir dessa compreensão a descobrir uma sabedoria para a vida.¹⁴⁶

1. Enquadramento da PES

Depois de um ano a trabalhar em vários projetos na Escola Básica D. Fernando II, gostaria de partilhar algumas ideias sobre o que é a escola e como os docentes de EMRC devem estar nela. Em primeiro lugar, a escola é e será sempre o que nós em sociedade quisermos que ela seja. Assim, é fundamental perceber a relação estabelecida entre a educação e a sociedade envolvente. Em segundo lugar, é necessário construir o hoje para que o amanhã seja futuro: a juventude de hoje será a sociedade do amanhã. Em terceiro lugar, a escola não deve ser um espaço para a reprodução de uma ideologia ao serviço do poder, mas sim um lugar de desenvolvimento da capacidade do ser humano centrado na pessoa. Assim é bastante relevante analisar o pensamento pedagógico olhando para a influência exercida pelo meio social na educação.¹⁴⁷

Tal como abordámos na disciplina de Sociologia e Ética em Educação, nos dias de hoje é primordial refletir, examinar e recriar um novo modelo educativo, mas tal só é possível a partir de um olhar histórico. Durkheim procura mostrar que a educação faz parte de um fenómeno histórico-social, salientando que é a ação de uma geração habilitada sobre uma geração desabilitada socialmente.¹⁴⁸ A escola possibilita a transmissão e a atualização de uma herança feita de geração em geração. Assim, podemos dizer que a escola tem a função de capacitar a juventude de hoje para a vida em sociedade do amanhã, com o propósito de garantir o futuro da vida em sociedade. Cabe à escola/sociedade diligenciar o desenvolvimento de um novo ser que não se encontra ainda satisfatoriamente preparado, apesar de estar aberto a uma dimensão moral e social.¹⁴⁹ A escola não tem como intuito domesticar a pessoa, mas favorecer a formação da pessoa do ponto de vista humano, ajudando-a a ser um membro ativo da

¹⁴⁶ Juan Ambrósio, Apontamentos das aulas.

¹⁴⁷ Cf. Sidnei Vares, «A educação como fato social: Uma análise sobre o pensamento pedagógico de Durkheim», Revista Educação, v.6, n.º1 (2011): 30.

¹⁴⁸ Cf. Vares, «A educação como fato social», 31.

¹⁴⁹ Cf. Vares, «A educação como fato social», 33.

sociedade. Neste sentido, Durkheim entende a educação como uma «socialização metódica das novas gerações».¹⁵⁰

Também é relevante dar ênfase à educação como processo de socialização. É fundamental que haja um pacto social entre gerações, tendo a sociedade o dever de criar condições para que a pessoa se construa como pessoa e como ser humanizado, que seja parte integrante da sociedade e não um mero subordinado. Para Durkheim, a socialização tem dois enfoques, ambos humanizantes: um primeiro, seria uma influência determinada pelo meio social e um segundo seria uma aprendizagem de conhecimento.¹⁵¹

Para que a disciplina de EMRC seja parte integrante da educação e preserve os valores comuns é fundamental a ação e a posição do professor em aula. O professor deve ter algumas aptidões para que o ensino não se desvirtue, a saber: o professor deve ser imparcial em assuntos políticos, deve abster-se de partilhar interesses pessoais com os alunos; deve ensinar com o propósito de desenvolver no aluno processos de integração na sociedade. Um dos principais objetivos a partir da perspectiva sociológica deve ser desenvolver o bem comum entre as gerações habilitadas e as que se encontram em desenvolvimento. O professor é chamado a realizar uma reflexão pedagógica, mas para isso precisa de um olhar sociológico. Ele tem ainda o poder de avaliar e transformar esses métodos caso haja um desencontro entre a escola e o seu envolvimento social. Durkheim afirma que «o pedagogo não tem de construir de alto a baixo um sistema de ensino, como se já não existisse um antes dele, devendo ao contrário, empenhar-se, sobretudo em conhecer e compreender o sistema de sua época – esta é a condição para que ele esteja apto a usá-lo com discernimento e julgar o que pode estar errado nele».¹⁵²

O professor antes de planificar as aulas, deve ajustar as estratégias e métodos pedagógicos perante os alunos que tem e perante as circunstâncias sociais, culturais e intelectuais com que se depara. A Professora Doutora Cristina Sá Carvalho menciona que:

[...] planificar bem é o instrumento de trabalho mais essencial do professor, o instrumento através do qual este toma decisões que lhe cabem, adapta a lecionação aos alunos que tem na frente, previne as disrupções e tenta manter-se em controlo do que se passará na sala de aula, tanto do ponto de vista da gestão como da transmissão e da construção do conhecimento e o desenvolvimento de todas as capacidades.¹⁵³

¹⁵⁰ Vares, «A educação como fato social», 34.

¹⁵¹ Cf. Vares, «A educação como fato social», 34.

¹⁵² José Ferraro, «Durkheim, educação e sociologia», 129, acedido a 5 de janeiro de 2021, <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/21854/14623>.

¹⁵³ Cristina Sá Carvalho, «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral Religiosa Católica», *Pastoral Catequética*, nº 31-32 (2015).

Neste sentido, o professor/escola tem a missão, através da prática educativa, de despertar no aluno a capacidade de se maravilhar com a vida.¹⁵⁴

A escola, a partir da prática pedagógica, deve habilitar os mais jovens para a vida social, tendo sempre em conta a moralidade do seu tempo. A organização escolar também deve fomentar as aptidões dos mais jovens, sendo os horários, as regras, os exames, os trabalhos individuais ou em grupo exemplos disso. Para Durkheim, esta organização nas escolas tem como princípio básico incutir nos mais jovens códigos morais e éticos para o seu futuro em sociedade.¹⁵⁵

Este mesmo sociólogo destaca que nem todos os dons, qualidades e faculdades do aluno podem ser trabalhados do mesmo modo na escola, pelo simples facto de vivermos numa sociedade poliédrica onde há diferentes «géneros de vida», «diferentes potencialidades»,¹⁵⁶ que fazem com que o aluno não consiga alcançar o máximo proveito dos seus dons naturais.

Durkheim atesta deste modo que, «a harmonia perfeita não pode ser apresentada como objetivo final de educação».¹⁵⁷ É primordial entender que a educação está ao serviço de uma sociedade poliédrica, e a partir dessa sociedade deve refletir-se como é que se pode alcançar a missão da educação sem excluir ninguém.

Assim sendo, podemos admitir que numa sociedade possa haver vários tipos de sistemas educativos, dependendo das necessidades do seu envolvimento. A partir de uma visão sociológica, quando analisamos uma sociedade e a dividimos em castas, podemos inferir diferentes modificações.¹⁵⁸ Por esta razão, a educação tem de responder a cada uma dessas diferenças. Isto não determina nem exclui, que na raiz, existam «princípios educativos comuns que balizam a educação de todos antes das diferenças se tornarem realidade».¹⁵⁹

Ao longo deste trabalho temos constatado que a disciplina de EMRC está ao serviço da sociedade para construir um ideal de ser humano. Assim, é relevante abordar outro tema que é a autoridade que deve acompanhar a educação. Todo o ser humano nasce como um «ser egoísta e associal».¹⁶⁰ Deste modo, todas as gerações vindouras devem abdicar da sua biologia inicial, para se abrirem a princípios mais audazes e edificados, construindo assim um primado moral para as sociedades futuras.

¹⁵⁴ Cf. Vares, «A educação como fato social», 38-39.

¹⁵⁵ Cf. Vares, «A educação como fato social», 40-43.

¹⁵⁶ Ferraro, «Durkheim, educação e sociologia», 124.

¹⁵⁷ Ferraro, «Durkheim, educação e sociologia», 124.

¹⁵⁸ Cf. Ferraro, «Durkheim, educação e sociologia», 125.

¹⁵⁹ Ferraro, «Durkheim, educação e sociologia», 125.

¹⁶⁰ Ferraro, «Durkheim, educação e sociologia», 126.

Para Durkheim é fundamental compreender que o conceito de liberdade não é fazer o que eu quero, sem olhar para o outro. O conceito de liberdade implica, que antes haja a «autoridade bem aplicada»,¹⁶¹ para que assim o jovem seja verdadeiramente um ser livre. Deste modo, todo o ser humano para ser livre, é chamado a «ter autocontrole e agir guiado pela razão e cumprir o seu dever».¹⁶² Vivemos em sociedade e não somos seres solitários, não podemos educar os nossos filhos como quisermos, pois, temos obrigações e deveres perante a sociedade e sobretudo perante as gerações vindouras.¹⁶³ Para que haja uma sociedade amanhã, temos de começar a construí-la hoje. E para isso não podemos refletir a partir de fora o que a sociedade nos pede, mas devemos inovar e entender a maneira como a escola/educação deve proceder nos tempos hodiernos. Isto não exclui que «somos obrigados a seguir as regras reinantes no meio social em que vivemos. A opinião impõe-nos este comportamento, e a opinião é uma força moral cujo poder opressivo não é menor do que o da força física».¹⁶⁴ Segundo Durkheim, não podemos remar contra a corrente, porque ao estarmos inseridos numa sociedade estamos «mergulhados em uma atmosfera de ideias e sentimentos coletivos»¹⁶⁵ que não podem ser ignorados nem modificados arbitrariamente.

Em jeito de conclusão, para que possamos dar novos passos no ensino e na escola, temos de procurar entender a sociedade no seu todo. Só assim entenderemos o «microcosmo social que a escola é».¹⁶⁶ Se queremos dar novos passos no sistema educativo temos de gerar novas transformações sociais,¹⁶⁷ uma vez que os métodos educativos alteram-se e criam-se a partir de movimentos sociais que marcaram e influenciaram um contexto da vida social.

2. Contextualização da Escola D. Fernando II, Sintra

A Prática de Ensino Supervisionada e relatório realizou-se na Escola D. Fernando II, do Agrupamento de Escolas Monte da Lua em Sintra. Este agrupamento é composto por onze

¹⁶¹ Ferraro, «Durkheim, educação e sociologia», 126.

¹⁶² Ferraro, «Durkheim, educação e sociologia», 127.

¹⁶³ Neste sentido, a Professora Doutora Cristina Sá Carvalho, menciona que o Programa da disciplina de EMRC está planificado por metas curriculares, o que demonstra a missão da disciplina em ter uma visão sobre as necessidades e interesses das famílias em relação à inquietação da educação dos seus filhos. Cf. Cristina Sá Carvalho, «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral Religiosa Católica», *Pastoral Catequética*, nº 31-32 (2015), 30.

¹⁶⁴ Ferraro, «Durkheim, educação e sociologia», 127.

¹⁶⁵ Ferraro, «Durkheim, educação e sociologia», 127-128.

¹⁶⁶ Ferraro, «Durkheim, educação e sociologia», 130.

¹⁶⁷ Cf. Ferraro, «Durkheim, educação e sociologia». 131.

escolas¹⁶⁸. Estas escolas abrangem desde o ensino pré-escolar ao secundário e também o ensino de adultos.

O Agrupamento está geograficamente inserido na vila de Sintra, rodeado pela beleza da Serra de Sintra e pela costa atlântica, o que lhe oferece características naturais, climatéricas e culturais únicas.

A Escola D. Fernando II está localizada num vale muito próximo do centro da vila de Sintra. Esta escola tem um espaço bastante agradável e com um grande potencial educativo, mas carece de requalificação e de manutenção nos espaços edificados, tanto no seu interior como no exterior. Penso que se houvesse a possibilidade de uma requalificação esta poderia permitir um melhor aproveitamento dos seus espaços e ter também uma melhor apresentação.

Podemos também constatar que existem espaços na Escola D. Fernando II que estão bem cuidados. Um deles é a biblioteca, um espaço renovado, de grande dimensão, com bom equipamento e com uma grande luminosidade natural que faz desta biblioteca um espaço acolhedor e fascinante. Outro espaço muito interessante e de uma grande beleza é o jardim arqueológico, um espaço que valoriza a escola e que também é muito rico a nível pedagógico para os alunos, na medida em que favorece certas áreas temáticas como por exemplo a disciplina de Ciências Naturais.

Uma característica muito positiva desta escola é o corpo docente, que é muito acolhedor, simpático e alegre e que cria um ambiente familiar entre os professores. Nos vários momentos em que partilhamos espaços com o corpo docente, como por exemplo no café das 10:00h, podemos sentir e visualizar os bons laços de simpatia e de amizade que existem entre os professores. A partilha de situações relacionadas com os alunos, a resolução de problemas do âmbito escolar e de outros assuntos quotidianos é algo que tenho constatado na relação e nas preocupações dos professores e acho que é muito importante. Estes momentos promovem um ambiente de conforto que contribui para uma ajuda mútua entre professores perante as dificuldades que possam surgir no trabalho educativo.

A disciplina de EMRC tem um espaço próprio para a lecionação da mesma. Este espaço é constituído por duas salas ligadas por uma passagem central sem porta. Com dois espaços diferentes, a primeira sala é um espaço com secretárias unidas formando um «O» e a segunda sala paralela a esta é a sala de aula onde frequentemente se leciona. Esta sala tem várias cadeiras

¹⁶⁸ EBIJI Sintra; JI Azenhas do Mar; EBIJI Mucifal; EBIJI São Pedro; EBIJI Ranholas; EBIJI Portela; EBIJI Linhó; EBIJI Galamares; EBI Colares; EB 2/3 D. Fernando II; e ES Santa Maria, acedido 1 de dezembro de 2021, em <https://agml.pt/index.php/ct-menu1-item2/ct-menu1-item3>

individuais, dispostas no formato de um «U». Esta sala está equipada com um videoprojector e um computador antigo. Este espaço, apesar de estar um pouco descuidado, é um espaço interessante porque dá identidade à disciplina de EMRC, que é uma disciplina que tem o seu próprio espaço na escola e faz com que desenvolva um trabalho mais concentrado com os alunos. É um espaço de encontro de alunos de EMRC, o que favorece a disciplina pela positiva. O espaço poderá ser organizado e decorado com os trabalhos dos alunos de modo a criar um ambiente em que os alunos se sintam parte integrante da disciplina. No fundo, é um espaço acolhedor e confortável no qual é possível estabelecer uma grande empatia entre professor e aluno e onde se podem desenvolver os conteúdos da disciplina num espaço dedicado para o efeito e que os alunos o reconhecem como tal.

A disciplina de EMRC tem uma presença na Escola D. Fernando II de 30,79% - 158 alunos inscritos na disciplina. Este valor não deixa de ser preocupante e deve-nos fazer pensar qual a postura e o papel que a disciplina de EMRC deve ter nas escolas. Com o decorrer dos anos podemos constatar uma redução acentuada do número de alunos inscritos na disciplina. Para uma melhor análise, partilho a informação estatística dos alunos de EMRC em 2021/2022

	1º A		1º B		2º A		2º B		3º A		3º B		4º A		4º B		Escola		
	Turma	EMRC	Turma	EMRC	Turma	EMRC	Turma	EMRC	Turma	EMRC	Turma	EMRC	Turma	EMRC	Turma	EMRC	Total	EMRC	%
Portela	20	4	--	--	22	5	22	10	21	7	21	4	15	2	15	3	136	35	25,73
Linhó	19	5	15	2	14	1	17	5	18	3	15	5	20	1	---	---	118	22	18,64
S. Pedro	20	7	--	--	13	6	--	--	19	9	--	--	22	2	--	--	74	24	32,43
Vila	20*	7	--	--	2*	1	--	--	8*	2	--	--	4*	1	--	--	34	11	32,35
Ranholas	12*	0	--	--	8*	0	--	--	12*	0	--	--	7*	0	--	--	39	0	0
Polo	22	5	20	2	20	4	--	--	20	0	--	--	24	0	22	13	128	24	18,75
Mucifal	14	0	--	--	16	0	--	--	18	5	--	--	16	3	--	--	64	8	12,50
Galamar	9*	3	--	--	11	2	--	--	18	1	--	--	11*	0	--	--	49	6	12,24

* turma mista

1º ano		2º ano		3º ano		4º ano		1º ciclo	
Total	EMRC	Total	EMRC	Total	EMRC	Total	EMRC	Total	EMRC
171	35	145	34	170	36	156	25	642	130
20,47%		23,45%		21,18%		16,03%		20,25%	

	5º A		5º B		5º C		5º D		5º E		6º A		6º B		6º C		6º D		6º E	
	Turma	EMRC	T	E	T	E	T	E	T	E	T	E	T	E	T	E	T	E	T	E
D. Fernando II	19	2	20	4	20	7	19	7	18	1	21	12	24	5	23	8	24	6	-	-
Colares	15	9	15	0	16	0	18	0	-	-	18	0	17	2	19	0	18	0	22	0

	7º A			7º B			7º C			7º D			7º E			8º A			8º B			8º C			8º D			8º E			9º A			9º B			9º C			9º D			9º E		
	T	E	%	T	E	%	T	E	%	T	E	%	T	E	%	T	E	%	T	E	%	T	E	%	T	E	%	T	E	%	T	E	%	T	E	%	T	E	%						
D. Fernando II	2	1	2	2	0	2	1	2	3	4	1	1	2	3	6	1	9	8	2	0	4	2	0	4	2	1	1	2	1	1	2	0	1	1	2	2	3	5	2	0	1	2	1	1	
Colares	1	0	2	0	1	0	1	0	1	0	-	-	2	0	6	0	7	0	1	0	6	0	6	0	5	0	1	1	1	2	0	2	0	2	0	3	0	2	0	-	-	-	-		

	5º ano			6º ano			2º ciclo			7º ano			8º ano			9º ano			3º ciclo			Total		
	T	E	%	T	E	%	T	E	%	T	E	%	T	E	%	T	E	%	T	E	%	T	E	%
D. Fernando II	96	2	21,8	95	3	32,6	19	5	27,2	96	4	43,7	95	3	34,7	10	3	29,8	32	10	32,9	51	15	30,7
Colares	64	9	14,0	94	2	2,12	15	1	6,96	64	0	0	94	0	0	88	0	0	24	7	0	40	5	11
DF+ Colares	16	3	18,7	18	3	17,4	34	6	18,0	16	4	26,2	18	3	17,4	19	3	16,1	54	10	19,5	91	16	18,4
	0	0	5	9	3	6	9	3	5	0	2	5	9	3	6	2	1	5	1	6	9	8	9	0

Ano	Turma	EMRC	Ano	Turma	EMRC	Ano	Turma	EMRC	Ano	Turma	EMRC
10º A	28		11º A	26		12º A	29		1 INT	28	
10º B	29		11º B	26		12º B	30		1 TAP	14	
10º C	29	4	11º C	28	4	12º C	29	2	1 TAUS	23	
10º D	30		11º D	25		12º D	28		1 TM	15	
10º E	28		11º E	27		12º E	29		1 TT	26	
10º F	30		11º F	23	1	12º F	29		1º	106	
10º G	29		11º G	26		12º G	28		2 TAF	15	
10º H	23		11º H	29	2	12º H	30		2 TAUS	9	
10º I	27	3	11º I	27		12º I	28		2 TM	11	
10º J	28		11º J	28		12º J	28	2	2 TMGP	8	
10º K	27	9	11º K	27		12º K	27		2 TT	19	

Secundário		C. Prof.		ESSM	
Total	EMRC	Total	EMRC	Total	EMRC
1403	35	233	0	1636	35
2,49%		0%		2,14%	

10º L	28		11º L	21		12º L	26	1	2º	62	
10º M	28	1	11º M	28		12º M	26		3 TAEI	13	
10º N	28		11º N	28	5	12º N	25		3 TAP	9	
10º O	28		11º O	26	1	12º O	29		3 TAUS	12	
10º P	28		11º P	28		---	---	---	3 TISF	8	
10º Q	28		11º Q	27		---	---	---	3 TT	23	
10º R	28		11º R	26		---	---	---	3º	65	
Total	504	17	Total	478	13	Total	421	5	Total	233	
10º		3,37 %	11º		2,72 %	12º		1,19 %	Prof.		0 %

AGML	
Total	EMRC
3168	334
	10,54 %

Tabela 1 - Estatística dos alunos de EMRC em 2021/2022

Podemos constatar que a Escola D. Fernando II tem uma das percentagens mais elevadas de alunos inscritos, comparando com as outras escolas do mesmo agrupamento. Quando analisamos as outras escolas do AGML verificamos que o número de alunos é muito inferior em muitos casos.

Estes dados indicam que existe uma disparidade entre o número de alunos inscritos nas várias escolas do AGML – 3168 alunos, para o número de alunos inscritos em EMRC – 334 alunos, um total de 10,54%. Estas percentagens devem fazer refletir os professores de EMRC e de qual será a postura mais adequada a ter nas escolas para poder chegar a mais alunos.

Em Sociologia e Ética em Educação já tínhamos abordado que a educação é o motor de crescimento da sociedade e que ela é uma porta para as oportunidades e também para a igualdade, na medida em que tem o poder de corrigir as desigualdades que existem na nossa sociedade.

É muito importante saber o lugar que ocupa a EMRC nas Ciências Sociais e a sua visão sobre a escola e sobre os alunos. A EMRC deve ter como objetivo primordial estudar o fenómeno educativo, o trabalho realizado na escola bem como os alunos e o seu envolvimento.

Deste modo a disciplina de EMRC pode ter um papel basilar e ajudar a olhar para a escola de uma forma mais critica e não tanto numa perspetiva ligeira, uma vez que a realidade social é criada pelo ser humano e os fenómenos sociais não são pré-existentes à sociedade humana. Assim, a escola e os alunos são uma criação social que se altera no tempo e no espaço. A escola surge como a necessidade de uma mudança social para dar resposta ao desenvolvimento e ao progresso na sociedade.¹⁶⁹ E por ser um fenómeno social necessita de ser investigada, debatida, recriada e atualizada pela sociedade com um novo olhar.

É importante entender que a educação é parte integrante da escola, da sociedade, mas também dos docentes. Como diz François Dubet:

¹⁶⁹ Ana Rita Faria, Apontamentos das aulas.

[...] a sociologia da educação faz, cada vez mais, parte da própria escola, e se ela não nos diz exatamente o que é preciso fazer, ela traça os quadros no interior dos quais pode construir-se a nossa liberdade. É por esta razão que a sociologia da educação não diz respeito somente aos sociólogos, mas que ela deve ser bem comum dos professores.¹⁷⁰

Assim, não podemos circunscrever a escola a um sistema que se converte num «território delimitado por fronteiras físicas, nem como um agregado biológico»¹⁷¹, mas temos de valorizar a riqueza que há nela e entender que a disciplina de EMRC tem um papel primordial para os processos escolares de ensino.

Em Didáctica Específica de “Educação Moral e Religiosa Católica” tivemos a oportunidade de aprofundar que a sociedade e a história também se podem construir a partir da dimensão religiosa. A dimensão religiosa, tem as dimensões que são constitutivas do ser humano, a partir do qual a história e a sociedade se constroem. O objetivo não é construir a comunidade crente e humana. A disciplina de EMRC é uma abertura, com valores éticos, morais, que deve ajudar a abrir as asas e nunca a fechar. Ela deve ter sempre uma perspetiva de abrir horizontes, levando à construção da sociedade, à construção da história e abrindo espaços para que o aluno possa criar a sua identidade.¹⁷²

A disciplina de EMRC deve ser um espaço de abertura, de respeito que leva a conhecer as diferenças que há no outro. Não deve julgar, mas construir caminho numa sociedade poliédrica, onde possa haver lugar para todos, até para os não crentes. Assim, os alunos não podem ser tratados como seguidores de uma religião, porque o que está em causa é o conhecimento e não o convencimento. A presença do ensino religioso nas escolas pode mostrar outras racionalidades, ou seja, uma escola «logomítica».¹⁷³

Não existe uma supra religião, uma religião absoluta que paira por cima de todas as outras. O que existem são religiões concretas. A dimensão religiosa do ser humano é a capacidade que ele tem, de viver, de se relacionar, de perceber e de intuir o transcendente. Mas essa capacidade não existe noutra estado, tem de ser operacionalizada a partir de chaves concretas. Assim, não existe a religião do abstrato, o que existe são as religiões e cada religião é uma concretização que permite que o ser humano viva a dimensão religiosa.

Neste sentido, quando falamos de EMRC o que queremos dizer com a palavra católica é isso, é trabalhar a dimensão religiosa dos nossos alunos, a partir de uma dimensão católica.

¹⁷⁰ Rui Canário, *O que é a escola? Um olhar sociológico* (Porto: Porto Editora, 2005), 39.

¹⁷¹ Canário, *O que é a escola? Um olhar sociológico*, 52.

¹⁷² Juan Ambrósio, Apontamentos das aulas.

¹⁷³ Juan Ambrósio, Apontamentos das aulas.

Porque não existe a religião do abstrato. O intuito não é trabalhar o católico é trabalhar a dimensão religiosa a partir da perspectiva católica.

No meu entender, considero que trabalhar a dimensão religiosa nas escolas não devia ser facultativo, mas sim obrigatório, apesar de poder ter várias tipologias, uma mais confessional e outra mais cultural. Para os alunos que tem uma dimensão mais cristã poderia haver uma proposta mais confessional e para os restantes alunos outra mais cultural onde todos trabalhassem a dimensão religiosa.

Qualquer pessoa que queria estudar minimamente e seriamente o fenómeno humano deparasse com o fenómeno religioso, não sendo possível ignorá-lo. Não é possível pensar o ser humano nem identificar uma sociedade sem lidarmos com o fenómeno religioso. Assim, considero que o fenómeno religioso deveria ser trabalhado na escola, sendo uma parte integrante das disciplinas trabalhadas nas escolas. É importante trabalhá-lo no sentido de não reduzir simplesmente a uma perspetiva tão disciplinar como ele tem agora. O ensino religioso escolar não pode estar ausente nas escolas.

Atualmente a EMRC corre o risco de ser uma disciplina menor, de ser uma presença secundária que não é querida, mas tolerada. É necessário ensaiar outras propostas, outras maneiras de trabalhar esta dimensão religiosa na escola, fugindo claramente da questão proselitista e catequética. Os nomes são muito importantes para definir a disciplina. É necessário procurar uma presença que não seja unicamente curricular. Não devemos estar na escola com o espírito de estar por favor. Mas devemos estar nas escolas sabendo que se nós não estamos nas escolas mais miguem vai fazer esse trabalho que é trabalhar a dimensão religiosa.¹⁷⁴

A nossa presença na escola deve procurar ajudá-la a pensar nos seus objetivos e não para ajudar a Igreja nos seus objetivos. Legítimo a partir da própria escola, não a partir da Igreja. Porque legitimar a presença do ensino religioso na escola a partir da Igreja é legitimar a partir de fora. Temos de legitimar a partir dos próprios objetivos da escola. É por isso que é importante um modelo de diaconia. Estou na escola, para ajudar a escola a alcançar os seus objetivos. Só teremos o direito de estar na escola quando verdadeiramente formos capazes de mostrar que a dimensão religiosa é fundamental para o ser humano.

Deveríamos legitimar simplesmente a partir do fenómeno religioso enquanto tal, que seria um itinerário antropológico, que se foca em torno da dimensão antropológica da

¹⁷⁴ Juan Ambrósio, Apontamentos das aulas.

existência, e por isso a religião fosse estudada na escola por ser uma dimensão fundamental do ser humano e da cultura. E o objetivo da EMRC é familiarizar os alunos com esta dimensão, promovendo a dimensão religiosa, a partir de elementos e de expressões próprias do cristianismo ou de qualquer outra religião. É muito relevante estudar a dimensão «logomítica» nas escolas.¹⁷⁵

Assim, o passo que temos de dar é legitimar a partir da escola, ou seja, através de uma abordagem educativa e cultural e não de uma abordagem meramente eclesial ou catequética. Se a escola tem o objetivo de criar cidadania, de criar sociedade, de criar comunidade, então talvez o religioso tenha presença no ensino. É essencial então compreender a tradição cultural que se vive, as marcas que essa tradição/cultura têm da dimensão religiosa. Este parece ser o passo essencial para legitimar a presença de EMRC, não a partir de fora, mas a partir dos próprios objetivos da escola.¹⁷⁶

Assim, se a comunidade crente ou eclesial está na escola deve ajudar a escola a atingir os seus objetivos, sendo também fiel à sua identidade. Por outras palavras, sempre que a Igreja se põe ao serviço do ser humano e da identificação do ser humano, também cumpre a sua missão. Se legitimarmos a presença do religioso a partir da escola e se isso for a maneira como damos o nosso contributo, estamos a contribuir para que a escola seja verdadeiramente escola e a ajudar os jovens a desenvolver-se. Estamos assim, igualmente, a contribuir para a missão da Igreja, que pode ser chamado de modelo de diaconia, como já referi anteriormente. A Igreja coloca-se ao serviço, põe-se ao serviço, e está na escola para prestar um serviço e não porque tem direito a estar na escola.

Penso que o caminho a seguir deverá apontar nesta direção, tendo em atenção que o tempo e o espaço onde se desenvolve a EMRC é o tempo e o espaço escolar, devendo ser a partir daí e desse contexto que deve ser pensada. Terá depois que haver uma reflexão antológica, uma reflexão sobre os objetivos da educação, uma reflexão sobre o que é viver em sociedade e sobre o fenómeno religioso. A legitimação do ensino religioso passa por tudo isto. A Igreja, presta este serviço e ao prestar este serviço está também a realizar a sua missão.

EMRC contribui claramente para que a escola obtenha as suas finalidades, contribui para uma educação global e integral, trabalhando a dimensão religiosa do ser humano, da cultura, da sociedade, da história e da realidade. Contribui também prestando uma especial

¹⁷⁵ Juan Ambrósio, Apontamentos das aulas.

¹⁷⁶ Juan Ambrósio, Apontamentos das aulas.

atenção aos valores. Ela faz o que mais nenhuma faz: trabalha a dimensão religiosa dos valores, ou seja, o horizonte e a fundamentação religiosa que os valores têm.

Compete à EMRC trazer e apontar outros horizontes, que ajudem depois a entender uma maneira de viver. EMRC deve ajudar os alunos a perceber melhor os problemas relativos à sua identidade, facilitando a construção de um projeto com sentido de vida que pode e deve ser também pensado a partir da dimensão religiosa. Assim, o aluno passa a ter competências de se saber situar face ao fenómeno religioso, porque o sabe entender. Dispõe, a partir desse momento, de mais uma ferramenta, de mais uma habilitação, para construir a sua vida, para construir o seu projeto de vida, para construir a sociedade.

É importante que a vida, o mundo, o sentido, a história, possam ser fundamentados e construídos a partir da dimensão religiosa. Abdicar de trabalhar esta dimensão seria então, não dar aos alunos todos os horizontes possíveis com que se pode identificar o mundo, a vida, o sentido, a história e a sociedade.¹⁷⁷

3. Contextualização da Turma do 9º ano

As turmas D e E do 9º ano, com as quais estagiei, são constituídas por vinte e vinte e um alunos, respetivamente. Destes, no caso da turma D, frequentam treze alunos e no caso da turma E um aluno. No total frequentam esta aula de EMRC catorze alunos: oito raparigas e seis rapazes.¹⁷⁸

Dos catorze alunos que frequentam a disciplina um aluno é de nacionalidade Indiana e todos os outros alunos são de nacionalidade portuguesa. Contudo, há dois alunos que os seus familiares são de origem brasileira e romena. O aluno de família romena é da Igreja ortodoxa, mas não é praticante. Esta turma demonstra uma grande riqueza intercultural.

É uma turma com grande potencial, mas denotei que as raparigas estiveram mais atentas, mais motivadas e com uma participação mais cuidada e oportuna que os rapazes. Contudo, duas alunas revelaram atitudes mais infantis e mais desatentas em comparação com alguns rapazes.

Outro ponto a destacar é a boa relação que existe entre todos os alunos. São muito compreensivos, amigos, ajudam-se mutuamente, criando um verdadeiro clima de uma turma

¹⁷⁷ Juan Ambrósio, Apontamentos das aulas.

¹⁷⁸ Devido ao Regulamento Geral de Proteção de Dados da Lei nº 58/2019 foi-nos impossibilitado o acesso aos dados sobre cada aluno, o que nos impossibilitou realizar uma caracterização da turma de forma mais objetiva. Todos os dados apresentados resultam da observação direta, da relação e do diálogo com os alunos em sala de aula.

saudável. Isto favorece a lecionação e a forma como o professor pode interagir com os alunos. Esta turma exige do professor uma grande preparação e gestão em sala de aula. É uma turma com muito potencial e, a cada aula que passou, foram-se notando bons progressos.

4. Planificação da UL1 e 2 do 9ºano.

As unidades letivas 1 e 2, a saber, a «Dignidade da Vida Humana» e «Deus, o grande Mistério», estão inseridas no programa do 9º ano do Ensino Básico da Disciplina de EMRC e são para mim as unidades que fundamentam a importância de os alunos terem EMRC.

Os conteúdos presentes na UL 1, conduzem-nos pelas questões essenciais do início da vida humana; as grandes teorias hoje amplamente debatidas; a complementaridade entre a crença e a razão; a forma como a religião cristã pensa o início da vida humana, a inserção do homem neste plano da criação. Criado à imagem e semelhança de Deus, desde a diversidade e a diferença do Mistério Trinitário.

A UL 1 e 2 complementam-se e é fundamental que o professor saiba fazer a junção destas duas unidades não com matérias separadas, mas como unidades inteiramente unidas desde uma fundamentação na área da antropologia teológica. Enriquecendo e permitindo aos alunos uma linguagem mais aproximada da sua para uma melhor compreensão da presença de Deus como um Deus-amor que os acompanha a todos de igual forma e nos ama incondicionalmente.

A organização do programa facilita aos docentes organizarem uma disposição de cada unidade, segundo as suas opções preferenciais, de acordo com o foco que pretendam trabalhar em maior profundidade e em maior lidação destas unidades, a fim de alcançar os objetivos que se recomendam, no início da PES.

A UL 1 e 2 tem como objetivo orientar os alunos num itinerário de descoberta do que é o ser humano em todas as suas dimensões. O ser humano não é apenas um ser vivente, mas cada pessoa é um ser irrepitível e diferente que é querido e amado por Deus.

Notou-se ao longo da lecionação das unidades letivas um empenho crescente por parte dos alunos em querer aprofundar mais a relação do ser humano com Deus.

Sendo este um tema tão complexo partimos desde a seguinte verdade: todo o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, liberadas e justificadas por Cristo, e santificadas pelo Espírito Santo. Ambos, mulheres e varões imersos na mesma miséria do pecado e no

sacramento da graça, estão destinados a uma missão comum segundo a qual a glória de Deus é partilhada com a humanidade.

Podemos dizer que o amante do mundo e a sua glória estão em correlação com a felicidade humana. É aqui onde podemos ver uma certa contradição por parte da história ao longo de muitas décadas. Sobretudo em relação aos direitos dos mais frágeis; pessoas - refugiados, crianças e idosos.

Desta forma emerge no pecado a falta da autenticidade, fidelidade ao próprio projeto «vocacional» de vida UL 3 que nos desvincula do plano amoroso de Deus, a saber, que vivemos entre nós, varões e mulheres, em comunhão. Dito de outro modo, que realizemos a nossa semelhança com a Trindade divina que é comunhão de pessoas. Seres irrepetíveis e com múltiplas diferenças biológicas, culturais, religiosas e sociais, mas que vivem em relação de comunhão com o outro. Podemos assim dizer que estamos chamados a viver uma comunhão poliédrica de pessoas desde o amor de Deus.

A UL 2 mostra a importância da mesma ser trabalhada na disciplina de EMRC. Nesta UL procura-se trabalhar o ser humano como um todo, a dimensão do eu, do outro e do transcendente. Esta unidade oferece um trabalho sério com os alunos, na descoberta do seu próprio eu.

Diz no Evangelho segundo São Marcos: «amarás ao teu próximo como a ti mesmo» (cf. Mt 22, 39). Deste modo somos convidados a construir uma teologia Trinitária onde todos os seres humanos se sintam incluídos e livres sendo, assim, fiéis ao propósito da criação.

É muito importante saber que «Deus estabelece com todos uma relação pessoal: Sl 139 (138)». A natureza da Trindade vista a partir deste novo paradigma de comunhão faz-nos conhecer um Deus Trino na sua relação com o criado.¹⁷⁹

Não devemos traçar limites para o amor que o Mistério Trino têm pela pessoa humana. O ser humano é o que está chamado a ser, caminho por Cristo no diferente (UL 1 e 2). Devemos continuar a questionar e a refletir qual é o caminho no ser de Cristo.¹⁸⁰ O cristianismo deve ser algo que aposta com Deus pela diversidade da existência humana.¹⁸¹ Deus criou-o totalmente diferente a Ele e na encarnação deu-se no totalmente diferente, podendo dizer que se revelou de forma definitiva em Jesus de Nazaré. Sendo assim, Deus fez-se a si mesmo, realidade

¹⁷⁹ Cf. Ladaria, La trinidad. Misterio de Comunion, 11-64.

¹⁸⁰ Manual do 6ºano, Estou contigo, (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 39.

¹⁸¹ Cf. Karl Rahner, Curso fundamental sobre la fe, Introduccion al concepto de cristianismo, (Barcelona: Herder, 1979), 467.

humana no totalmente distinto a Ele. Por isso devemos aceitar com Deus a diferença, até ao ponto de que podemos afirmar que a diferença é querida por Deus e que é lugar da revelação de Deus.

Em suma, parece-me oportuno destacar os elementos fundamentais que foram saindo ao longo dos diferentes objetivos da unidade letiva 1 e 2 do 9º ano. Com esta unidade letiva podemos encontrar uma teologia integradora, poliédrica, multicolor e de comunhão na qual constatamos a importância da pessoa humana enquanto ser único em relação com os outros. Assim mesmo, a pluralidade do ser humano é vista pela teologia como uma unidade na diversidade, dentro da qual todos somos imagens de Deus, respeitando-se a nossa unicidade e sem cair numa homogeneização.

Durante a PES, algumas destas dimensões foram trabalhadas e refletidas, de acordo com as carências encontradas nos alunos. Em seguida tentarei mostrar o meu contributo feito ao longo da PES.

5. Percurso Pedagógico

De seguida vamos poder analisar a lecionação das unidades letivas, «UL1: A dignidade da Vida Humana» e a «UL 2: Deus, o grande Mistério», unidades de referência e nas quais coloquei todo o meu conhecimento e empenho. Neste ponto abordaremos todo o percurso pedagógico do qual tentei recriar novas estratégias pedagógicas e metodologias de ensino, para que pudesse chegar mais perto dos alunos.

As unidades letivas que lecionei neste percurso da PES são fundamentais para a vivência em sociedade, para o desenvolvimento do eu e para desenvolver fundamentalmente a dimensão do transcendente. Este percurso pedagógico tem como objetivo levar o aluno a encontrar-se consigo mesmo, com o outro e com Deus. Depois de alguma reflexão e estudo usei uma linguagem mais adequada e apropriada para a faixa etária dos alunos do 9º ano. Uma linguagem de encontro, de relação, de testemunho, de comunhão que edifique as suas vidas e os leve a uma transformação do seu ser enquanto pessoas. Para abordar a UL 2 tentei colocar-me no lugar dos alunos e quais seriam as perguntas e as dificuldades vividas na sua faixa etária, para assim conseguir ir ao encontro dos alunos e puder ser luz no seu crescimento como pessoas em descoberta.

5.1. UL 1: A Dignidade da Vida Humana – Aulas 1 a 3 – Lição nº1 a 3: Considerações sobre a dignidade da vida humana.

Esta foi a primeira aula da «Unidade Letiva 1: A dignidade da Vida Humana», sendo a porta de entrada para o desenvolvimento das próximas aulas. Teve como objetivo «reconhecer a dignidade e inviolabilidade da vida humana como eixo dos valores morais».

A aula organizou-se em três etapas: A primeira etapa desenvolveu-se a partir da definição de dignidade e do valor da vida, com a utilização de uma breve teatralização, da imagem de uma nota de vinte euros amarrotada, para demonstrar que, da mesma forma que a nota não perde o seu valor, a dignidade é algo inestimável e inalienável. Com esta pequena teatralização com uma nota de vinte euros, perguntou-se aos alunos se a queriam. Todos os alunos demonstraram interesse em ficar com a nota. De seguida, houve um conjunto de «gesto de desprezo», pisando e amarrotando a nota. E insistiu-se com a pergunta: «Ainda querem a nota?» Muitos dos alunos disseram que sim, porque continuava a valer vinte euros. Assim, foi transmitida a ideia que aconteça o que aconteça à pessoa, ela nunca perderá o seu valor humano nem a sua dignidade.

Numa segunda parte da aula coloquei os alunos a refletir e a questionar a sua origem. Com a apresentação de um PowerPoint expôs-se a perspetiva religiosa da Igreja Católica que afirma que Deus é a origem da vida.

Aprofundou-se cientificamente esta ideia apresentando os símbolos e frases dos textos sagrados que caracterizam as grandes religiões para afirmar que todas as religiões aclamam o valor da vida e da dignidade humana apelando ao respeito pela pessoa.

Na última parte da aula, propôs-se a realização de uma tarefa aos alunos; 1. «Em que consiste a dignidade da vida humana?», 2. «Porque é que a vida é o valor primordial?» e 3. «Porque é que a vida é sempre um bem?».

Em suma, o objetivo e os conteúdos programados para esta aula foram muito bem alcançados. Destaco positivamente o diálogo estabelecido entre a professor e os alunos no desenvolvimento da aula, foi transmitida uma boa definição de dignidade humana e clarificada a importância do valor da vida. Ressalto a importância visual da nota, uma teatralização que suscitou grande atenção e um entusiasmo redobrado nos alunos. Penso que foi uma boa estratégia pedagógica esta imagem criada com o valor da nota. Não teria tido tanto impacto se simplesmente mostrasse um texto sobre o valor da vida aos alunos.

Na aula 3, lição nº3; abordou-se a vida humana como valor primordial, mas não absoluto. Esta aula da UL 1 teve três momentos principais:

O primeiro momento foi marcado por um diálogo entre a professor e os alunos, que começou com a discussão sobre a afirmação «a vida humana é um valor primordial, mas não absoluto».

O segundo momento da aula, seguiu-se com a visualização de dois vídeos sobre a vida e testemunho de Luther King e de Gianna Beretta, realçando as suas atitudes que promoveram a dignidade humana e nos fazem compreender o valor da vida. Os meios audiovisuais foram uma preciosa mais-valia, pois permitiram salientar e fortalecer o conteúdo sobre o qual se tinha refletido na primeira parte da aula. Os alunos mostraram especial interesse pelos dois testemunhos de vida e pela reflexão que tinha sido feita até ao momento. Isto levou a que os alunos interiorizassem os conteúdos pretendidos para esta aula. Desde a minha humilde opinião penso que a estratégia pedagógica foi muito interessante. Primeiro fundamentou-se através do manual e depois os dois exemplos vivos e marcantes na nossa história para dar mais ênfase e valor ao objetivo pretendido.

Num terceiro momento ponto fez-se a análise do texto do Bom Pastor. A imagem do Bom Pastor permite uma maior compreensão da mensagem do texto por parte dos alunos, porque conseguem compreender que o Bom Pastor cuida e dá a vida pelas ovelhas, mesmo perante as adversidades.

Por fim, a síntese da aula foi: «O valor da vida humana implica um agir ético em todas as situações vitais do quotidiano». Desde a minha perspectiva o objetivo foi muito bem alcançado e os alunos estiveram abertos ao diálogo e à reflexão.

5.2. UL 1: A Dignidade da Vida Humana - Aula 4 - Lição nº4: Identificação e debate sobre alguns grupos em desvantagem social

 METAS	 OBJETIVOS	 CONTEÚDOS	 ESTRATÉGIAS	 TEMPO	 MATERIAIS	 AVALIAÇÃO FORMATIVA			
Aprendizagens essenciais: Perceber criticamente factos sociais sobre situações de grupos minoritários e em desvantagem social onde a dignidade da vida humana se encontra ameaçada.			Acolhimento e registo do Sumário	5'		Assiduidade e pontualidade	C O M P O R T A M E N T O		
			Recapitulação da aula anterior	5'					
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	3. Interpretar criticamente factos sociais sobre a situação de grupos minoritários em desvantagem social.	<ul style="list-style-type: none"> - Os grupos minoritários ou «não produtivos». - A problemática da igualdade e da discriminação. - Os preconceitos sociais e religiosos face a: Os estrangeiros e a xenofobia; ideologias racistas; genocídios; Os membros de religiões minoritárias e o fanatismo religioso; Os portadores de deficiência; Os idosos; Os doentes terminais. - A falta de responsabilidade dos adultos face às crianças. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação em PowerPoint. - Motivação. - Reflexão. - Debate. 	10'				<ul style="list-style-type: none"> - Caderno diário - Manual 	Entusiasmo, envolvimento e interesse.
			<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de imagens. - Sensibilização para a temática. - Chuva de ideias. - Reflexão e diálogo. 	10'				<ul style="list-style-type: none"> - Computador - Projetor - PowerPoint 	
			<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação dos preconceitos sociais da pág. 23 a 26 do manual do 9º ano. - Dinâmica - Jogo da Mímica. 	15'	<ul style="list-style-type: none"> - Autocolantes com vários “rótulos sociais” postos pela sociedade. 				
			<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração da síntese. <p>Síntese: É importante saber criticar os factos sociais sobre as situações de grupos minoritários em desvantagem e viver o amor ao próximo.</p>	5'					

Tabela 2 - Planificação nível 4: Aula 4 - Lição nº4: Identificação e debate sobre alguns grupos em desvantagem social

A aula 4 da «Unidade Letiva 1: A Dignidade Humana», centrou-se em três momentos: No primeiro ponto abordou-se «os grupos minoritários os “não produtivo”» e «a problemática da igualdade e da discriminação». Tentei desde a minha humilde experiência como missionário contar-lhes uma das minhas missões em Marrocos. Procurei que os alunos pudessem sentir e

refletir sobre o que ainda hoje acontece no mundo. Com estes exemplos de vida tentei motivá-los a que pensassem e a que identificassem algum grupo que viva em desvantagem social no seu bairro, cidade, país ou mundo. De seguida houve um debate com os alunos sobre em que mundo e em que sociedade querem eles viver: numa sociedade que exclui, que segrega, que integra, ou que inclui? Desde o meu ponto de vista os alunos foram participativos e ajudaram no desenvolvimento do tema.

Num segundo momento falei sobre «os preconceitos sociais e religiosos face a: os estrangeiros e a xenofobia; ideologias racistas; genocídios; os membros de religiões minoritárias e o fanatismo religioso; os portadores de deficiência; os idosos; os doentes terminais» e «a falta de responsabilidade dos adultos face às crianças». Neste ponto tentei abrir um espaço de reflexão e de debate com diferentes perguntas sobre as questões aqui referidas. Uma chuva de ideias para poder ver qual era a visão dos alunos perante estes temas. Esta estratégia pedagógica foi utilizada para a clarificação de conceitos. Sublinho como ponto positivo que os alunos estiveram atentos, interessados e participativos.

Num terceiro momento da aula houve espaço para uma dinâmica «o jogo da mímica», que passo a explicar em que consistia: numas folhas brancas, escrevi vários «rótulos sociais» que coleí nas costas de cada aluno sem que os alunos soubessem quem era a «pessoa-rótulo» que lhes tinha calhado. A ideia era que eles interagissem entre eles, sem falar, só através da mímica. No final desta atividade abriu-se um diálogo com todos os alunos, onde eles tiveram de se exprimir como se sentiram face aos desrezos ou interesses por parte da sociedade. Por fim, perante o que tinham sentido, foi-lhes proposto que tentassem descobrir quem estavam a representar. Penso que esta atividade ajudou muito a perceberem os preconceitos que ainda existem na sociedade e como é que o outro se sente quando é excluído.

Nesta aula cumpro com o objetivo 3, onde tentei criar um clima saudável com os alunos, deixei que eles conhecessem um pouco das minhas vivências pessoais que iam ao encontro deste objetivo, dei espaço para que eles pudessem refletir e dizer o que é que sentem sobre estas temáticas. Penso que, por ser a minha primeira aula, os alunos estavam muito bem-comportados, participativos e com a expectativas de conhecer o novo professor. Isto ajudou-me pessoalmente a que eu pudesse dar a aula sem nenhum contratempo. Para mim esta aula foi muito importante, porque senti que os alunos respeitaram o meu trabalho como aluno estagiário e isso fez com que eu me sentisse contente e com entusiasmo de continuar a aprofundar e a dar o meu melhor.

Deste modo, passo a expor alguns pontos que penso que devem ser referidos e refletidos a partir do ocorrido nesta aula.

Num primeiro ponto sublinho que foi a primeira aula que lecionei na minha vida e estava com alguma ansiedade. Nunca tinha lecionado uma aula, mas senti que era um grupo em que eu iria estar à vontade, pela forma como fui recebido pelos alunos e pela professora Margarida. Ajudou também já ter visto a professora Margarida nas aulas anteriores a lecionar. De uma certa forma já os conhecia e já se estava a criar uma empatia. Senti-me acarinhado pelos alunos, respeitaram-me, no princípio da aula estiveram em silêncio e bastante atentos. Acho que a nível pessoal podia ter preparado melhor a aula. Eu sou bastante exigente comigo mesmo. Especialmente na questão do tempo. Gosto de ter os tempos bem controlados para poder cumprir toda a planificação.

Num segundo ponto sublinhar que gostei muito da turma, são muito queridos e simpáticos. Senti-me acolhido por todos os alunos.

Num terceiro ponto tenho de melhorar a redução de texto no PowerPoint. Acho que pode ser muita matéria para uma aula. Era o que estava na unidade, mas penso que poderia sintetizar os conteúdos. Tive a preocupação de dar todos os conteúdos e consegui alcançar o objetivo.

Num quarto ponto, a última atividade da aula, o jogo da mímica correu bem, mas penso que se tivesse tido mais tempo poderia ter dado mais frutos. Sinto que os alunos entenderam onde se pretendia chegar com o jogo da mímica, pois, por exemplo, o aluno Rodrigo, cujo rótulo era «pobre», expressou que «sentiu-se excluído». Cada aluno sentiu algo diferente consoante o rótulo que tinha nas costas. Notou-se por parte dos alunos diferentes expressões. Uns sentiram-se integrados na sociedade, outros sentiram-se incluídos e respeitados. Por outro lado, viram a exclusão dos seus colegas que carregavam rótulos de alguns grupos minoritários em desvantagem social e, por isso, a sociedade-turma não os tratou da mesma maneira.

Em suma, a nível pessoal eu nunca fui professor, para mim está a ser uma grande experiência. Estou muito contente com o que tive a oportunidade de aprender. No entanto, houve ainda um conjunto de questões a ter em atenção. De facto, a vantagem talvez tenha sido a preparação dos materiais pedagógicos bem como as estratégias implementadas na sala de aula.

Na reunião de avaliação do núcleo de estágio com a Docente Supervisora foram mencionados vários pontos. Num primeiro ponto manifestou que a planificação estava bem, mas sugeriu uma série de recomendações sobre as estratégias propondo que figurem sob a forma de substantivo. Salientou que a planificação tem algumas falhas em termos de forma, mas que

a nível do conteúdo está muito bem estruturada. Sublinha que peguei nos conteúdos e escolhi as estratégias adequadas à leção. Acrescenta que a planificação está cinco estrelas.

A professora referiu que fiz um bom acolhimento. Houve uma empatia que se gerou logo desde o início. A professora cooperante sublinhou dois pontos fundamentais na minha aula. O primeiro ponto foi a preocupação em explicar o significado das palavras e o alcance das coisas, que é fundamental num professor. Refere que nós como professores ensinamos e precisamos de explicar para que o aluno perceba, o que é que esta palavra significa ou o que é que esta coisa significa. Mencionou que é importante e havia essa preocupação da minha parte de explicar o significado das palavras.

Um segundo ponto foi a importância do testemunho pessoal, alude que não podemos chegar e dar milhões de teorias, de frases muito bonitas, de apresentações muito engraçadas e transmitir um conteúdo qualquer. Mencionou que se for transmitido com experiências da nossa vida, estabelecemos um encontro com os alunos. Menciona que eu ter falado da missão foi fundamental para o encontro e o envolvimento entre professor e os alunos. A Docente Supervisora diz que eu cheguei com a maior simplicidade e trouxe algumas vivências pessoais, como por exemplo os barcos dos imigrantes, afirmando-me como missionário. Este testemunho pessoal quer com a fotografia, quer com os barcos dos refugiados, quer com o exemplo do avô a ensinar latim são pequenas coisas que parecem insignificantes, mas que para a docente supervisora disse que marcam a diferença, porque os alunos percebem que isto é vida.

Acentua que o testemunho é fundamental e que o professor de EMRC tem de ir por este caminho. É um testemunho e é aquilo que os marca, os alunos podem esquecer o que é o preconceito, mas não se esqueceram de que houve aqui um encontro. A professora refere que houve alunos que saíram tocados da sala de aula, como por exemplo a aluna Marta, eu vi a reação dela. Ela referiu que o testemunho missionário mexeu com os alunos, afirmando que foi um testemunho autêntico de vida.

Outro ponto que a professora orientadora salientou foi ter posto os alunos a pensar. Sublinhou ser fundamental a minha atitude, com simplicidade, com naturalidade e com exemplos concretos da vida hodierna, o que se passa no Mediterrâneo, dos avós que são maltratados, etc. Mencionou que coloquei os alunos a pensar, inclusivamente com a mímica que é sempre uma coisa muito dinâmica e gira. Acrescentou que é uma tarefa do professor pôr os alunos a pensar, encontrar significados, refletirem, contestarem, porem em causa, é importante agitar as consciências, isto é fundamental. A professora mencionou que a minha primeira aula correu cinco estrelas. Mencionou que estava de parabéns, que sou um bom

professor estagiário. Manifestou também que esteve muito bem, no domínio dos conteúdos e na correção linguística.

Como sugestão penso que que a minha fundamentação teológica referente ao capítulo 4, sobre antropologia teológica, julgo que poderá ser um bom contributo para a fundamentação destes conteúdos.

5.3. UL 1: A Dignidade da Vida Humana - Aula 5 - Lição nº5: Análise da parábola do bom samaritano

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
Aprendizagens Essenciais: Compreender o núcleo central que assume o humano como Imagem e Semelhança de Deus.			Acolhimento e registo do Sumário	10'	- Caderno diário - Manual	Assiduidade e pontualidade
			Recapitulação da aula anterior	5'		
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	4. Conhecer a posição da Igreja Católica face à dignidade da vida humana.	<ul style="list-style-type: none"> Cada pessoa deve considerar o próximo como "outro eu", respeitá-lo e rejeitar tudo o que viola a integridade pessoal e social (GS 27). 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de PowerPoint. - Leitura do texto. - Exemplificação teatralizada de competição vs solidariedade. - Reflexão. 	5'	- Computador portátil - Projetor - PowerPoint.	Entusiasmo, envolvimento e interesse comunicado pelos alunos.
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	5. Aprofundar a mensagem cristã sobre o amor ao próximo e a dignidade da vida humana.	<ul style="list-style-type: none"> Qualquer forma de discriminação é contrária à vontade de Deus (GS 29). A Parábola do Bom Samaritano: Lc 10,25-37, valorizar a vida, tornando-se próximo de quem precisa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de PowerPoint. - Exploração. - Leitura. - Motivação. 	5'	- Texto bíblico (Lc 10,25-37).	
			- Trabalho de grupo para dramatização da parábola.	10'		Criatividade e motivação na apresentação dos trabalhos.
			<ul style="list-style-type: none"> - Apresentações das encenações. Elaboração da síntese. Síntese: A mensagem cristã desafia à vivência do amor e mostra que a vida ganha mais sentido quando nos aproximamos de quem precisa.	10'		
				5'		

Tabela 3 - Planificação nível 4: Aula 5 - Lição nº5: Análise da parábola do bom samaritano

A lição nº5 da «Unidade Letiva 1: A Dignidade Humana», centrou-se em três momentos: No primeiro momento da aula foram apresentados dois textos da Doutrina Social da Igreja - *Gaudium et Spes* (GS 27 e 29), com o objetivo dos alunos refletirem sobre a posição da Igreja Católica face à dignidade da vida humana. A leitura e análise destes dois textos deu origem a uma reflexão com os alunos. No decorrer da reflexão houve espaço para uma pequena explicação teatralizada de competição versus solidariedade. O objetivo desta estratégia pedagógica foi apresentar as ações humanas num espaço onde se simulou o que ocorre na nossa sociedade e no mundo. Um mundo cada vez mais individualista e mais competitivo, onde

muitas vezes se esquece a dignidade da vida humana. Com esta pequena teatralização entre o professor e um aluno tentou-se educar para os valores, para uma tomada de decisões corretas em situações concretas da vida. Procurou-se com a teatralização proporcionar aos alunos um espaço de decisão ou de reflexão sobre decisões vitais para a vida em sociedade.

Estes dois textos da *Gaudium et Spes* fizeram de ponte para começar a abordar o objetivo número cinco da unidade letiva.

O segundo momento da aula foi a exposição, interpretação e exploração da parábola do Bom Samaritano (cf. Lc 10,25-37), através da leitura da mesma e da análise do texto, do diálogo sobre as personagens, das atitudes do bom samaritano, quem era o homem ferido e quem é o nosso próximo. Com esta estratégia pedagógica de interpretação e exploração tive como finalidade compreender a mensagem que o texto queria transmitir.

Num terceiro momento da aula os alunos tiveram como atividade pedagógica realizar uma dramatização espontânea, em grupo, sobre a parábola do Bom Samaritano. Esta dramatização espontânea (sem um guião formal) só através do texto bíblico deu origem a que os alunos de forma criativa descrevessem outras realidades vivas na sociedade de hoje. O teatro acabou por ficar muito mais na ideia deles do que o texto ou o discurso que eu pudesse ter com os alunos. Estes alunos não se vão esquecer de que deram um «pontapé ao colega» e passaram por ele, que não ligaram, que foram indiferentes. Com esta estratégia os alunos tiveram a possibilidade de não só apresentarem a parábola do Bom Samaritano de uma maneira taxativa, mas de dar asas e espaço à criatividade.

Deste modo foram cumpridos o objetivo 4 e 5, onde tentei responder aos conteúdos do programa criando um clima saudável com os alunos, onde tentei que os alunos fossem os protagonistas da aula, dei espaço para que eles pudessem refletir e dizer o que é que sentem e pensam sobre estas temáticas.

Neste momento, passo a expor alguns pontos que penso que devem ser referidos e refletidos a partir do que aconteceu nesta aula. Optei por lecionar o objetivo 4 e 5 na mesma aula, porque acho que os conteúdos do objetivo 4 poderiam fazer de ponte introdutória para o objetivo 5. O objetivo 4 «conhecer a posição da Igreja Católica face a dignidade da vida humana» penso que poderia ter trabalhado mais com os alunos e refletir mais sobre a posição da Igreja.

Quanto ao objetivo 5 acho que também foi atingido, mas não sei se a metodologia utilizada foi a melhor. Não sei se ter optado pelo teatro terá sido o método mais pedagógico. A opção pelo teatro também foi para que houvesse mais interação e relação entre o professor e os

alunos e para que os alunos pudessem ser os protagonistas da temática, levando-os a refletir sobre o amor ao próximo e a dignidade da vida humana, neste mundo cada vez mais indiferente a estas realidades.

É importante no princípio do ano letivo tentar criar um clima de amizade e respeito mútuo entre professor e alunos, pelo facto de ainda não me conhecerem bem. Deste modo, esta foi uma forma de estarmos descontraídos, a refletir, a dar as nossas próprias opiniões e a ver como é que se poderia realizar o teatro. Acho que foi uma boa forma de juntar os conteúdos propostos pelo programa com a oportunidade de conhecermo-nos e abrir espaço para uma boa relação entre professor aluno.

Na reunião de avaliação do núcleo de estágio, com a Docente Supervisora foram mencionadas algumas considerações. Mencionou um aspeto positivo, o meu gesto, ilustrativo da competição e da solidariedade, de fazer «braço de ferro» com um aluno e de me mandar ao chão para ele me levantar. Refere que essa dinâmica foi muito bem conseguida, que toda a turma esteve atenta, e que estes gestos plásticos dão um grande interesse à aula motivando os alunos para a aprendizagem.

Em suma, a Docente Supervisora considerou que os objetivos foram atingidos, que os alunos nunca mais se vão esquecer da Parábola do Bom Samaritano e que perceberam a mensagem cristã sobre o amor ao próximo.

5.4. UL 1: A Dignidade da Vida Humana - Aula 6 - Lição nº6: Aprofundamento das atitudes que dignificam a dignidade da vida humana

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATEGIAS	TEMPO	MATERIAIS	AVALIAÇÃO FORMATIVA	
Aprendizagens essenciais: Promover a dignidade humana praticando os valores éticos.			Acolhimento e registo do Sumário	10'	- Caderno diário	Assiduidade e pontualidade	
			Recapitulação da aula anterior	5'	- Manual		
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	5. Aprofundar a mensagem cristã sobre o amor ao próximo e a dignidade da vida humana.	<ul style="list-style-type: none"> A Parábola do Bom Samaritano: Lc 10,25-37, valorizar a vida, tornando-se próximo de quem precisa. A fraternidade humana, centro das escolhas morais. A atenção e o cuidar da vida dos demais necessitados no contexto em que se vive. O empenho pessoal na denúncia dos atentados à dignidade da vida humana. A participação em grupos e organizações de defesa e promoção da vida. 	- Apresentação de um Prezi. https://prezi.com/view/TEHJdepy6Peco8WDeS18/	10'	- Computador	Entusiasmo, envolvimento e interesse comunicado pelos alunos.	
			- Recapitulação das atitudes expressas na parábola.		- Projetor		
				- Visualização de um vídeo. CGI Animated Short Film: "Mr Indifferent" by Aryasb Feiz CGMeetup - YouTube	10'	- Prezi	Criatividade e motivação na apresentação dos trabalhos.
				- Exploração. - Reflexão.			
	6. Identificar as atitudes que promovem a dignidade da vida humana.		- Apresentação de organizações de defesa e promoção da vida. - Exemplificação. - Interação com os alunos. - Visualização de um vídeo. The Black Eyed Peas - #WHERESTHELOVE ft. The World (Video) - YouTube	10'	- Video 1 - "Mr Indifferent"		
			- Motivação. - Reflexão.		- Video 2 - "Wheres the love".		
			Elaboração da síntese. Síntese: Urge denunciar os atentados à vida e promover a dignidade humana praticando os valores éticos.	5'			

Tabela 4 - Planificação nível 4: Aula 6 - Lição nº6: Aprofundamento das atitudes que dignificam a dignidade da vida humana

A lição nº6 da «Unidade Letiva 1: A Dignidade Humana», centrou-se nos seguintes momentos: Na primeira parte da aula, com objetivo de cumprir o objetivo 6, quis aprofundar e fazer uma ligação com as atitudes da parábola do Bom Samaritano, que estão no objetivo 5. A aula centrou-se, num primeiro momento, nas atitudes do Bom Samaritano, com o propósito de estimular os alunos a uma reflexão. Desta forma, a primeira parte da aula foi uma introdução ao tema «das atitudes» do Bom Samaritano, para começar a abordar o objetivo 6.

Na segunda parte da aula abordei o objetivo 6 com o intuito de aprofundar e promover as atitudes da dignidade da vida humana. Esta aprendizagem teve uma atividade pedagógica

por via do sentido visual, um vídeo intitulado «Mr Indifferent». Tendo por base a minha pouca experiência, noto que o impacto dos aspetos visuais é maior do que o impacto daquilo que se capta através da audição. Deste modo, penso que foi vantajoso transmitir conteúdos através da audição e através da visão. Um sentido ajuda o outro nas tarefas de compreensão e de aprendizagem. Com o decorrer da aula apresentei alguns exemplos de instituições e ONG de Sintra. Com estes exemplos quis mostrar aos alunos que estes grupos e organizações contribuem para a construção de um mundo mais fraterno onde promovem a dignidade humana praticando valores éticos.

No último momento da aula, recorri a uma canção «Wheres the love» para concluir a aula e levar os alunos a refletirem. Tive o cuidado de traduzir para Português algumas frases e citá-las em simultâneo com a música. Com esta atividade tentei que os alunos fossem capazes de interiorizar a mensagem que estava a ser passada e que cada um respondesse para si «Onde está o amor?» na nossa sociedade e no nosso mundo. Depois de terminada esta atividade apresentei uma possível síntese: «Urge denunciar os atentados à vida e promover a dignidade humana praticando os valores éticos».

Depois de ter dado a aula anterior, pensei que seria importante voltar a alguns pontos da Parábola do Bom Samaritano, que não ficaram bem esclarecidos na aula anterior - objetivo 5. Quanto a apresentação do prezi, foi uma apresentação que me deu bastante trabalho na sua elaboração. A dinâmica que realizei de optar pelo ser (ir para a direita) ou pelo ter (ir para a esquerda) foi mais para mobilizá-los, despertá-los e tornar a aula mais interativa.

A nível pessoal penso que consegui realizar o objetivo 6, mas acho que depois de ter terminado a aula e ter refletido um pouco sobre ela penso que poderia ter utilizado outro enfoque para identificar as atitudes que promovem a dignidade da vida humana.

Tentei, desde a minha experiência pessoal, falar sobre alguns grupos e organizações que promovem a defesa da vida. Também tive o cuidado de procurar algumas organizações da zona de Sintra. E, como trabalho de casa, tinha pedido aos alunos que trouxessem informação de alguma instituição ou organização que eles conhecessem na zona onde vivem, especialmente da zona de Sintra. Desde o meu ponto de vista é positivo que eles conheçam grupos e organizações que lutam pela defesa e promoção da vida. Eu gostei muito de ter preparado esta aula, dei o meu melhor, mas julgo que posso melhorar ainda mais. Poderia ter focado as atitudes que promovem a dignidade da vida humana desde outro prisma e com outra metodologia.

Na reunião de avaliação do núcleo de estágio, a Docente Supervisora mencionou que o objetivo foi conseguido, mas referiu que o foco da aula poderia ter sido mais sublinhado.

Salientou que foi fundamental que o professor tenha bem clarificado e estruturado o que pretende que os alunos aprendam e que conduza a aula nesse foco. Sublinhou que foi claro, que os alunos identificaram e dispuseram-se a viver as atitudes que promovem a dignidade da vida humana. A Docente Supervisora mencionou como um bom exemplo a expressão «pôr o compasso no centro do “Ser” e não do “Ter”» considerando que é uma excelente imagem que ficará gravada nos alunos. Sublinhou que foi notória a atenção dos alunos quando se dá um testemunho pessoal. Aludiu que a partir do momento em que mostrei a minha foto, quando era mais jovem, a trabalhar com as irmãs hospitaleiras, os alunos começaram a prestar mais atenção. A professora considerou que a aula foi conseguida e os objetivos foram atingidos.

5.5. UL 1: A Dignidade da Vida Humana - Aula 7 - Lição nº7: Reflexão acerca das questões sobre o início da vida

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS	AVALIAÇÃO FORMATIVA	
Aprendizagens essenciais: Reconhecer a dignidade da vida humana desde a sua conceção			Acolhimento e registo do Sumário	5'	- Caderno diário - Manual	Assiduidade e pontualidade	C O M P O R T A M E N T O
			Recapitulação da aula anterior	5'			
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	7. Relacionar os dados da ciência, sobre a questão do início da vida humana, com a perspetiva da Igreja.	<p>O início da vida humana:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que diz a ciência; • O que mostra a reflexão cristã; • Diferentes perspetivas sobre: a fecundação; a viabilidade da vida humana; o nascimento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de um Prezi. https://prezi.com/view/HGtDQ57LvGsA4anuzRWV/ - Exposição - Chuva de ideias. - Apresentação de imagens. - Apresentação de um vídeo. https://www.youtube.com/watch?v=elx7oQ5ezE0&t=6s (O vídeo termina aos 03:08). - Debate. 	15'	- Computador - Projetor	Entusiasmo, envolvimento e interesse.	
			<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de um Prezi. - Exposição. - Sensibilização para a temática. 	5'	- Prezi - Vídeo 1 - “Factos Sobre a Gravidez” - Post-it de cores.		
			<ul style="list-style-type: none"> - Interpretação e análise de texto. - Trabalho em grupo. - Reflexão e diálogo. 	15'	- Texto “Vida pós-parto”. - Post-it de cores. - Cartolinas.		
			<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração da síntese. <p>Síntese: A vida humana é um valor inalienável, supremo e divino, a preservar desde a fecundação.</p>	5'			

Tabela 5 - Planificação nível 4: Aula 7 - Lição nº7: Reflexão acerca das questões sobre o início da vida

Na lição nº7 valorizou-se o objetivo 7 «relacionar os dados da ciência, sobre a questão do início da vida humana, com a perspetiva da Igreja».

No princípio da aula foi apresentada a Vida humana: a sua originalidade e beleza, para depois passar para a singularidade do ser humano enquanto indivíduo que se distingue dos outros seres vivos. O ser humano é possuidor de uma inteligência superior, com capacidade de desenvolver consciência ética e capaz de se reconhecer numa relação social, entre outras. Depois desta exposição, como estratégia seguinte, conduzi os alunos a participar numa chuva

de ideias com a seguinte pergunta: «Identifica a singularidade do ser humano relativamente aos outros seres vivos». Com esta dinâmica, pretendi recorrer à experiência dos alunos, aos conhecimentos que têm sobre este conteúdo. É de salientar que esta pergunta, embora pareça uma pergunta básica e simples de responder, alguns alunos tiveram dificuldades em diferenciar a singularidade do ser humano relativamente a outros seres vivos.

Com o decorrer da aula expus o que diz a ciência e apresentei a posição da Igreja com base na Encíclica *Evangelium Vitae*, do Papa João Paulo II, nº 2.

O objetivo 7 foi um tema em que me esforcei bastante para tentar ter algum conhecimento daquilo que foi apresentado. Era um tema que conhecia a nível pessoal, mas em que não dominava os termos técnicos. Neste sentido, procurei informar-me e investigar mais, de modo a estar mais à vontade e ter uma maior segurança na apresentação da aula.

O mais importante nesta aula era que os alunos reconhecessem a dignidade da vida humana desde a sua conceção, reconhecendo a perspetiva da Igreja.

Tive o cuidado de expor o conteúdo que estava no manual, não coloquei mais informação para além daquela que estava no manual.

Penso que poderia ter dado um cunho mais dinâmico à aula, para captar mais a atenção dos alunos. Vi que alguns alunos estavam algo agitados, o que me levou a pensar se teriam algum teste na aula seguinte, mas no geral notei que a maioria dos alunos estavam atentos.

Quanto à reflexão cristã penso que abordei o essencial nesta aula, pois no final das três aulas do objetivo 7 da UL 1 haverá uma aula em que abordarei a questão do que diz a Igreja sobre este tema. Considerei que seria melhor deixar para a última aula a perspetiva da Igreja e não repetir constantemente o mesmo, em todas as aulas do objetivo.

O texto da «Vida pós-parto» que a professora me indicou era muito bom para esta aula, mas não deu para explorá-lo aprofundadamente devido ao tempo.

Considero que o objetivo 7 deve ser lecionado de forma a não entrar em confronto com os alunos, devido às suas ideias pré-formatadas sobre estes temas. Penso que devemos explicar e fazer perguntas, como também dar a visão da Igreja e dar a minha opinião como professor de EMRC.

O exemplo da Joana Macedo quando expôs que a vida humana só começava quando o coração começava a bater foi muito importante. Neste caso, partilhei a minha perspetiva. Para complementar também dei alguns exemplos de colegas minhas que trabalham na área da saúde.

Tentei expor aos alunos, de uma forma respeitadora, que a fecundação é o primeiro facto biologicamente identificável. É o início da vida humana.

Penso que nestes temas tão complexos devo, como professor, dar liberdade aos alunos para que, com as ferramentas que adquirem em sala de aula, possam refletir e construir um pensamento crítico que lhes será útil.

Mas não posso esperar que os alunos mudem de imediato a sua forma de pensar sobre estes temas e que passem a pensar da mesma forma que eu, enquanto Professor, ou do que está no Manual de EMRC. Penso que o mais importante é que eles assimilem as ferramentas necessárias para construir o seu «Ser» na sociedade.

Na reunião de avaliação de estágio foram referidos os seguintes pontos: que já estava a ganhar uma certa familiaridade com os alunos. Foi também considerado como positivo o estabelecer pontes e consolidar conhecimentos com as aulas anteriores porque o programa de EMRC é um programa em espiral em que nós acabamos por repetir a mesma coisa ao longo dos anos. E, deste modo, é interessante também para ajudar os alunos a perceber que tudo está ligado.

A professora mencionou que a tarefa que eu coloquei aos alunos: «Identificar singularidade do ser humano tem relativamente aos outros seres vivos» foi cinco estrelas. A professora sublinhou que esta pergunta foi uma boa proposta para esta aula.

Sublinhou que as tarefas são essenciais e fundamentais para que os jovens captem os conteúdos essenciais.

A professora destacou que o prezi foi bastante dinâmico. Refere que a reflexão cristã que coloquei sobre a *Evangelium Vitae* do Papa João Paulo II estava muito bem colocada, mas que a deveria ter explorado mais.

Em suma, a professora cooperante disse que o objetivo da aula foi atingido e refere que os alunos perceberam o que é que diz a ciência e o que diz a reflexão e a visão Cristã sobre o início da vida humana.

5.6. UL 1: A Dignidade da Vida Humana - Aula 8 - Lição nº8: Reflexão crítica acerca do aborto

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS	AVALIAÇÃO FORMATIVA	
Aprendizagens essenciais: Reconhecer a dignidade da vida humana desde a sua concepção até à morte natural.			Acolhimento e registo do Sumário	5'		Assiduidade e pontualidade	C O M P O R T A M E N T O
			Recapitulação da aula anterior	5'			
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	7. Relacionar os dados da ciência, sobre a questão do início da vida humana, com a perspectiva da Igreja.	- O aborto: ● Noção de aborto e de Interrupção da Gravidez; ● Relação entre nível moral e nível jurídico de apreciação do aborto.	- Apresentação de um Prezi. https://prezi.com/view/CIRUnZ8D6YrUoNPBuvjo/ - Exposição. - Reflexão. - Diálogo.	10'	- Caderno diário - Manual	Entusiasmo, envolvimento e interesse.	
			- Exposição. - Reflexão.	5'	- Computador. - Projetor. - Prezi.		
			- Debate. - Visualização de um vídeo. O vídeo começa a partir do minuto 1:50. Crianças são perguntadas sobre o aborto - YouTube	20'	- Vídeo 1 - “Crianças são perguntadas sobre o aborto”.		
			- Elaboração da síntese. Síntese: Realizar um aborto voluntário é atentar contra a vida do ser humano. A Igreja exalta o valor da vida e desafia-nos a promovê-la sempre.	5'			

Tabela 6 - Planificação nível 4: Aula 8 - Lição nº8: Reflexão crítica acerca do aborto

A lição n.º 8 esteve centrada no objetivo 7. Com o intuito de cumprir o objetivo, a aula centrou-se na reflexão e diálogo sobre a noção de aborto, os seus tipos, consequências, a legislação e os argumentos contra e a favor. Por fim foi também realizada uma apresentação da posição da Igreja referente ao aborto.

Antes da aula, creio que é relevante referir que duas alunas vieram mais cedo para falar comigo expondo as suas histórias de vida, o que as motivava, que queriam seguir no próximo ano e também procurando saber mais informações sobre o meu percurso de estudos. Esta curiosidade e interesse em querer falar com o professor estagiário foi positiva porque criou uma empatia e uma proximidade entre professor e aluno.

No início da aula a turma estava bastante calma. Fui-me deparando com o desenrolar da mesma que havia uma aluna agitada devido ao tema que estava a ser abordado, pelo que procurei abrir espaço para que os alunos pudessem falar. Ao questionar a respetiva aluna disse-lhe que podemos ter opiniões diferentes, mas o mais importante é sermos capazes de nos ouvirmos uns aos outros, com respeito e sem julgar, criando um verdadeiro diálogo acolhedor. Creio que os alunos sentiram que eu os respeitei ao ouvir as suas opiniões e que isso foi facilitador para

eu expor a minha linha como professor de EMRC. Procurei dar espaço e quis ouvir as suas opiniões.

Deste modo, foi para mim muito importante saber o que pensam sobre este tema e sobre a opinião da Igreja. Uma das alunas, quando eu pedi para expor aquilo que estava a pensar e a sentir, disse: «A Igreja condena, mas depois apoia. A Igreja é que cria o sentimento de culpa. A Igreja é que me faz sentir pecadora». Estas palavras fizeram-me refletir sobre como é que a Igreja deve estar presente na vida dos mais jovens. Retorqui às afirmações da aluna desta forma: «onde abunda o pecado sobreabunda a graça». Mas penso que deveria ter explicado mais o que queria dizer com esta frase. Nesta aula deparei-me que os alunos já têm uma ideia pré-formatada sobre o tema do aborto e já respondem como se fossem adultos: «O corpo é meu, eu faço o que eu quero ao meu corpo». Ideias e palavras vazias, muitas vezes vistas e ouvidas nas redes sociais e na nossa sociedade. Fiquei a pensar se este tema não deverá ser dado mais cedo ou de outra forma no percurso destes jovens.

Este tema é muito complexo para ser abordado numa única aula com alunos do 9.º ano. Tentei dar-lhes as ferramentas necessárias para que possam questionar-se, por eles próprios, as suas ideias e encontrar uma coerência nas suas vidas perante este tema.

Penso que foi interessante da minha parte como professor deixar que os alunos partilhassem a sua opinião. Num determinado momento, a aluna Erica estava a dar a sua opinião a duas outras colegas, mas não queria partilhar a sua opinião com o resto da turma. Procurei mostrar que cada aluno pode e é livre de dar a sua opinião sobre este tema tão complexo. Denotei que a abordagem que eu tive sobre o tema do aborto não foi bem aceite pela maioria dos alunos, eventualmente por serem a favor do aborto.

Abordei os conteúdos todos que estavam no programa e tive o cuidado de acentuar a aprendizagem essencial.

Este tema foi bastante difícil e complexo de abordar a alunos desta idade. Não me senti cómodo por saber que alunos destas idades já têm ideias pré-concebidas sobre o tema do aborto. E penso que para o professor é muito difícil lecionar uma matéria deste género a alunos que já estão pré-formatados pela sociedade. Também sei que é importante que os alunos ouçam outras perspetivas e reflitam sobre o assunto. O mais importante para mim nesta aula foi ter «agitado as águas» e poder ter dado outras ferramentas e outra visão aos alunos para que eles, num futuro próximo, possam ter um pensamento crítico sobre este tema.

A nível pessoal não é um tema que eu tenha gostado de lecionar e que me motive sobremaneira, devido à sua complexidade. Penso que isso pode ter passado também para os alunos.

Na reunião de avaliação do núcleo de estágio foram referidos os seguintes pontos: a Docente Supervisora, relativamente a esta aula, destacou que estava à espera de ver alunos a defender a vida e foi algo que não aconteceu, o que a deixou preocupada. Esta insensibilidade por parte dos alunos é preocupante.

A Docente Supervisora sublinhou que a vida humana é de facto o valor primordial. A dignidade humana também tem de pressupor e promover a vida porque sem vida não pode haver dignidade. O primeiro direito é, de facto, o direito à vida. Referenciou que o que mais gostou nesta aula e que poderia ter sido explorado foi quando eu disse: «onde abundou o pecado, sobreabundou a graça». Gostou desta expressão pela sua profundidade e por tê-la dito com sentimento.

Como sugestão penso que a minha fundamentação teológica referente ao capítulo 5 - «A Igreja faz-me sentir pecadora» julgo que poderá ser uma boa aportação para responder a dúvidas e a ideias pré-concebidas sobre a imagem que os alunos possam ter sobre a Igreja.

5.7. UL 1: A Dignidade da Vida Humana - Aula 9 - Lição nº9: Considerações sobre a eutanásia






 METAS	 OBJETIVOS	 CONTEÚDOS	 ESTRATÉGIAS	 TEMPO	 MATERIAIS	 AVALIAÇÃO FORMATIVA
Aprendizagens essenciais: Reconhecer a dignidade da vida humana desde a sua conceção até à morte natural.			Acolhimento e registo do Sumário	5'	- Caderno diário - Manual	Assiduidade e pontualidade
			Recapitulação da aula anterior	5'		
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	7. Relacionar os dados da ciência, sobre a questão do início da vida humana, com a perspetiva da Igreja.	- A eutanásia: <ul style="list-style-type: none"> ● Noções e perspetivas; ● A dignidade da pessoa humana na defesa da vida em todas as circunstâncias, <ul style="list-style-type: none"> ○ Evangelium Vitae, (2, 3, 12, 26) 	-Apresentação de um Prezi. https://prezi.com/view/15GNO8x2HJFYtVsCQsx/ -Exposição. -Reflexão. -Diálogo. -Visualização de vídeos testemunhais sobre a eutanásia.	15'		
			-Tribunal. -Visualização de vídeos sobre pessoas que pediram a eutanásia. -Reflexão.	20'	-Vídeo 2. -Vídeo 3. -Vídeo 4.	
			- Elaboração da síntese. Síntese: A Eutanásia atenta contra o valor da vida, sendo os cuidados paliativos a melhor opção, porque é uma forma de acompanhar o doente e a sua família.	5'		

Tabela 7 - Planificação nível 4: Aula 9 - Lição nº9: Considerações sobre a eutanásia

A lição n.º 9 da «Unidade Letiva 1: A Dignidade Humana» foi centrada no objetivo 7. Com o intuito de cumprir o objetivo, a aula centrou-se nos seguintes pontos: exposição e diálogo sobre o que é a eutanásia, suicídio assistido e distanásia. Na abordagem destes conteúdos salienta-se a necessidade de olhar para estas questões com seriedade e verdade, olhando todos os aspetos da realidade e explicitando a posição da Igreja.

Em seguida apresentei testemunhos de alguns enfermeiros meus conhecidos que trabalham em cuidados paliativos. Estes vídeos foram encurtados e sofreram algumas alterações devido ao tempo alargado de cada testemunho, pelo que optei por acentuar as partes principais. Esta estratégia teve como principal enfoque captar a atenção dos alunos. A aprendizagem faz-se não só por via oral/auditiva como também por via do sentido visual. O impacto dos aspetos visuais é maior do que o impacto daquilo que se capta através da audição, daí que seja vantajoso às vezes transmitir conteúdos através da audição e através da visão. Um sentido ajuda o outro nas tarefas de aprendizagem. Mas é fundamental saber conjugar de forma adequada a duração de cada apresentação em função do tempo disponível da aula. Uma extensão exagerada no tempo podia ter efeitos negativos: desinteresse dos alunos e impossibilidade de exploração dos conteúdos a seguir ao visionamento.

Outro ponto que sublinho foi a atividade pedagógica do tribunal. Esta estratégia consistiu na simulação de um julgamento. Os participantes eram o juiz, o advogado de defesa, a acusação (ministério público e/ou advogado), o arguido, etc. Penso que esta estratégia foi boa e útil porque explorou situações de conflito que requerem tomadas de posição. Esta atividade também pretendeu testar a capacidade de argumentação dos alunos e explorar temas polémicos como o tema da eutanásia.

Quanto ao material usado em aula sobre o tema da eutanásia optei por usar só o manual da disciplina. Sublinhei a negrito as partes principais que queria transmitir aos alunos.

Fiquei contente nesta aula porque muitos dos alunos que na semana passada estavam a favor do aborto, nesta aula tiveram uma atitude diferente na atividade do tribunal, na qual estiveram contra a eutanásia.

Os vídeos que eu pedi a alguns jovens da área da saúde acho que também foram um bom testemunho para os alunos.

Considero que cumpri o objetivo desta aula, mas penso que pequei por ter excesso de material, pelo que terei que ter em conta este aspeto para as aulas seguintes.

Na reunião de avaliação do núcleo de estágio, foram referidos os seguintes pontos: A Docente Supervisora considerou que os conteúdos foram extensos e que havia muito material para uma só aula. Considerou ainda que eu não precisava de gastar tanto tempo a investigar sobre a eutanásia para esta leção. Mencionou também que ter feito a montagem e que ter usado testemunhos concisos dos enfermeiros foi muito positivo. A professora acrescentou que os testemunhos devem ser curtos e dinâmicos. Sublinhou de uma forma positiva o cuidado que eu tive em preparar a aula, pedindo testemunhos e fazendo vídeos, salientando o grande investimento da minha parte.

Outro aspeto positivo que a Docente sublinhou foi quando dei o meu testemunho pessoal. Nesse momento, refere que captei a atenção e o respeito de todos os alunos. Os alunos querem algo que seja autêntico, que seja verdadeiro, algo que é vida porque isso capta a sua atenção.

5.8. UL 1: A Dignidade da Vida Humana - Aula 10 - Lição nº10: Síntese da Unidade Letiva 1.

Jogo - Quem quer ser defensor da dignidade da Vida Humana








 METAS	 OBJETIVOS	 CONTEÚDOS	 ESTRATÉGIAS	 TEMPO	 MATERIAIS	 AVALIAÇÃO FORMATIVA	
			Acolhimento e registo do Sumário	5'	- Caderno diário	Assiduidade e pontualidade Entusiasmo, envolvimento e interesse.	C O M P O R T A M E N T O
Q, M, E, L	Todos os objetivos da UL 1.	Síntese da Unidade Letiva 1.	- Apresentação de um Prezi. https://prezi.com/view/jCYk7Q2ohp7XTpi1vFNo/ - Exposição. - Reflexão. - Diálogo.	20'	- Manual - Computador. - Projetor. - Prezi.		
			- Jogo didático. https://create.kahoot.it/share/unidade-letiva-1-9-ano/84a33135-ed4c-45c1-9390-5c89655de6fe (com prémio - chocolates - para todos os alunos)	25'	- Kahoot - Chocolates		

Tabela 8 - Planificação nível 4: Aula 10 - Lição nº10: Síntese da Unidade Letiva 1. Jogo - Quem quer ser defensor da dignidade da Vida Humana.

A lição n.º 10 foi centrada na recapitulação dos conteúdos e dos objetivos da UL 1 - «A Dignidade Humana». Esta aula teve o intuito de rever a matéria principal, para que os alunos tivessem a oportunidade de esclarecer dúvidas antes do teste.

Procurei rever esta unidade expondo os sumários, as sínteses das aulas e mais alguns pontos que achei importantes. Penso que foi uma estratégia eficaz, visto que o professor não deve apenas concentrar-se nos conteúdos a transmitir, mas também na forma como o faz. Considero que foi de grande utilidade ir intercalando o discurso com perguntas que se vão

lançando aos alunos com o intuito de os levar a descobrir ou a rever aspetos que o professor quer que fiquem claros. Deste modo, também as perguntas devem ser preparadas de acordo com os objetivos que o professor pretende atingir.

No seguimento da aula deu-se, de uma forma dinâmica e interativa, início a um jogo – Kahoot. Esta estratégia foi bem acolhida pelos alunos uma vez que apela aos aspetos lúdicos, que sempre agradam aos alunos. No final, todos tiveram a devida recompensa com um chocolate KitKat como uma forma de os estimular para o dia do teste.

Quanto à estratégia utilizada na síntese da Unidade Letiva 1 penso que foi positiva, acho que ajudou os alunos a consolidarem e a reverem alguns pontos que poderiam estar menos consolidados. Penso ter conseguido atingir os objetivos que tinha delineado para a aula.

Na reunião de avaliação do núcleo de estágio, foram referidos os seguintes pontos como positivos: a boa preparação dos conteúdos na apresentação do prezi, bem como ponto a gestão do tempo.

5.9. UL 1: A Dignidade da Vida Humana - Aula 11 - Lição nº11: Ficha de avaliação da UL 1








 METAS	 OBJETIVOS	 CONTEÚDOS	 ESTRATÉGIAS	 TEMPO	 MATERIAIS	 AVALIAÇÃO FORMATIVA		
			Acolhimento	5'			Assiduidade e pontualidade	C O M P O R T A M E N T O
Q, M, E, L	Realizar a autoavaliação dos alunos	Unidade Letiva 1.	- Teste Quizizz.	45'	- Computadores. - Quizizz	Entusiasmo, envolvimento e interesse.		

Tabela 9 - Planificação nível 4: Aula 11 - Lição nº11: Ficha de avaliação da UL 1.

O modelo de avaliação escolhido para avaliar a «Unidade Letiva 1: A Dignidade da Vida Humana» foi um teste na plataforma Quizizz, realizado na sala de informática.

O objetivo era avaliar os conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo da unidade letiva, através de um exercício de perguntas de escolha múltipla. Os alunos realizaram a ficha de avaliação com bons resultados. Nota-se que é uma turma com grandes capacidades e muito interessada em aprender. Não tiveram grandes dificuldades em fazer o teste Quizizz.

No final do teste os alunos foram convidados a sentar-se em roda de modo a iniciar um espaço de partilha, de empatia e de amizade entre os alunos e os professores. Os alunos referiram que gostaram desta unidade letiva. Destaco de uma forma positiva o comentário de uma aluna, que referiu que gostou muito desta UL1, e que os conteúdos abordados fizeram-na pensar e ajudaram-na a ter outra perspetiva. No seguimento da descrição da aula, deixo as notas que os alunos tiveram na ficha de avaliação.

9º D	Proc	Nota
Nº 2	21187	78
Nº 3	18109	87
Nº 4	15177	81
Nº 7	15144	81
Nº 8	21196	78
Nº 12	18105	75
Nº 13	15128	68
Nº 14	21222	71
Nº 15	21202	75
Nº 16	23106	65
Nº 17	18090	84
Nº 18	14968	78
Nº 20	14944	87
9º E	Proc	Nota
Nº 6	15009	78

Tabela 10 - Ficha de avaliação de EMRC - 9ºano - UL 1 - Dignidade da Vida Humana.

5.10. UL 2: Deus, o grande Mistério - Aula 12 - Lição nº12: A questão da existência de Deus: crença e razão

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS	AVALIAÇÃO FORMATIVA	
Aprendizagens essenciais: Identificar a problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão			Acolhimento e registo do Sumário.	5'	- Caderno diário - Manual	Assiduidade e pontualidade	C
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.	<ul style="list-style-type: none"> O acreditar e o confiar humanos; A problemática da existência de Deus: crença e razão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação em Prezi. https://prezi.com/view/qNUkQIuOwQIL1M9GtrG8/ - Motivação. - Reflexão. 	10'	<ul style="list-style-type: none"> - Computador - Projetor - Prezi 	Entusiasmo, envolvimento e interesse.	O
			- Entrevista. O aluno tem de entrevistar uma pessoa do âmbito escolar: um professor, um colega aluno ou um funcionário.	15'	- Dois Post-it por aluno.		R
			<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação das entrevistas na aula. - Reflexão - Visualização de vídeo. https://www.youtube.com/watch?v=VqgcrJs5cPE&t=6s 	15'	- Vídeo 1 - "Deus Existe".		T
			<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração da síntese. Síntese: Acreditar e confiar em Deus é uma atitude humana razoável. 	5'			A

Tabela 11 - Planificação nível 4: Aula 12 - Lição nº12: A questão da existência de Deus: crença e razão.

Esta foi a primeira aula da «Unidade Letiva 2: Deus, o grande Mistério», sendo a porta de entrada para o desenvolvimento das próximas aulas. Teve como objetivo «equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal». Com o intuito de cumprir o objetivo, a aula centrou-se na reflexão e diálogo sobre a noção a problemática da existência de Deus – crença vs razão.

Na reunião de avaliação do núcleo de estágio, foram referidas as seguintes aporções: Referiu-se que a estratégia da entrevista foi muito positiva. Sublinhou-se como ponto muito positivo a mensagem passada com as estratégias utilizadas. O vídeo e a entrevista feita pelos alunos a funcionários ou professores da escola estiveram muito bem.

A Docente Supervisora sentiu a falta de falar da fé como razoável. Sublinhou que foi dado mais ênfase a parte da crença. Como crítica construtiva referiu que sentiu a falta da razoabilidade da fé.

Acrescenta como pontos positivos a introdução que foi bem feita e calma. Mencionou que a ideia das entrevistas foi magnífica, acrescentando que é uma excelente forma de ouvir os outros. Sublinhou que esta estratégia foi dinâmica e profícua, acrescentando que, por ser a primeira aula da UL 2, foi uma boa aula.

5.11. UL 2: Deus, o grande Mistério - Aula 13 - Lição nº13: Ateísmo, agnosticismo e fé

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS	AVALIAÇÃO FORMATIVA	
Aprendizagens essenciais: Discutir várias formas de recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo.			Acolhimento e registo do Sumário	5'	- Caderno diário - Manual	Assiduidade e pontualidade	C O M P O R T A M E N T O
			Recapitulação da aula anterior	5'			
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.	- As várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; - Acreditar em Deus: acolher e confiar no sentido último da vida;	-Apresentação de um Prezi. https://prezi.com/view/D0SXikHbS4DHHIFDBWlo/ -Reflexão. -Diálogo.	15'	- Computador. - Projetor. - Prezi.	Entusiasmo, envolvimento e interesse.	
			- Trabalhos de Grupo – sobre ateísmo, agnosticismo e fé.	10'			
			- Exposição. - Diálogo entre os grupos.	10'			
			- Elaboração da síntese. Síntese: Acreditar em Deus é confiar que a vida humana tem um sentido que ultrapassa os anos que vivemos.	5'			
					- Uma cartolina para cada grupo. - Chocolates para o Natal.		

Tabela 12 - Planificação nível 4: Aula 13 - Lição nº13: Ateísmo, agnosticismo e fé.

A lição n.º 13 da «Unidade Letiva 2: Deus, o grande Mistério» foi centrada no objetivo 1. Na reunião de avaliação do núcleo de estágio, foram referidos os seguintes pontos: as estratégias que usadas foram muito boas para que os alunos reagissem, o terem explorado em grupo e exposto o trabalho feito na cartolina para o resto da turma fez com que os alunos ficassem com os conceitos dados em aula mais claros.

A Docente Supervisora mencionou que o objetivo foi atingido e que pôs os alunos a pensar. Referindo que os alunos depois desta aula podem equacionar a racionalidade da fé. Como ponto a melhorar menciona que deveria ter falado mais das vantagens da fé.

5.12. UL 2: Deus, o grande Mistério - Aula 15 - Lição nº14: O Fenómeno Religioso.

Representações de Deus no politeísmo

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS	AVALIAÇÃO FORMATIVA	
Aprendizagens essenciais: Apontar vários elementos constitutivos do fenómeno religioso.			Acolhimento e registo do Sumário	5'	- Caderno diário - Manual	Assiduidade e pontualidade	C O M P O R T A M E N T O
			Recapitulação da aula anterior	5'			
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.	- Os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso.	- Apresentação de um Prezi. https://prezi.com/view/C00a77OpVdGNZehKRtCU/	10'	- Computador. - Projetor. - Prezi. - Folhas brancas. - Duas cartolinas para caracterizar a religiosidade das civilizações egípcia e greco-romana.	Entusiasmo, envolvimento e interesse.	
			- Trabalho de grupo. - Exposição.	10'			
			- Continuação da apresentação do Prezi. - Trabalho em equipa. - Exposição.	15'			
			- Elaboração da síntese. Síntese: Existem representações da divindade em todas as épocas e culturas. O ser humano é naturalmente religioso.	5'			

Tabela 13 - Planificação nível 4: Aula 15 - Lição nº14: O Fenómeno Religioso. Representações de Deus no politeísmo.

A lição n.º 14 da «Unidade Letiva 2: Deus, o grande Mistério» foi centrada no objetivo 1. Na reunião de avaliação do núcleo de estágio, foram referidos os seguintes pontos: um bom acolhimento e uma boa recuperação da aula anterior. Sublinhou-se alguns termos que foram muito elucidativos para explicar a relação do ser humano com a transcendência. Foi mencionado que as duas tarefas propostas aos alunos foram muito boas e bem pensadas, mas sublinha que deveriam ter sido mais trabalhadas com os alunos.

A professora Supervisora sublinha como ponto a ter em conta a tarefa que foi dada por mim e que depois não houve um momento de partilha. O trabalho feito pelos alunos não foi

exposto. Mencionou que os alunos têm de expor o que fizeram durante o tempo que estiveram em grupo e não ser só o professor a dar as respostas no final. Acrescenta também que deveria ter trabalhado mais a nível pessoal com os alunos e ser mais dinâmico ao trabalhar com os alunos o fenómeno religioso. Apontou que não deveria ter sido tão académico, mas mais pessoal. Por último referiu que o objetivo proposto para esta aula foi conseguido.

5.13. UL 2: Deus, o grande Mistério - Aula 16 - Lição nº15: Autoavaliação do primeiro semestre.

Na reunião de avaliação do núcleo de estágio, foram referidos os seguintes pontos sobre a lição n.º 15: o primeiro ponto que foi sublinhado foi a boa gestão do tempo. Foi mencionado que a estratégia de ter sido feito um círculo na sala de aula com os alunos, contribuiu para que os alunos estivessem atentos. Considerou muito positivo a recolha do contributo dado por cada aluno sobre a matéria dada, tendo também salientado como positivo o diálogo com os alunos depois de darem a sua classificação. Tal permitiu a criação de um clima de diálogo com cada aluno e com a turma. Destacou no final que cumpri os objetivos a que se propunha a leção desta aula.

5.14. UL 2: Deus, o grande Mistério - Aula 17 - Lição nº16: Representações de Deus na Bíblia








 METAS	 OBJETIVOS	 CONTEÚDOS	 ESTRATÉGIAS	 TEMPO	 MATERIAIS	 AVALIAÇÃO FORMATIVA	
Aprendizagens essenciais: Reconhecer, na mensagem bíblica, a bondade e a grandeza de Deus como um apelo à construção de um mundo mais solidário.			Acolhimento e registo do Sumário	5'	- Caderno diário - Manual - Computador. - Projetor. - Prezi.	Assiduidade e pontualidade	
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	2. Identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré.	- A fé em Deus e as representações de Deus: ● Representações de Deus no Antigo Testamento: o Judaísmo; ● O Deus de Jesus Cristo: o Cristianismo. - De um Deus de um povo até um Deus universal e inequivocamente bom.	- Apresentação de um Prezi. https://prezi.com/view/DNpdcarETO1crYlsSGSx/ - Reflexão. - Diálogo.	10'		Entusiasmo, envolvimento e interesse.	C O M P O R T A M E N T O
			- Trabalho em grupo. - Partilha dos trabalhos.	15'			
			- Exposição. - Diálogo.	15'			
			- Elaboração da síntese. Síntese: O judaísmo representa Deus como o Ser Misterioso em quem se pode confiar. O Deus de Jesus Cristo é Amor.	5'			

Tabela 14 - Planificação nível 4: Aula 16 - Lição nº15: Autoavaliação do primeiro semestre.

A lição n.º 16 da «Unidade Letiva 2: Deus, o grande Mistério» foi centrada no objetivo 2, «Identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré».

Os alunos, como era a última aula do primeiro semestre, vinham com uma atitude mais relaxada, em modo férias. Tentei ser fiel ao que o manual tinha para este objetivo. O tema do Antigo Testamento achei que, para alunos que não são crentes, pode ser um pouco difícil de entender, visto não terem uma base cristã. Penso que a estratégia de trabalho em grupo foi fundamental para que entre eles pudessem falar sobre este tema. O trabalho em grupo foi bastante positivo na minha perspetiva porque deu aos alunos menos participativos, que por norma são os rapazes, a possibilidade de participarem e exporem o seu trabalho de grupo. Um ponto que gostaria de destacar foi a partilha pessoal sobre Deus no final dos trabalhos de grupo.

Na reunião de avaliação de estágio, foram mencionados os seguintes pontos: como primeiro ponto a ser destacado foi o trabalho de grupo onde se mencionou ter sido uma boa estratégia e sublinhou-se que terem sido grupos mistos foi uma boa opção.

A Docente Supervisora mencionou que os objetivos foram atingidos e que os alunos ficaram com os conteúdos que eram pretendidos. Destacou que a estratégia de grupo foi muito boa, mas referiu que poderia ter dado mais destaque ao que os alunos tinham feito. Sublinhou que deveria ter valorizado mais a partilha dos grupos. Em suma, sublinhou que gostou muito da minha postura adequada à temática em causa transmitindo muita serenidade, calma e profundidade.

Como sugestão penso que a minha fundamentação teológica referente ao capítulo 1: Reconhecer e compreender a grandeza e a bondade de Deus desde o Antigo Testamento; o relato da Criação – Imagem e semelhança no livro do Gênesis; a relação de Deus desde a experiência de encontro no AT; e a relação de Cristo desde a experiência de encontro no NT, poderá dar um grande contributo às perguntas e dúvidas que os alunos manifestaram em sala de aula. Penso que seria importante refletir sobre as representações de Deus no AT e no NT de uma forma mais edificadora, tendo sempre como ponto de referência o encontro.

5.15. UL 2: Deus, o grande Mistério - Aula 18 - Lição nº17: Reflexão sobre a fé cristã








 METAS	 OBJETIVOS	 CONTEÚDOS	 ESTRATÉGIAS	 TEMPO	 MATERIAIS	 AVALIAÇÃO FORMATIVA		
Aprendizagens essenciais: Compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e de bondade de Deus.			Acolhimento e registo do Sumário	5'	- Caderno diário - Manual - Computador. - Câmara. - Microfone. - Projetor. - Prezi. - Cavalete - Tela - Tintas primárias - Pincéis	Assiduidade e pontualidade	C O M P O R T A M E N T O	
			Recapitulação da aula anterior	5'				Entusiasmo, envolvimento e interesse.
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. J. Descobrir a simbólica cristã.	3. Destacar a bondade e a grandeza de Deus.	-A imensidão e bondade de Deus: Sir 43, 27-33; - A coerência entre a fé e as obras: Tg 2, 14-17.	- Apresentação de um Prezi. https://prezi.com/view/vZS4ZjdbJStKpRrTJOrb/ - Reflexão. - Diálogo.	10'				
		- A fé cristã:	- Pintura.	15'				
		● Uma experiência de encontro;	- Exposição. - Diálogo.	10'				
		● Um apelo à esperança, contra todos os sinais de desespero; ● Um apelo à construção de um mundo solidário.	- Elaboração da síntese. Síntese: A fé cristã nasce do encontro com Deus e traduz-se na vivência do mandamento do amor.	5'				

Tabela 15 - Planificação nível 4: Aula 18 - Lição nº17: Reflexão sobre a fé cristã

A lição n.º 17 da «Unidade Letiva 2: Deus, o grande Mistério» foi centrada no objetivo 3, «Destacar a bondade e a grandeza de Deus». Na reunião de avaliação de estágio foram mencionados os seguintes pontos: A docente supervisora valorizou bastante as planificações, dizendo que estavam bem feitas e que eram fiéis ao programa, acrescentando que foram fiéis às capacidades dos alunos. Em suma, sublinhou que consegui cumprir bem os conteúdos programados para esta aula.

Como sugestão penso que a minha fundamentação teológica referente ao capítulo 2: o amor pericorético do Mistério Trinitário em direção à criação; e o capítulo 3: em Cristo Deus assume e salva a humanidade inteira, poderão ajudar a fundamentar os conteúdos do programa de EMRC.

5.16. UL 2: Deus, o grande Mistério - Aula 19 - Lição nº18: Deus, o grande Mistério

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS	AVALIAÇÃO FORMATIVA
Aprendizagens essenciais: Descobrir em factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé.			Acolhimento e registo do Sumário	5'	- Caderno diário	Assiduidade e pontualidade
			Recapitulação da aula anterior	5'		
I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.	4. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.	- Cada crente é o rosto e as mãos de Deus a atuar no mundo; - Vidas com sentido: <ul style="list-style-type: none"> ● S. João de Deus e o acolhimento ao doente mental. ● S. Vicente de Paulo e a opção pelos pobres. ● Aristides de Sousa Mendes perante o holocausto. ● Papa João XXIII, a relação Igreja-mundo e o Concílio Vaticano II. 	- Apresentação de um Prezi. https://prezi.com/view/ELZscvG484qaxHO43b1Y/ - Diálogo.	5'	- Computador. - Projetor. - Prezi. - Colunas. - Manual.	Entusiasmo, envolvimento e interesse.
			- Trabalho de grupo (Investigação e preparação de uma apresentação sobre uma pessoa que marcou a diferença).	35'		

Tabela 16 - Planificação nível 4: Aula 19 - Lição nº18: Deus, o grande Mistério

A lição n.º 18 da «Unidade Letiva 2: Deus, o grande Mistério» foi centrada no objetivo 4, «Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.». Na reunião de avaliação de estágio, foram mencionados os seguintes pontos: mencionou-se que poderia ter explorado mais o vídeo. E referiu-se também como ponto a melhorar a constituição dos grupos, para poder agilizar melhor o tempo de trabalho. A Docente Supervisora indicou que para este tipo de aulas que são de trabalho em grupo, não é obrigatório trazer uma apresentação prezi.

Como valoração positiva mencionou-se que cumpri o objetivo da aula que era deixar que Deus transformasse o coração das pessoas e as pessoas transformassem a sociedade, sublinhando que pôs os alunos a trabalhar e a pensar.

Como sugestão penso que a minha fundamentação teológica referente ao capítulo 4 e 5: o integrador da antropologia teológica; e a Igreja: comunidade de Carismas, poderão ajudar a fundamentar e a enriquecer os conteúdos do programa de EMRC.

5.17. UL 2: Deus, o grande Mistério - Aula 20 - Lição nº19: Ecos de vidas com sentido

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS	AVALIAÇÃO FORMATIVA	
Aprendizagens essenciais: Descobrir em factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé.			Acolhimento e registo do Sumário	5'	- Caderno diário	Assiduidade e pontualidade	C O M P O R T A M E N T O
			Recapitulação da aula anterior	5'			
I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.	4. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.	- Cada crente é o rosto e as mãos de Deus a atuar no mundo; - Vidas com sentido: <ul style="list-style-type: none"> ● S. João de Deus e o acolhimento ao doente mental. ● S. Vicente de Paulo e a opção pelos pobres. ● Aristides de Sousa Mendes perante o holocausto. ● Papa João XXIII, a relação Igreja-mundo e o Concílio Vaticano II. 	- Apresentação de um Prezi. https://prezi.com/view/ELZscvG484qaxHO43b1Y/ - Diálogo.	5'	- Computador. - Projetor. - Prezi. - Colunas. - Manual.	Entusiasmo, envolvimento e interesse.	
			- Trabalho de grupo (Investigação e preparação de uma apresentação sobre uma pessoa que marcou a diferença).	35'			

Tabela 17 - Planificação nível 4: Aula 20 - Lição nº19: Ecos de vidas com sentido

A lição n.º 19 da «Unidade Letiva 2: Deus, o grande Mistério» foi centrada no objetivo 4, «Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.». Na reunião de avaliação de estágio, foram mencionados os seguintes pontos: referiu-se que os objetivos foram atingidos, a aprendizagem essencial foi recalcada e referida várias vezes através das questões feitas pelo estagiário.

A docente supervisora salientou que os alunos precisam de uma maior abertura e que eu devia tê-los espicaçado e interpelado ainda mais.

Como sugestão penso que a minha fundamentação teológica referente ao capítulo 4 e 5: o integrador da antropologia teológica; e a Igreja: comunidade de Carismas, poderão ajudar a fundamentar e a enriquecer os conteúdos do programa de EMRC.

5.18. UL 2: Deus, o grande Mistério - Aula 21 - Lição nº20: Instituições cristãs empenhadas no bem comum

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS	AValiação FORMATIVA
Aprendizagens essenciais: Elaborar propostas de atuação no mundo alicerçadas na cosmovisão cristã.			Acolhimento e registo do Sumário.	5'	- Caderno diário	Assiduidade e pontualidade.
			Recapitulação da aula anterior.	5'		
I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.	4. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.	- Instituições de origem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade.	- Apresentação de um Prezi. https://prezi.com/view/ZSWrzBfl2C0ZHdsIbIFY/ - Reflexão. - Diálogo.	15'	- Manual. - Computador. - Projetor. - Revistas. - Jornais.	Entusiasmo, envolvimento e interesse.
			- Trabalho de grupo (Procurar em revistas e jornais instituições de origem religiosa).	15'		
			- Apresentação. - Reflexão. - Diálogo.	10'		
			- Elaboração da síntese. Síntese: As instituições cristãs empenhadas no bem comum são um valioso contributo no progresso da sociedade.	5'		

Tabela 18 - Planificação nível 4: Aula 21 - Lição nº20: Instituições cristãs empenhadas no bem comum

A lição n.º 20 da «Unidade Letiva 2: Deus, o grande Mistério» foi centrada no objetivo 4, «Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.». Na reunião de avaliação de estágio, foi mencionado que a estratégia de conhecer instituições que transformam a sociedade, através de jornais e revistas, deveria ter tido mais tempo de pesquisa.

Desde o meu ponto de vista acho que foi bastante difícil conseguir transmitir a relação entre o ser humano e Deus. Esta ideia, que Deus transforma o coração e leva-nos a não ser indiferentes na sociedade penso que deveria ser abordada através de novas estratégias e conteúdos para este objetivo.

A docente supervisora referiu que os objetivos foram cumpridos. Sublinhou positivamente o meu testemunho pessoal, afirmou que foi fortíssimo. Sublinhou positivamente algumas expressões que eu ousei tais como: Deus transforma os corações das pessoas e as instituições nascem pela mudança que Deus provoca em cada um.

Como sugestão penso que a minha fundamentação teológica referente ao capítulo 3, 4 e 5: em Cristo Deus assume e salva a humanidade inteira; o integrador da antropologia teológica; e a Igreja a caminho da unidade do povo; e a Igreja como sacramento é um espaço habitável para a salvação universal, poderão aportar uma maior fundamentar e enriquecimento os conteúdos do programa de EMRC.

5.19. UL 2: Deus, o grande Mistério - Aula 22 - Lição nº21: Síntese da Unidade Letiva 2. Jogo

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS	AVALIAÇÃO FORMATIVA	
			Acolhimento e registo do Sumário.	5'	- Caderno diário.	Assiduidade e pontualidade	C O M P O R T A M E N T O
			Recapitulação da aula anterior.	5'			
A, C, B, J, I	Todos os objetivos da UL 2.	Síntese da Unidade Letiva 2.	-Apresentação de um Prezi. https://prezi.com/view/1EZJR8fjbtz3KGG0T4CNI/ -Exposição. -Reflexão. -Diálogo.	20'	- Manual. - Computador. - Projetor. - Prezi. - Código QR.	Entusiasmo, envolvimento e interesse.	
			- Jogo didático. https://create.kahoot.it/details/4e508b04-77af-4a22-aba6-c1e614c17fa8 -Diálogo.	20'	- Kahoot.		

Tabela 19 - Planificação nível 4: Aula 22 - Lição nº21: Síntese da Unidade Letiva 2. Jogo

A lição n.º 21 da «Unidade Letiva 2: Deus, o grande Mistério» foi centrada na revisão de todos os objetivos, tentando fazer uma síntese da UL2. Na reunião de avaliação de estágio, foram mencionados os seguintes pontos: Desde o meu ponto de vista penso que, de uma forma sistemática e sucinta, foram conseguidos abordar os pontos essenciais de cada lição. Foi uma boa estratégia ter dado o código QR no início da aula para que os alunos pudessem acompanhar de uma forma mais interativa a revisão da UL2. Esta estratégia foi também uma boa forma de dar aos alunos os conteúdos, as apresentações, os sumários e as sínteses das aulas dadas nesta unidade letiva. Também foi positivo para os alunos que faltaram em algumas aulas puderem ter um documento onde de uma forma resumida tivessem toda a unidade letiva.

Por último, a estratégia do Kahoot no final da aula foi uma maneira dinâmica de os despertar e motivar para o estudo. Esta estratégia deu a possibilidade de cada aluno ver qual é o seu grau de assimilação de conteúdos perante o conhecimento pretendido na disciplina. Assim, eles podem ter a perceção e a consciência do quanto devem estudar e rever a matéria para a ficha de avaliação.

A Docente Supervisora destacou positivamente a gestão da sala de aula mencionando que foi magnífica. Referiu também que a apresentação do prezi estava cinco estrelas com os sumários e as sínteses de cada aula para que os alunos pudessem rever. Sublinhou também que o código QR foi uma boa estratégia para os alunos, oferecendo-lhes um documento com as matérias todas da UL2.

5.20. UL 2: Deus, o grande Mistério - Aula 23 - Lição nº22: Ficha de avaliação de EMRC

A lição n.º 22 da «Unidade Letiva 2: Deus, o grande Mistério» Os alunos tiveram concentrados e realizaram a avaliação em silêncio. O modelo de avaliação escolhido para avaliar a UL 2: Deus, o grande Mistério foi uma ficha de avaliação, realizada na sala de EMRC.

O objetivo principal foi avaliar os conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo da unidade letiva, através de perguntas. Os alunos realizaram a ficha de avaliação com resultados baixos. Nota-se que é uma turma com grandes capacidades e muito interessada em aprender. Mas tiveram grandes dificuldades em escrever e expressar por palavras suas os conteúdos que aprenderam ao longo da unidade. Notei bastante dificuldade por parte de alguns alunos em redigir e expressar os seus conhecimentos na ficha de avaliação.

Destaco que a avaliação é um elemento fundamental para a dignificação da disciplina: educar é tanto um procedimento prático como moral. Os professores são educadores que têm grande autonomia nas suas salas de aula, que possuem conhecimento que os seus alunos não têm, e a quem é permitido tomar decisões que afetam as vidas destes. Em consequência, os professores têm responsabilidades éticas para com os alunos. Nas áreas da avaliação e da tomada de decisão, as responsabilidades éticas incluem tanto a recolha, como o uso apropriado da informação de avaliação. Consequentemente, os professores são responsáveis por demonstrar comportamentos tais como respeito pela diversidade das crianças e adolescentes, justiça na avaliação e julgamento dos alunos, recolhendo, para basear as suas decisões, as melhores evidências possíveis, interpretando essas evidências corretamente, e respeitando a privacidade de todos.¹⁸²

No seguimento, deixo as notas que os alunos tiveram na ficha de avaliação.

Ficha de avaliação de EMRC

9ºano - UL 2 - Mistério de Amor

Nome	I	II.1	II.2	III.3	Nota
	4/0/5/4/4	3	3	10	33%
	5/5/4/5/5	15	10	10	59%
	4/3/3/1/1	7	10	1	28%
	5/5/4/5/3	0	15	30	67%
	4/5/5/5/5	11	10	25	70%
	4/5/5/4/3	5	3	11	40%
	5/5/5/2/2	3	15	30	67%
	4/4/5/3/3	10	6	5	40%
	4/4/4/5/4	10	10	15	56%
	5/0/5/5/0	10	10	10	45%
	4/4/4/5/3	8	10	15	53%
	1/4/4/0/0	10	0	14	33%
	4/2/3/5/2	10	7	17	50%
	4/5/4/2/5	0	14	14	44%

Tabela 20 - Ficha de avaliação de EMRC - 9ºano - UL 2 - Mistério de Amor

¹⁸² Anderson, Lorin. (Ed.) (1995) *International Encyclopedia of Teaching and Teacher Education*, trad. livre, (Columbia: Pergamon-Elsviver), 294.

5.21. UL 2: Deus, o grande Mistério - Aula 24 - Lição nº23: Revisão da ficha de avaliação do 9º ano - UL 2: Deus - Mistério de Amor

A lição n.º 23 da «Unidade Letiva 2: Deus, o grande Mistério» foi centrada na revisão da ficha de avaliação. Na reunião de avaliação de estágio, foram mencionados os seguintes pontos: o primeiro ponto positivo a ser mencionado foi a revisão do exame para uma maior consolidação da UL 2. Acho que mesmo que as notas tenham sido baixas, noto e é perceptível ver que os alunos entenderam os conteúdos, mas tem uma grande dificuldade em encontrar uma linguagem para expressar adequadamente os conteúdos da UL2.

Outro ponto importante na revisão foi dar a voz aos alunos com maior pontuação na pergunta respetiva. Penso que também é uma boa forma de os estimular e de valorizar o seu contributo para a disciplina e para os colegas de sala de aula.

A docente supervisora salientou que fez bem a correção do teste, apresentando modelos de resposta. Destacou muito positivamente os alunos terem tido a oportunidade de lerem as suas respostas. Referiu que dei ênfase que é preciso estudar para a disciplina e que os alunos valorizarão ainda mais a disciplina de EMRC depois desta aula.

6 - Avaliação Global da Prática de Ensino Supervisionada

Depois desta larga caminhada feita com muito prazer, mas com alguns sacrifícios resta-me terminar com uma visão do que foi positivo e negativo, de modo a conseguir projetar no futuro uma perspetiva de progresso. Este trabalho mais do que uma recolha de trabalhos feitos ao longo do semestre é um recolher de reptos, emoções, aprendizagens, alegrias e motivações. Com este trabalho aprendi a ser mais missionário a dar o que tenho, mas a receber muito mais de aquilo que tinha para dar.

Com o objetivo de crescer cada vez mais nesta área, é importante uma reflexão crítica e consciente destes dois anos.

Ao longo destes dois anos as disciplinas do Mestrado em Ciências Religiosas, foram para mim uma descoberta muito enriquecedora, como também uma novidade, tentando colmatar as áreas pedagógicas, senti que progredi ao longo das PES nesta área. No âmbito da PES, tudo o que aprendi tem sido muito útil para a minha missão com os mais jovens.

Foi muito positivo no primeiro ano do Mestrado em Ciências Religiosas, ter abordado algumas temáticas na área da pedagogia que me servirão para uma missão futura. Neste mestrado dei o

primeiro passo nas minhas competências pedagógicas, bem como uma maior profundidade sobre a escola e o papel de EMRC.

Procurei seguir algumas estratégias dadas ao longo do mestrado como por exemplo as propostas do autor Richard Arends, tais como o cumprimentar os alunos a porta, o expor logo o sumário para os alunos entrarem na sala e terem já de o passar nos cadernos, entre outras.

Com a unidade curricular: Currículo, Planificação e Avaliação desenvolvi ferramentas para gerir melhor o tempo da aula e a concluir a mesma, com uma síntese.

Como também, desenvolvi uma maior capacidade de planificação, que até ao momento não tinha nenhuma experiência nesta área. Esta aprendizagem foi muito útil para a gestão da sala de aula e para tornar a aprendizagem um pouco mais significativa e atrativa para os alunos, porque a «planificação é a chave para a supressão da maior parte dos problemas de gestão de sala de aula»¹⁸³.

Os procedimentos e estratégias de planificação das aulas e a produção de materiais pedagógicos, considero que este trabalho foi positivo. As estratégias utilizadas em sala de aula resultaram muito bem. Os alunos conseguiram acompanhar e realizá-las sem muitas dificuldades. Quanto à produção dos materiais pedagógicos, eu procurei de uma forma atrativa usar o *Powerpoint*, *Prezi*, *Mentimeter*, *QR*, entre outras. Variando na construção dos mesmos e utilizando sempre estéticas diferentes, de modo a que o formato destes recursos fosse sempre diferente.

Pretendi em cada aula diversificar cada vez mais os recursos e estratégias de modo a dinamizar mais o interesse dos alunos.

No contexto de sala de aula, consegui criar muito boa relação com os alunos, sentindo que foi criada uma boa relação de professor-aluno. O que facilitou a uma maior abertura por parte dos alunos a um ambiente de aprendizagem.

Cada aluno é um desafio, onde tentava no fim de cada aula perceber e fazer uma leitura de como o aluno estava a viver aquele momento conectado com outros vindos do exterior. Era um desafio entender despertar no aluno o gosto pela vida, mostrar-lhes novas perspetivas de ver o mundo, que mistério nos foi dado a cada um.

O rendimento escolar dos alunos é bastante elevado, mas senti uma grande dificuldade na hora de redigir o que tinham aprendido. Sabiam os conceitos, notava-se de aula para aula o interesse dos alunos. Mas não conseguiam por palavras suas o que tinham aprendido até ao

¹⁸³ Cf. Arends, Richard. *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGrawHill, 1997, 47.

momento. Senti um grande interesse de todos os alunos na disciplina de Educação Moral Religiosa e Católica o que me deixa motivado como professor a criar estratégias e conteúdos que lhes provoquem interesse e os levem a aprender. Para que um dia possam ter as ferramentas necessárias para olhar o mundo e a sociedade que os rodeia.

No desenvolvimento de atitudes e competências profissionais é essencial um bom relacionamento com os colegas. Neste contexto da PES, a turma do Mestrado tornou-se, uma turma unida, cooperante e de mútuo apoio entre os seus membros. Construiu-se uma família de professores de EMRC, na qual estou muito grato de fazer parte.

No qual possibilitou que todos os membros da turma evoluíssem e atingissem bons resultados, porque havia partilha de recursos, de ideias e de reflexões. Este facto foi muito positivo porque permitiu a turma crescer enquanto grupo, dentro do qual cada um conseguiu potencializar as suas aptidões.

Quanto às minhas expectativas, penso que foram atingidas e estou muito satisfeito com as aptidões que adquiri durante este ano. Mas este foi o primeiro passo, tenho de continuar a crescer na aquisição de metodologias de trabalho que me permitam desenvolver bem a minha nova missão, que terá sempre como o foco a motivação, alegria e aprendizagem dos alunos.

Procurei de modo global, organizar-me e estabelecer metas de modo a poder ir desenvolvendo a PES e construir o portefólio nas suas várias partes com a máxima dignidade. O que nem sempre foi fácil especialmente na reta final devido a problemas de saúde. Mas acho que mesmo assim consegui resistir aos contratemos e manter alguma qualidade, o que me deixa satisfeito. Mas reticente por saber que ainda poderia ser melhor.

A PES foi uma experiência de crescimento a todos os níveis. Todas estas aprendizagens possibilitaram-me evoluir na PES e no perfil singular do que é ser professor de EMRC, tendo consciência que este é um caminho ainda a começar, sendo imprescindível prosseguir a apostar na formação, para responder aos novos desafios, do mundo, da sociedade e especialmente dos alunos.

Quanto à assiduidade e disponibilidade para a PES, fui sempre assíduo e estive sempre disposto a colaborar no que me tenha sido pedido.

Por último, cabe sublinhar que o núcleo de estágio da Escola D. Fernando II do Agrupamento de Escolas Monte da Lua, composto por mim, pelo meu colega de estágio Carlos Araújo e pela professora cooperante Margarida Portugal, permitiu que de uma forma muito positiva pudesse evoluir na PES. A professora Margarida acolheu-nos e ajudou-nos muito, tendo sempre uma grande disponibilidade para nos apoiar na realização das planificações das

aulas e na concretização do portefólio. Este apoio foi imprescindível para que eu conseguisse planificar e lecionar todas as aulas de uma forma serena e confiante. O ambiente vivido na escola foi muito saudável, senti-me muito bem acolhido pelos outros professores da escola, o que me fez sentir-me parte integrante da escola.

Em suma, gradarei este estágio como uma graça de Deus. Onde só tenho de agradecer pelas pessoas que me ajudaram neste processo de aprendizagem bem como os alunos que tive pela sua amabilidade, respeito e simpatia.

Capítulo 7 - Propostas didático - pedagógicas

As UL1, 2 e 3 a saber; a «Dignidade da Vida Humana»; «Deus, o grande Mistério» e o «Projeto de vida» são para mim as unidades que fundamentam a importância dos alunos terem EMRC.

Estas unidades letivas complementam-se e é fundamental que o professor saiba fazer a junção destas três unidades não como matérias separadas, mas como unidades inteiramente unidas desde uma fundamentação na área da antropologia teológica. Enriquecendo e permitindo aos alunos uma linguagem mais aproximada da sua para uma melhor compreensão da presença de Deus como um Deus-amor que os acompanha a todos de igual forma e nos ama incondicionalmente.

Da experiência obtida na PES, nesta UL 2 em particular, surgiu uma estratégia pedagógica que julgo de grande importância a sua partilha. Das atividades realizadas ao longo da PES e que foram fundamentais para as aprendizagens dos alunos, destaco a atividade do «coração poliédrico e multicolor». Esta atividade e todo o seu desenvolvimento pedagógico merecia ser incluído no manual do aluno. Devemos repensar a forma como falamos aos nossos alunos sobre o Mistério de Deus. Esta estratégia tem como objetivo aprofundar com os alunos as raízes do cristianismo, através da hermenêutica bíblica, da antropologia teológica, do Mistério Trinitário, da cristológica e da eclesiológica que são fundamentais para a consolidação desta matéria. Assim sendo, esta proposta culminaria com a tarefa da realização de um «coração poliédrico e multicolor». Esta atividade revelou-se fundamental para que os alunos pudessem perceber «Deus, o grande Mistério», da UL 2.



Figura 7 - Atividade pedagógica do «coração poliédrico e multicolor»

Em seguida, de uma forma sucinta, farei um enquadramento desta atividade pedagógica e do seu potencial educativo para a fundamentação da matéria lecionada na UL2 bem como um ponto introdutório para as UL1 e UL3 do programa de EMRC do 9ºano.

Ao longo de várias épocas da humanidade vivenciamos como o ser humano se aproveitou, e ainda o faz, das faculdades e dos dons que lhe foram dados pela graça de Deus. O ser humano originou diversos modos de discriminação injusta e de opressão para com os mais débeis. Os delitos que muitas vezes vivenciamos ou que comprovamos no nosso mundo contra a vida de outros seres humanos, como por exemplo a exploração de recursos de comunidades mais empobrecidas, a discriminação, a xenofobia, o racismo, entre outras, levam a que haja uma desigualdade com a criação «UL 1 - Dignidade da Vida Humana».

As guerras que ainda hoje delimitam povos e culturas, infelizmente estas são algumas provas expressivas de como o ser humano pode produzir desde o mau uso das suas aptidões e tornar-se o pior inimigo de si mesmo. Desta forma emerge no pecado a falta da autenticidade, fidelidade ao próprio projeto «vocacional» de vida «UL 3 - Projeto de vida» que nos desvincula do plano amoroso de Deus, a saber, que vivemos entre nós, homens e mulheres, em comunhão.

Não nos podemos esquecer que fomos criados à imagem e semelhança de Deus a partir do seu amor e por muitas diferenças que possa haver entre os seres humanos não podemos perder a particular vocação de sermos colaboradores da obra criadora de Deus. Porque todos fomos criados desde a multiplicidade de dons e de diferenças, e é deste modo que devemos reconhecer o valor intrínseco da dignidade de cada pessoa.¹⁸⁴ Deste modo podemos dizer que somos um «coração poliédrico e multicolor» querido e desejado pelo Mistério Trinitário «UL 2 - Deus, o grande Mistério».

¹⁸⁴ Congregação para a Doutrina da Fé, «*Instrução Dignitas Personae, sobre algumas questões de Bioética*», 36-37, acedido a 29 de julho de 2024, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20081208_dignitas-personae_po.html

Devemos destacar desde o Mistério Trinitário a importância que tem a relação de comunhão interpessoal encarnada pelo amor infinito da divindade. Todos somos parte deste amor e somos chamados a uma unidade desde a pluralidade. O Criador fez-nos à sua imagem e semelhança e criou-nos como reflexo da diversidade intradivina. Deste modo, estamos chamados a viver o seu puro amor agápico para que se dê uma comunhão poliédrica de pessoas.

É desde o «coração poliédrico e multicolor» de pessoas que fazemos parte do amor agápico do Mistério Trinitário. É fundamental a igualdade e equidade entre todo o ser humano, devemos ter em conta que todos somos criados à imagem da Trindade, desde as nossas múltiplas diferenças, todos nós temos a mesma natureza e origem; e redimidos por Cristo, todos temos a mesma vocação e destino divinos.

Sabemos que cada ser humano é diferente quanto à capacidade física e forças intelectuais e morais, variadas e diferentes em cada pessoa. Estas diversidades devem ser complementadas desde o amor poliédrico onde possamos formar um mundo de dons diferentes e queridos por Deus.

Devemos viver desde este amor, onde não há espaço para qualquer sistema social ou cultural de discriminação. Devemos respeitar os direitos fundamentais da pessoa, por razão do sexo, etnia, cor, condição social, língua ou religião. Desde o amor Trinitário somos chamados a interpelar a nossa forma de viver, na qual devemos lutar pela equidade, igual dignidade da pessoa humana, para que assim haja, um mundo melhor e paz social (GS, 29).

Esta estratégia pretende através da arte fazer entender que qualquer pessoa é imagem de Cristo. Cada um de nós tem uma especificidade própria, devido à nossa corporalidade, cultura e dons. Cada pessoa está chamada a fazer o seu caminho no ser de Cristo desde as múltiplas diferenças. Só assim haverá uma equidade humana inclusiva e insubordinada. Deste modo, somos chamados a aceitar com Deus a diferença, porque as múltiplas diferenças são queridas por Deus e são lugar da revelação de Deus.

A UL 1, 2 e 3 desde os seus domínios tem como objetivo orientar os alunos num itinerário de descoberta do que é o ser humano em todas as suas dimensões. O ser humano não é apenas um ser vivente, mas cada pessoa é um ser irrepitível e diferente que é querido e amado por Deus.

Deste modo, atrevo-me a fazer uma proposta, no que à ordem das Unidades Letivas diz respeito, considero que a UL 2 «Deus, o grande Mistério» deveria ser o ponto de partida, na leção do 9º ano. Uma vez que os conteúdos desta seriam como a introdução e a preparação para a UL 3 e UL1. Penso que a seguinte ordem de leção ajudaria os alunos a entenderem

melhor os conteúdos propostos pelo programa de EMRC; Eu o Transcendente, identidade e espiritualidade – UL 2 «Deus, o grande Mistério»; Eu e o outro, autoconhecimento e heteroconhecimento – UL 3 «Projeto de vida»; Eu e o mundo – UL 1 «Dignidade da Vida Humana».

Nestas unidades letivas pretende-se que os alunos reconheçam o valor da vida, a dignidade e a inviolabilidade da mesma como eixo dos valores morais. Também é relevante que se foque nas atitudes que promovem a dignidade da vida humana e que se aprofunde cada vez mais a mensagem cristã sobre o amor ao próximo. Por fim, é importante estimular os alunos para que encontrem respostas fundamentadas e desenvolvam uma posição pessoal sobre a existência de Deus, os projetos de vida verdadeiramente humanos e a experiência de felicidade que advém do encontro com Deus.

De modo a contribuir para um maior enriquecimento e consolidação dos conteúdos do programa de EMRC, apresento em seguida uma proposta com alguns conteúdos complementários, fundamentados na parte teológica deste trabalho.

Unidade Letiva 2 – Deus, o grande Mistério	
Metas	A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.
Objetivos	1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.
Conteúdos do programa de EMRC	Conteúdos complementários propostos pelo estagiário
<ul style="list-style-type: none"> • O acreditar e o confiar humanos. • A problemática da existência de Deus: crença e razão; • As várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; • Acreditar em Deus: acolher e confiar no sentido último da vida; 	<ul style="list-style-type: none"> • Relato da Criação – Imagem e semelhança no livro do Gênesis. • Deus transcende qualquer género ou conceito – «sui generis». • Que linguagem devemos usar para falar de Deus?

<ul style="list-style-type: none"> Os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso. 	
Metas	C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.
Objetivos	1. Identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré.
Conteúdos do programa de EMRC	Conteúdos complementários propostos pelo estagiário
<ul style="list-style-type: none"> A fé em Deus e as representações de Deus: <ul style="list-style-type: none"> Representações de Deus no Antigo Testamento: O Judaísmo; O Deus de Jesus Cristo: o Cristianismo. De um Deus de um povo até um Deus universal e inequivocamente bom. 	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer e compreender a grandeza e a bondade de Deus desde o Antigo Testamento. A relação de Deus desde a experiência de encontro no AT: <ul style="list-style-type: none"> Ana é visitada por Deus; Judite coloca-se nas mãos de Deus. Agar redescobre-se no olhar de Deus. A relação de Cristo desde a experiência de encontro no NT: <ul style="list-style-type: none"> A cananéia, um modelo de fé – «Mulher, grande é a tua fé!» (<i>Mt 15, 21-28</i>). A mulher com fluxo de sangue – «Minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz...» (<i>Mc 5, 24b -34</i>). As mulheres são testemunhas da elaboração do Kerigma e fazem memória da salvação universal (<i>Lc 24,1-11</i>). O aprofundamento do amor de Maria em Betânia (<i>Jo 12, 1-11</i>) faz despertar Jesus (<i>Jo 13, 4-5</i>).
Metas	B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. J. Descobrir a simbólica cristã.
Objetivos	3. Destacar a bondade e a grandeza de Deus.

Conteúdos do programa de EMRC		Conteúdos complementários propostos pelo estagiário
<ul style="list-style-type: none"> • A imensidão e bondade de Deus: Sir 43,27-33; • A fé como confiança e entrega: Sl 23(22), «O senhor é meu pastor»; • A coerência entre a fé e as obras: Jr 7,4-11 e Tg 2, 14-17. • A fé cristã: <ul style="list-style-type: none"> - Uma experiência de encontro; - Um apelo à esperança, contra todos os sinais de desespero; - Um apelo à construção de um mundo 		<ul style="list-style-type: none"> • O amor pericorético do Mistério Trinitário em direção à criação: <ul style="list-style-type: none"> - As questões e aproximações sobre «Imago Dei». - O amor agápico de Deus Trino: comunhão. - Deus e a sua relação mútua com a criação. • Em Cristo Deus assume e salva a humanidade inteira: <ul style="list-style-type: none"> - Cristo salvador e redentor, participe do amor inclusivo. - A morte e a ressurreição de Cristo. - «Não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus» (Gal 3, 28). • O integrador da antropologia teológica: <ul style="list-style-type: none"> - Homem e mulher criados à imagem de Cristo. - O ser humano é o que está chamado a ser (caminho por Cristo no diferente).
Metas	I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.	
Objetivos	4. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.	
Conteúdos do programa de EMRC		Conteúdos complementários propostos pelo estagiário
<ul style="list-style-type: none"> • Cada crente é o rosto e as mãos de Deus a atuar no mundo; • Vidas com sentido: 		<ul style="list-style-type: none"> • O integrador da antropologia teológica:

<ul style="list-style-type: none"> - S. João de Deus e o acolhimento ao doente mental. - S. Vicente de Paulo e a opção pelos pobres. - Aristides de Sousa Mendes perante o holocausto. - Papa João XXIII, a relação Igreja-mundo e o Concílio Vaticano II. • Instituições de origem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade. 	<ul style="list-style-type: none"> - A fé no destino final do ser humano: a transformação última e definitiva da humanidade. • A Igreja, sacramento da íntima união de Deus com a humanidade e da unidade de todo o género humano: <ul style="list-style-type: none"> - A Igreja a caminho da unidade do povo em virtude da unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. - A Igreja como sacramento é um espaço habitável para a salvação universal. - A Igreja: Comunidade de Carismas.
---	---

Tabela 21 - Proposta de novos conteúdos complementares para o programa de EMRC

Em suma, com a disciplina EMRC devemos mostrar a relevância do religioso, a relevância da transcendência, a relevância das propostas cristãs para a construção da vida, da história e da existência humana. Uma das categorias que deve ser trabalhada na disciplina é a relevância do bem comum - comunhão. Não tenho de procurar o que é melhor para mim, mas tenho de procurar o que é melhor para todos nós. Esta é uma perspectiva que se deve trabalhar, onde os alunos percebam a importância do bem comum - comunhão. Onde possam perceber que a procura do melhor bem para todos é também a procura do melhor bem para mim.¹⁸⁵

¹⁸⁵ Juan Ambrósio, Apontamentos das aulas.

Conclusão

Depois deste trabalho final, a partir da temática do «Deus, o Grande Mistério», tendo como referência à UL 2, nele consta o resultado e o culminar de toda a experiência da PES do ano letivo 2021/2022. Este ano letivo foi sem dúvida um ano de desafios a todos os níveis, dentro da sala de aula, mas também fora da sala, sobretudo na preparação, formação, investigação, inspiração e criatividade. O acompanhamento que tive ao longo deste caminho, quer por parte da UCP de Lisboa, na pessoa da Doutora Cristina Sá Carvalho, quer por parte da professora cooperante, Margarida Portugal, da EB23 D. Fernando II, foram fundamentais e imprescindíveis para a minha formação pessoal e para uma maior lucidez sobre as minhas metodologias e práticas pedagógicas. Num segundo momento desta caminhada, as orientações, as críticas construtivas, dos orientadores deste relatório, possibilitaram um itinerário fundado e consistente, que nesta etapa final, proporciona enriquecer determinadas ponderações e conclusões, que são fruto da experiência, enquanto aluno da PES, quanto ao tema que foi desenvolvido, no decorrer deste trabalho. O esforço e investimento nas dimensões pedagógica, metodológica e científica, foram fundamentais para o resultado positivo do ano letivo.

Tendo em conta o trabalho realizado na PES, é possível referenciar, em conclusão, a fundamentação teológica. Parece oportuno destacar os elementos fundamentais que vieram saindo à luz ao longo dos diferentes capítulos.

No primeiro capítulo, procurei uma linha teológica que pudesse abrir os nossos horizontes e entrar numa teologia construída a partir da categoria da comunhão. Entramos numa genuína reflexão teológica sobre a significatividade da mulher, e para isso aproximamo-nos dos textos bíblicos. Neste capítulo tento fazer uma proposta diferente aos textos e a abordagem que é feita pelo manual do 9ºano «Quero Ser!». A Sagrada Escritura mostra-nos que o homem e a mulher são chamados à comunhão em abertura recíproca e, ao mesmo tempo, que a mulher é um sujeito capaz de se relacionar com Deus porque é imagem de Deus, como deduz-se nos primeiros capítulos de Gênesis. Além disso, podemos ver que noutros textos do Antigo Testamento Deus presta atenção à realidade particular de cada pessoa e aceita plenamente o que a mulher é e a leva em conta na sua história salvífica. Deus usou mulheres específicas (Ana em 1 Sam 1-2; Judite em Jud 15,14-16,17; e Agar em Gn 16), bem como homens, para fazer compreender a sua vontade divina ao seu povo.

Em segundo lugar, quando abordamos a relação recíproca entre Jesus e as mulheres, encontramos uma singularidade no olhar de Jesus para com as mulheres, tanto que Jesus toma as mulheres como exemplo até pelos seus gestos teologicamente mais densos, como, por exemplo, lava-pés. Podemos dizer que Jesus quis a libertação de todos, o que se torna mais

visível no seu encontro com as mulheres que mais sofreram com a exclusão. Jesus participou na libertação das mulheres, realçando a dignidade que todos temos de sermos filhos incondicionais de Deus.

Ao mergulhar do capítulo segundo ao sexto, conseguimos encontrar uma reflexão complexa entre as teologias existentes. Tentei articular na minha apresentação num equilíbrio justo entre a perspectiva com rosto de mulher «feminista» e a teologia tradicional, na qual ambas as partes se enriquecem mutuamente com os seus dons e podem entrar em comunhão. Nos tratados teológicos podemos encontrar uma teologia integradora, poliédrica e multicolorida na qual confirmamos a importância da mulher no pensamento teológico e pedagógico. Da mesma forma, a pluralidade do ser humano é vista pela teologia como uma unidade na diversidade, dentro da qual somos todos imagens de Deus, respeitando a nossa singularidade e sem cair na homogeneização.

A partir do Mistério Trinitário somos chamados a ser nós mesmos através da nossa relação mútua com Deus. Somos imagem de Deus numa diversidade de refrações, como reflexo da diversidade intradivina, e participantes do seu puro amor ágápio que nos é dado pela graça e se baseia na comunhão poliédrica das pessoas e das suas relações.

Podemos encontrar este paradigma de comunhão na cristologia. Em Jesus Cristo, Deus revela o seu maior amor pela humanidade. A encarnação é o mistério pelo qual Deus é singularizado, ou seja, o próprio Deus é reduzido a um espaço temporal. Isto significa que a encarnação supõe um espaço específico, um tempo específico, uma etnia específica, uma cultura específica e, ao mesmo tempo, uma concretização sexual. Portanto, quanto maior for a singularidade, maior será a universalidade. O mais concreto é o mais universal. Ou seja, com a ressurreição do Verbo, todo ser humano é assumido e incluído na salvação universal através da sua união com Deus.

Desta forma podemos compreender que o que há de diferente em cada ser humano está inserido numa comunhão integral, que São Paulo concebeu à imagem do corpo de Cristo, da qual todos somos participantes. A antropologia cristã não está em desacordo com uma multiplicidade de diferenças, pois todos somos convidados a acolher e amar o que há de diferente em cada ser humano, para que, através das dessemelhanças, possamos viver uma comunhão multifacetada entre irmãos e irmãs, caminhando assim em direção a uma comunhão total no Ser de Deus plenificada na vida eterna.

A visão teológica sobre a Igreja considera-a em comunhão com todo o género humano e, ao mesmo tempo, com toda a humanidade orientada para a Igreja. Tal conceção deve ser vista

à luz do amor omniinclusivo da Trindade. A Igreja é um sacramento de salvação universal, o seu papel é estabelecer a comunhão e a equidade entre a humanidade na qual a multiplicidade é chamada a ser e a sentir-se parte de um todo. Isto quer dizer que, através dos dons e carismas que recebemos gratuitamente, somos participantes nesta caminhada em e para Deus. Cada pessoa, na sua diferença, tem um elemento dinâmico de comunhão eclesial. Portanto, só podemos compreender a Igreja como uma multidão de carismas e de pessoas, que lhe conferem a nota poliédrica.

Se a Igreja é um sacramento de unidade, os sacramentos são a autorrealização da comunhão entre os seres humanos e da sua relação íntima com Deus. Através do Batismo somos parte integrante e membros do corpo de Cristo. Somos comunhão no Ser de Cristo. Desta forma, somos co-herdeiros do sacerdócio de Cristo na Igreja. Cada cristão participa assim numa comunidade sacramental de salvação a partir de um único corpo poliédrico, no qual o diferente é aceite como uma unidade comum. Na celebração da Eucaristia atualizamos o nosso ser na comunhão com Cristo, na Igreja. O sacramento da Eucaristia é a comunhão fraterna entre os diferentes, sempre na unidade de um Amor transcendental.

Toda a pessoa cristã, como parte de uma Igreja poliédrica, é chamada a uma convivência que mantenha um equilíbrio saudável entre identidade, diferença e unidade. Numa Igreja poliédrica há espaço para que as mulheres e os homens contribuam com o melhor de si, dando-se uma complementaridade e uma multiplicidade harmónica na diferença. Só com este respeito pelas diferenças, desejadas por Deus, alcançaremos a mais profunda comunhão entre mulher e homem.

Os capítulos sexto e sétimo, caracterizam-se tendo em conta o trabalho realizado na PES pelos procedimentos e estratégias de planificação das aulas e a produção de materiais pedagógicos, considero que este trabalho foi positivo. As estratégias utilizadas em sala de aula resultaram muito bem. Os alunos conseguiram acompanhar e realizá-las sem muitas dificuldades. Quanto à produção dos materiais pedagógicos, eu procurei de uma forma atrativa usar o *Powerpoint*, *Prezi*, *Mentimeter*, *QR*, entre outras. Procurei variar na construção dos mesmos e utilizando sempre estéticas diferentes, de modo que o formato destes recursos fosse sempre diferente. Pretendi em cada aula diversificar cada vez mais os recursos e estratégias de modo a dinamizar mais o interesse dos alunos.

Para concluir esta grande experiência tão enriquecedora gostaria de deixar uma breve reflexão sobre a minha vivência na formação dos jovens. É fundamental que os professores quando falam da UL2, Mistério de Deus, sintam e vivenciem nas suas vidas o conhecimento que querem transmitir. Não podemos aproximar os jovens a esta dimensão do religioso e do

transcendente se não for para o professor a fonte de água-viva onde se alimenta diariamente. É importante que a presença do professor de EMRC na escola seja vivificante dentro e fora de sala de aula. É no encontro do professor com o aluno que se manifesta a presença de Deus, seja na sala de aula, seja nos corredores, no refeitório, nos campos de futebol, na rua.

É fundamental ajudar o aluno a encontrar no outro o Mistério do amor de Deus. Precisamos de vivenciar com os nossos alunos aquilo que foi transmitido na sala de aula e para isso devemos procurar estratégias pedagógicas profundas que façam com que esses conteúdos se tornem realidade nas suas vidas. Para isso é importante o encontro com o outro, que é diferente, para poder ver o Mistério de amor que Deus tem por cada um de nós.

Com base na reflexão anterior gostaria de destacar o «Projeto Ser+ em São Tomé e Príncipe»¹⁸⁶ que neste ano de 2024 tive a oportunidade de realizar pela primeira vez. Este projeto permitiu a mobilização da comunidade educativa através da realização de uma campanha de angariação de materiais de primeira necessidade para a realidade em questão (bens alimentares, material escolar, material de saúde, material de higiene e alfaias agrícolas), para além da participação dos alunos e suas famílias em atividades diversificadas de angariação de fundos para que este projeto se tornasse uma realidade. A este nível de destacar a envolvimento de todos (sobretudo dos alunos do 12º ano, que foram os protagonistas deste projeto) na recolha de papel, em vendas solidárias e em festas promovidas para o efeito.

A experiência em si, de uma semana no terreno, envolveu quatro alunos, dois professores, dois familiares e dois membros da equipa da Procura – Missões Claretianas, organização que desde o princípio nos acolheu e abriu as portas na missão Casa Claret em São Tomé. A mesma foi a concretização do que se havia pensado no início do ano: dar a possibilidade a alguns alunos e professores de conhecerem uma realidade completamente oposta à vivida em Portugal, neste caso em São Tomé, e de fomentar posteriormente sinergias que pudessem permitir o desenvolvimento local, construindo pontes a partir de Portugal.

Em São Tomé foi possível conhecer diferentes instituições como é o caso de um orfanato, do hospital, de uma escola e visitar algumas comunidades locais, onde existem uma grande carência de recursos humanos e materiais. Muitos deles, ainda hoje, avançam graças a congregações e instituições religiosas que tem impulsionado novas ações e projetos em favor da população local.

¹⁸⁶ A continuação deixo o link com o resumo de toda a experiência do «Projeto Ser+ em São Tomé e Príncipe»; <https://youtu.be/tAm6twk7ByM?si=hONaXRosMYKmsbfd>

Ali todos nós podemos comprovar a simplicidade deste povo, o seu acolhimento e a grande alegria presente nas pequenas coisas, sobretudo dos mais novos, que, com a oferta de um balão, um doce, um brinquedo, ficavam muito agradecidos e com uma alegria contagiante. Ali podemos ver Deus presente no outro, no irmão, sendo que, através de um pequeno gesto, o amor se multiplicava e os sorrisos abundavam. É importante desbloquear as barreiras ideológicas que muitas vezes pré-concebemos como sociedade e aceitar o outro tal como ele é, mesmo que em muitos casos eles estejam do outro lado do mundo. Para estes alunos que participaram, foi uma experiência fundamental para refletirem o valor da vida, o valor das pequenas coisas, o valor da diferença, que só nos enriquece como seres humanos. Agora, para eles, o desafio é outro: ser capaz de guardar no coração tudo o que viveram e transmitir aos outros a alegria de amar e de se ser amado. Para mim, enquanto professor, ficam os ensinamentos que procurarei promover e aplicar nas diferentes comunidades educativas por onde tiver oportunidade de passar, estimulando cada vez mais a partilha global e uma escola cada vez mais inclusiva e capaz de abraçar o outro na sua singularidade e diferença.

Finalmente, ao concluir este percurso de prática e de reflexão, gostaria de sublinhar que um docente está sempre em construção. Tendo-o como referência integrei nos anexos (Anexo 4) o registo fotográfico de como viemos a lecionar esta Unidade Letiva de referência, «Deus, o grande Mistério», uma lecionação que surge da prática na Escola EB23 D. Fernando II e da reflexão teológica que aqui apresento. É importante destacar como foram decisivas as aprendizagens e o conhecimento adquirido que foi feito na minha turma de PES. As metodologias que pude experimentar e aprender, as quais me acompanham agora, permitiram-me abrir novos horizontes e dispor de uma maior liberdade de implementação e de inovação.

Bibliografía

- Alcalá, M. *La mujer y los ministerios en la Iglesia: Del Vaticano II a Pablo VI*. Salamanca: Sígueme, 1982.
- Aquino, M. *Aportes para una teología desde la mujer*. Madrid: Biblia y Fe, 1988.
- Aquino, T. *Suma Teológica*. Madrid: BAC, 2001.
- Béjar, S. *Dios en Jesús*. Madrid: San Pablo, 2008.
- Béjar, S. *Los milagros de Jesús*. Barcelona: Heder, 2018.
- Bernabé, C. (ed.). *Con ellas tras Jesús, Mujeres modelos de identidad cristiana*. Estella: Verbo Divino, 2010.
- Bíblia de Jerusalén, S. Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- Boff, L. *El rostro materno de Dios. Ensayo interdisciplinar sobre lo femenino y sus formas religiosas*. Madrid: Paulinas, 1985.
- Bonhoeffer, D. *Sociología de la Iglesia, Sanctorum Communio*. Salamanca: Sígueme, 1969.
- Børresen, K. e Prinzivalli, E. (eds.). *Las mujeres en la mirada de los antiguos escritos cristianos. Siglos I-IV*. Estella: Verbo Divino, 2014.
- Bouyer, L. *Misterio y ministerios de la mujer*. Madrid: Fundación Maior, 2015.
- Bravo, M. *La mujer en la historia*. Madrid: Ediciones Encuentro, 1998.
- Calduch-Benages, N. e Maier, C. (eds.). *Los Escritos y otros libros sapienciales*. Navarra: Verbo Divino, 2013.
- Calduch-Benages, N. *El perfume del Evangelio, Jesús se encuentra con las mujeres*. Navarra: Verbo Divino, 2008.
- Canário, R. *O que é a escola? Um olhar sociológico*. Porto: Porto Editora, 2005.
- Carolyn, O. *El lugar de la mujer en la Iglesia primitiva*. Salamanca: Sígueme, 2007.
- Celaya, R. *La mujer en el mundo*. Madrid: Acento, 1997.
- Collantes, J. *La fe de la Iglesia Católica*. Madrid: BAC, 1984.
- Denzinger, H. e Hünermann, P. *El Magisterio de la Iglesia*. Barcelona: Heder, 2000.
- Descalzo, J. *Nacido de mujer*. Estella: Verbo Divino, 1992.

- Duque, E. *Os Jovens e a Religião na Sociedade Actual. Comportamentos, Crenças, Atitudes e Valores no Distrito de Braga*. Braga: Instituto Português da Juventude, 2007.
- Duque, E. e Vázquez, J. «Quanto interessa a religião católica aos jovens? Um estudo a partir do caso português». *Revista Cultura & Religión*, n.º 2 (julho 2020): 17-35.
- Estévez, E. *Las mujeres en los orígenes del cristianismo*. Estella: Verbo Divino, 2012.
- Estévez, E. *Mediadoras de sanación. Encuentros entre Jesús y las mujeres: Una nueva mirada*. Madrid: San Pablo-UPCO, 2008.
- Ferraro, J. «Durkheim, educação e sociologia». Acedido a 5 de janeiro de 2021. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/21854/14623>.
- Fiorenza, E. (ed.). *La exégesis feminista del siglo XX*. Estella: Verbo Divino, 2015.
- Fiorenza, E. *Los caminos de la Sabiduría*. Santander: Sal Terrae, 2004.
- Forte, B. *María, la mujer icono del misterio: Ensayo de mariología simbólico-narrativa*. Salamanca: Sígueme, 1993.
- García, C. *El camino del hombre por la mujer: el matrimonio en el Antiguo Testamento*. Estella: Verbo Divino, 2012.
- Gómez-Acebo, I. *¿Qué esperamos de la Iglesia?: la respuesta de 30 mujeres*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2001.
- González de Cardedal, O. *Cristología*. Madrid: BAC, 2001.
- González de Cardedal, O. *Fundamentos de Cristología II, Meta y misterio*. Madrid: BAC, 2006.
- Greshake, G. *El Dios uno y trino: Una teología de la Trinidad*. Barcelona: Herder, 2001.
- Guevara, J. *Mujer y Teología*. *Sal Terrae* 107, 2019.
- Johnson, E. *La que es, El misterio de Dios en el discurso teológico feminista*. Barcelona: Herder, 2002.
- Judith, L. *Ministerio de la gracia. Las mujeres en la Iglesia primitiva*. Madrid: Paulinas, 1991.
- Kari, B. e Valerio, A. *La Biblia en el centro: la renovatio ecclesiae y el surgimiento de la subjetividad femenina (ss. XII-XV)*. Estella: Verbo Divino, 2013.
- Ladaria, L. *La trinidad. Misterio de Comunión*, Salamanca: Secretariado Trinitario, 2002.

- Leitão, S. «A(s) Igreja(s) face ao processo de recomposição do religioso: Práticas e representações de jovens vinculados à estrutura da Igreja Católica-romana». *Revista Lusófona de Ciências da Religião*, n.º 12 (novembro 2007): 273-285.
- Londoño, R. (dir.). *La biblia, libro de contemplación*. Ávila: CITEs – Monte Carmelo, 2010.
- López, E. *El poder de una mujer creyente: cuerpo, identidad y discipulado en Mc 5:24b-34: un estudio desde las ciencias sociales*. Estella: Verbo Divino, 2003.
- López, E. *Qué se sabe de las mujeres en los orígenes del cristianismo*. Estella: Verbo Divino, 2012.
- Lorin, A. *International Encyclopedia of Teaching and Teacher Education*, Columbia: Pergamon-Elsevier, 1995.
- Madigan, K. e Osiek, C. (eds.). *Mujeres ordenadas en la Iglesia primitiva, Una historia documentada*. Estella: Verbo Divino, 2006.
- Maertens, T. *La promoción de la mujer en la biblia*. Bilbao: Mensajero, 1969.
- Marín, T. *Fidelidad a Cristo, fidelidad a la tierra*. Madrid: PPC, 2018.
- Moita, F. «A Missão do Professor de EMRC no Contexto da Escola Atual». *Pastoral Catequética – Revista de Catequese e Educação*, n.º 26 (maio-agosto 2013): 53-74.
- Navarro, M. (dir.). *10 mujeres escriben teología*. Estella: Verbo Divino, 1993.
- Navarro, M. e Perroni, M. (eds.). *Los Evangelios Narraciones e historia*. Estella: Verbo Divino, 2011.
- Panikkar, R. *La experiencia de Dios*. Madrid: PPC, 1994.
- Panikkar, R. *La plenitud del hombre*. Madrid: Siruela, 2004.
- Pelletier, A. *El cristianismo y las mujeres*. Madrid: BAC, 2002.
- Porcile, M. *La mujer, espacio de salvación. Misión de la mujer en la Iglesia, una perspectiva antropológica*. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1995.
- Prinzivalli, E. *Las mujeres en la mirada de los antiguos escritos cristianos. Siglos I-IV*. Estella: Verbo Divino, 2014.
- Rahner, K. *Curso fundamental sobre la fe, Introducción al concepto de cristianismo*. Barcelona: Herder, 1979.

- Rahner, K. «*The Specific Character of the Christian Concept of God*» em, *Theological Investigations XXI*, Darton. London: Longman and Todd, 1988.
- Rivas, F. (ed.). *Iguales y diferentes. Interrelación entre mujeres y varones cristianos a lo largo de la historia*. Madrid: San Pablo, 2012.
- Rivas, F. *Desterradas hijas de Eva: protagonismo y marginación de la mujer en el cristianismo primitivo*. Madrid: Universidad Pontificia de Comillas, 2008.
- Rodríguez, F. *Interculturalidad, Oportunidad para la Eclesiología de Comunión y el Método Teológico*. Granada: Facultad de Teología de Granada, 2019.
- Ruiz de la Peña, J. *El último sentido*. Madrid: Marova, 1980.
- Ruiz de la Peña, J. *La otra dimensión, Escatología cristiana*. Santander: Sal Terrae, 1986.
- Sá Carvalho, C. «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica». *Pastoral catequética*, n.º 31-32 (janeiro-agosto 2015).
- Sá Carvalho, C. *Psicologia - curso geral de formação de catequistas*. Lisboa: SNEC, 2004.
- Sá Carvalho, C, Dimas Pedrinho, Elisa Urbano, Fernando Moita e Juan Ambrósio. *Programa de Educação Moral Religiosa e Católica 2014*. Torres Novas: Gráfica Almondina, 2014.
- Sbardelotto, M. «Da religião à reconexão: novos modos de ser e fazer religiosos em tempos de mediatização digital». *Revista do Instituto Humanitas Unisinos* 2, n.º 4 (julho – dezembro 2018): 71-83.
- Schüssler, E. *En memoria de Ella*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1989.
- Teixeira, A. «Transmissão religiosa, mediações culturais e dinâmicas educativas. Escola, património religioso e transmissão cultural: contextos argumentativos, atores e cenários». *Material disponibilizado no âmbito da Unidade Curricular Património religioso e transmissão cultural*. Lisboa: UCP, 2019/2020.
- Teixeira, A. *Religião na sociedade portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2019.
- Theissen, G. *The Miracle Stories of the Early Christian Tradition*. Edimburgo: T&T Clark, 1983.

Valerio, A. e Giordano, M. *Reformas y Contrareformas de la Europa católica (siglos XV-XVII)*. Estella: Verbo Divino, 2016.

Vares, S. «A educação como fato social: Uma análise sobre o pensamento pedagógico de Durkheim». *Revista Educação* v.6, n.º1 (2011): 29-45.

Vivas, M. «El perfil de la mujer presentado por Juan Pablo II en sus escritos». *Theologica Xaveriana* 146, (2003).

Zarazaga, G. *Dios es comunión*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2004.

ANEXOS

Anexo 1 - Materiais Pedagógicos

Material criado e usado para lecionar na PES. Inclui as apresentações e material didático usado nas unidades letivas 1 e 2.

1.1. UL 1 - Aula 4 - Lição nº4: Identificação e debate sobre alguns grupos em desvantagem social

Aula 4 - 19/10/2021

SUMÁRIO: Identificação e debate sobre alguns grupos em desvantagem social.



Unidade Letiva 1 - A Dignidade da Vida Humana.

Grupos em desvantagem social



A ética vigente exige o respeito pela pessoa e pelos seus direitos, garantindo o exercício da liberdade e o reconhecimento fundamental dos valores da igualdade e da fraternidade, que excluem quaisquer segregações. Mas apesar da consciência universal dos direitos humanos, o preconceito e a discriminação continuam a produzir ataques à dignidade humana.

Muitos grupos minoritários ou «não produtivos» continuam em situação de desamparo.



Ideologias racistas e fanatismos políticos e religiosos continuam a dizimar vidas humanas.



*A vida é um bem inestimável**. Mas a história da humanidade está repleta de contínuos atentados à vida humana e de brutais violências contra o ser humano.



**Que não se consegue avaliar ou estimar (valor). De valor excessivo; incalculável.*

Porque é que isto acontece?

Acontece porque cada pessoa é, em si mesma, um ser dividido; no seu coração habitam o bem e o mal. Por imperativos egoístas ou por condicionalismos sociais, aprisiona, por vezes, a liberdade e a dignidade dos outros. Se é verdade que «a medida do amor é amar sem medida» - princípio que tem sido testemunhado por muitas pessoas de bem -, também é verdade que outros não se deixaram transformar pela beleza da vida. E o preço a pagar tem sido excessivo.



Identificas algum grupo que vive em desvantagem social no teu bairro, cidade, país ou mundo?

Em que mundo queres tu viver?



Maus tratos contra crianças e jovens.

Os maus tratos contra crianças e jovens podem ser definidos como qualquer ação ou omissão não acidental perpetrada pelos pais, cuidadores ou outrem que ameace a segurança, dignidade e desenvolvimento biopsicossocial e afetivo da vítima. Qualquer tipo de mau trato atenta de forma direta contra a satisfação adequada dos direitos e das necessidades fundamentais das crianças e jovens não garantido, por este meio, o crescimento e desenvolvimento pleno e integral de todas as suas competências físicas, cognitivas, psicológicas e socioemocionais.



Idosos vítimas de crime

Nos últimos anos aumentaram as queixas de violência contra idosos. O aumento da esperança média de vida e o enfraquecimento dos sistemas de proteção social, coloca-os numa situação de grande fragilidade. É urgente mudar mentalidades e recuperar o **respeito pelo saber de experiência feito**. Tendemos a associar imediatamente o termo violência a maus tratos físicos, no entanto, o âmbito da violência contra idosos assume muitos outros contornos tão ou mais graves do que a agressão física, tais como agressões psicológicas, privação de cuidados adequados, abandono, desvalorização da sua personalidade e experiência, usurpação e administração indevida dos seus próprios bens.



A sociedade atual tem vindo a tratar muito mal os idosos, desvalorizando-os constantemente. Os ritmos da vida, as exigências profissionais e a falta de medidas específicas para o desenvolvimento de recursos para integração e proteção dos idosos acabam por potenciar uma cultura em que os mais velhos são postos de parte por não corresponderem aos padrões sociais de beleza, dinheiro e consumo.

Como jovem que és como achas que podemos recuperar o papel do idoso na nossa comunidade?

O que é o preconceito?



O que é o preconceito?



O que é o preconceito?

É um juízo (opinião), injustificado e irracional. Manifesta-se geralmente em atitudes discriminatórias relativamente a determinadas pessoas, lugares, ideologias ou tradições que, pelo simples facto de serem diferentes, são considerados destituídos de valor. Indica, portanto, desconhecimento e ignorância relativamente ao outro. Em geral, a ignorância produz o medo do que se desconhece e conduz à adoção de comportamentos defensivos que podem manifestar-se desde a simples indiferença até à violência explícita. O outro, cuja verdadeira natureza se ignora, é entendido como ameaça, como um potencial inimigo que deve, por conseguinte, ser combatido ou mesmo eliminado. O preconceito conduz ao autoritarismo, à discriminação, à marginalização e à violência.



O que é o racismo?



O que é o racismo?



O racismo é uma forma de pensar e de agir fundada num preconceito. Acredita-se que alguns indivíduos ou grupos, pelo simples facto de possuírem determinadas características físicas hereditárias ou certo tipo de manifestações culturais, são seres inferiores. O racismo baseia-se em opiniões preconcebidas e injustificadas segundo as quais as diferenças biológicas entre os seres humanos lhes atribuem um estatuto superior ou inferior. De acordo com esta ideologia, os seres humanos não têm todos o mesmo valor nem são todos dotados da mesma dignidade. O valor depende da sua pertença a determinados grupos raciais. O racismo pretende justificar a escravidão, a opressão, o domínio de uns povos sobre outros, o genocídio contra um grupo ou uma etnia.



O racismo afirma a necessidade de um grupo social dominante (em termos económico ou numérico) se distanciar de outros grupos que, por razões históricas, possuem tradições ou comportamentos diferentes. O grupo dominante constrói um mito (um estereótipo) sobre os outros grupos e com base nessa ideia preconcebida nega-lhes a liberdade ou mesmo o direito à existência.



As diferenças entre as pessoas ou grupos humanos não justificam que se lhes atribua um valor diferente. Ser pobre ou rico, europeu ou asiático, preto ou branco, não retira nem acrescenta dignidade ou valor às pessoas.



O que é a xenofobia?



O que é a xenofobia?



Xenofobia é um medo injustificado perante estranhos; é a aversão e hostilidade relativamente a povos estrangeiros. Trata-se de um fenómeno que esteve presente ao longo de toda a história da humanidade e que ainda é atual, particularmente face aos imigrantes.



Atividade em grupo - Jogo da mímica

Como reage a nossa sociedade perante a outra pessoa desconhecida?



Síntese

A síntese: É importante saber criticar os factos sociais sobre as situações de grupos minoritários em desvantagem e lutar contra as desigualdades sociais.



1.2. UL 1 - Aula 5 - Lição nº5: Análise da parábola do bom samaritano

Aula 5 - 26/10/2021

SUMÁRIO: Análise da parábola do bom samaritano.

Unidade Letiva 1 - A Dignidade da Vida Humana

O que diz a **IGREJA** hoje sobre a **DIGNIDADE HUMANA**.

Cada pessoa deve considerar o **próximo** como "**outro eu**", respeitá-lo e rejeitar tudo o que viola a integridade pessoal e social - porque qualquer forma de discriminação é contrária à vontade de Deus.



Em nossos dias urge a obrigação **de nos tornarmos o próximo** de todo e qualquer homem, e de o servir efetivamente quando vem a nosso encontro.

Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes**, 27

***"Alegria e Esperança" Sobre a Igreja no mundo atual.*

Igualdade essencial entre todos os homens.

A igualdade fundamental entre todos os homens deve ser cada vez mais reconhecida, uma vez que, dotados de alma racional e criados à imagem de Deus, todos têm a mesma natureza e origem; e, remidos por Cristo, todos têm a mesma vocação e destino divinos.



"E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança..." (Gênesis 1, 26).

Sem dúvida, os homens não são todos iguais quanto à capacidade física e forças intelectuais e morais, variadas e diferentes em cada um. Mas deve **superar-se** e **eliminar-se**, como contrária à vontade de Deus, qualquer forma social ou cultural de discriminação, quanto aos direitos fundamentais da pessoa, por razão do sexo, etnia, cor, condição social, língua ou religião (GS 29).



Parábola do Bom Samaritano



O que é uma parábola?



Parábola é um recurso literário muito utilizado por Jesus. Trata-se de uma **narrativa fictícia** construída a partir de ambientes reais, com o objetivo de **iluminar um ensinamento** e **provocar uma transformação** de comportamentos.

Parábola do bom samaritano

²⁵Levantou-se, então, um doutor da Lei e perguntou-lhe, para o experimentar: «Mestre, que hei de fazer para possuir a vida eterna?» ²⁶Disse-lhe Jesus: «Que está escrito na Lei? Como lês?» ²⁷O outro respondeu: «Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.» ²⁸Disse-lhe Jesus: «Respondeste bem; faz isso e viverás.» ²⁹Mas ele, querendo justificar a pergunta feita, disse a Jesus: «E quem é o meu próximo?» ³⁰Tomando a palavra, Jesus respondeu:

«Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. ³¹Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. ³²Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. ³³Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. ³⁴Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. ³⁵No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: 'Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar.' ³⁶Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?» ³⁷Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele.» Jesus retorquiu: «Vai e faz tu também o mesmo.»

Lc 10,25-37

- **Doutores da Lei ou Escribas:** eram peritos na interpretação da lei de Moisés, cujo cumprimento impunham ao povo.



- **Sacerdotes:** Além das tarefas culturais, competia-lhes a instrução do povo em assuntos religiosos e a administração dos bens do templo.
- **Levitas:** eram auxiliares dos sacerdotes constituindo uma espécie de "baixo clero."

Judeus e Samaritanos:

eram dois povos desavindos.

Os judeus desprezavam os samaritanos por serem o resultado de uma mistura de raças entre Israelitas e outros povos estrangeiros e por não frequentarem o templo de Jerusalém.

Os samaritanos retribuía o mesmo desprezo em relação aos judeus.



Teatralização do texto bíblico - A Parábola do Bom Samaritano

"E quem é o meu próximo?"
(Lc 10, 29)



Síntese de aula



Síntese de aula

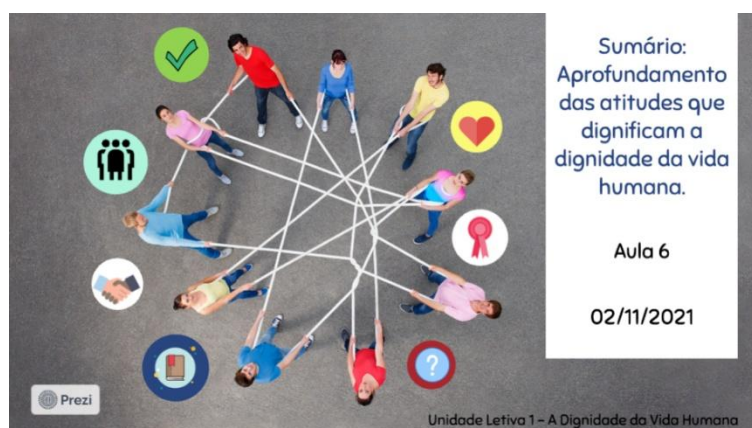
A mensagem cristã desafia à vivência do **amor** e mostra que a vida ganha mais **sentido** quando nos **aproximamos** de quem **precisa**.



Que estás disposto a fazer neste sentido?



1.3. UL 1 - Aula 6 - Lição nº6: Aprofundamento das atitudes que dignificam a dignidade da vida humana



Apresentação de um prezi, sobre o objetivo 5 e 6.

Link: <https://prezi.com/view/TEHJdepy6Peco8WDeS18/>

Visualização de um vídeo 1 - «Mr Indifferent».

Link: [CGI Animated Short Film: "Mr Indifferent" by Aryasb Feiz | CGMeetup - YouTube](#)

Visualização de um vídeo 2 - «Wheres the love»

Link: [The Black Eyed Peas - #WHERESTHELOVE ft. The World \(Video\) - YouTube](#)

1.4. UL 1 - Aula 7 - Lição nº7: Reflexão acerca das questões sobre o início da vida



Apresentação de um prezi, sobre o objetivo 7.

Link: <https://prezi.com/view/HGtDQ57LvGsA4anuzRWV/>

Visualização de um vídeo 1 – «Factos Sobre a Gravidez | National Geographic Portugal». O vídeo termina aos 03:08.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=elx7oQ5ezE0&t=6s>

1.5. UL 1 - Aula 8 - Lição nº8: Reflexão crítica acerca do aborto



Apresentação de um prezi, sobre o objetivo 7,2.

Link: <https://prezi.com/view/CIRUnZ8D6YrUoNPBuvjo/>

Visualização de um vídeo 1 – «Crianças são perguntadas sobre o aborto». O vídeo começa a partir do minuto 1:50.

Link: [Crianças são perguntadas sobre o aborto - YouTube](#)

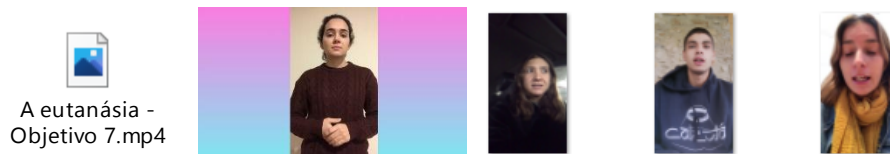
1.6. UL 1 - Aula 9 - Lição nº9: Considerações sobre a eutanásia



Apresentação de um prezi, sobre o objetivo 7,3.

Link: <https://prezi.com/view/15GNO8x2HJFIYtVsCQsx/>

Visualização dos testemunhos de Jovens enfermeiros sobre a sua perspetiva sobre a eutanásia – Vídeo 1.



Visualização de um vídeo 2 – «Morre americana que anunciou suicídio assistido» – Duração de 01:04.

Link: https://www.youtube.com/watch?v=ZH_uRiWbRZU

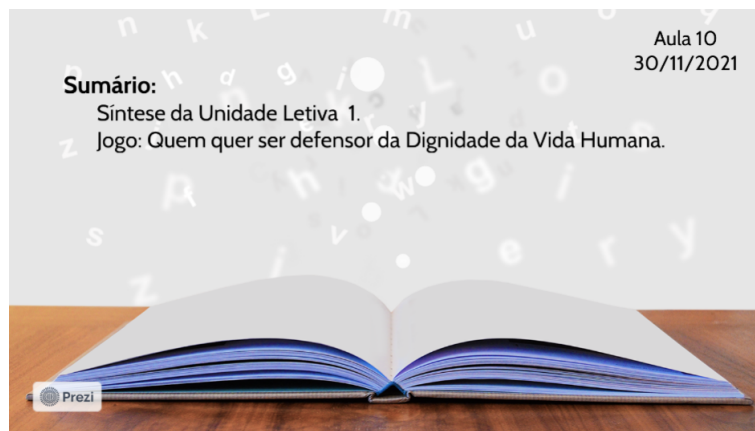
Visualização de um vídeo 3 – «Terri Schiavo – Eutanásia» – O vídeo termina no minuto 02:00.

Link: https://www.youtube.com/watch?v=COH6jjMr4_Q

Visualização de um vídeo 4 – «Siempre hay una razón para vivir» – Duração de 02:58. (Em caso de haver tempo).

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=iKxfhJy43n0&t=4s>

1.7. UL 1 - Aula 10 - Lição nº10: Síntese da Unidade Letiva 1. Jogo - Quem quer ser defensor da dignidade da Vida Humana



Apresentação de um prezi – Síntese da Unidade Letiva 1.

Link: <https://prezi.com/view/jCYk7Q2ohp7XTpi1vFNo/>

Kahoot!



Unidade Letiva 1 - 9 ano.

Jogo didático. – Kahoot - «Quem quer ser defensor da dignidade da Vida Humana».

Link: <https://create.kahoot.it/share/unidade-letiva-1-9-ano/84a33135-ed4c-45c1-9390-5c89655de6fe>

1.8. UL 1 - Aula 11 - Lição nº11: Ficha de avaliação da UL 1

O modelo de avaliação escolhido para avaliar a «Unidade Letiva 1: A Dignidade da Vida Humana» foi um teste na plataforma Quizizz. Estas foram as perguntas que saíram na plataforma Quizizz.



Uma marca na tua vida

Ficha de avaliação – 9.º ano

UL1: *A dignidade da vida humana*

Data ____/12/2021	Nome _____	Nº ____	Turma _____

Avaliação _____	Prof _____	O/A E. E. _____	

Assinala a resposta correta em cada pergunta fazendo um círculo à volta da respetiva alínea.

1. O dom supremo da vida humana

- a) tem, na perspetiva religiosa, origem em Deus.
- b) não exige respeito nem agradecimento.
- c) consiste no património e na virtude da pessoa.
- d) é um bem que exige respeito, desleixo e delicadeza.

2. A dignidade da pessoa humana

- a) nasce com o ser humano e vai-se alterando ao longo da vida.
- b) é igual para todas as pessoas e nunca se altera ao longo da vida.
- c) consiste no que a pessoa tem ou faz.
- d) é um valor que se pode perder.

3. A vida humana

- a) é um valor primordial e absoluto.
- b) é, na perspetiva religiosa, o primeiro dom que Deus dá.
- c) não é defendida em todas as religiões.
- d) é uma vida como a dos animais ou a das plantas.

4. A vida humana é o valor primordial porque

- a) a vida é um valor absoluto.
- b) sem vida é possível viver qualquer outro valor.

- c) com vida está assegurada a concretização de todos os direitos humanos.
- d) a vida é a condição de possibilidade de todos os direitos e da vivência de todos os valores.

5. A singularidade do ser humano relativamente aos outros seres vivos é

- a) a inteligência superior, incapaz de criar mundos alternativos.
- b) a dimensão biológica, estruturalmente menos desenvolvida.
- c) a dimensão espiritual, capaz de produzir obras de arte e de desenvolver consciência ética.
- d) a capacidade de se reconhecer numa relação social.

6. A dignidade da vida humana

- a) não necessita de ser cuidada.
- b) foi sempre defendida em todos os tempos e lugares.
- c) teve sempre insignificância histórica.
- d) sofreu vários atentados ao longo da história da humanidade.

7. São exemplos de defesa da vida e da dignidade humana:

- a) juramento de Hipócrates e Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- b) preconceito e discriminação.
- c) legislação a favor do aborto e da eutanásia.
- d) racismo e violência.

8. Os juramentos de Hipócrates, de Asaph e dos médicos pretendem:

- a) garantir a ausência de dor.
- b) defender a vida humana.
- c) divulgar as leis dos países.
- d) promover desenvolvimento económico e social.

9. A finalidade mais importante da Declaração Universal dos Direitos Humanos e da Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia é

- a) sustentar o património e o bem comum.
- b) apresentar medidas concretas para proteger as minorias.
- c) defender a dignidade humana valorizando os direitos e a liberdade das pessoas.
- d) promover o desenvolvimento socioeconómico dos povos.

10. A Constituição da República Portuguesa, lei fundamental de Portugal,

- a) defende a pena de morte.
- b) declara que cada cidadão é diferente perante a lei.
- c) determina que cada pessoa tem diferente dignidade.
- d) afirma a inviolabilidade da vida humana.

11. A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi proclamada em

- a) 10 de dezembro de 1918.

- b) 10 de dezembro de 1948.
- c) 10 de dezembro de 1968.
- d) 10 de dezembro de 2000.

12. O valor da vida

- a) permite-nos agir como quisermos sem nos preocuparmos com os outros.
- b) dispensa qualquer atitude de serviço e doação aos outros.
- c) é perfeitamente mensurável (ou dimensível).
- d) implica um agir ético em situações vitais do quotidiano.

13. Dar a própria vida pelo outro

- a) implica sempre um grande desafio e uma atitude radical.
- b) considera-se sempre como um ato de estupidez.
- c) é sempre uma atitude aliciante e radicalmente boa.
- d) resulta sempre na obtenção de um bem maior.

14. Gianna Molla, Luther King e Teresa de Calcutá, entre muitos outros,

- a) entregaram a sua vida a uma causa ou projeto que não deu fruto.
- b) revelaram que não adianta dedicar-se a um ideal e lutar por ele.
- c) mostraram claramente que um ideal de vida não contribui para a felicidade de ninguém.
- d) foram pessoas que deram a sua vida e encontraram razões para a sua existência.

15. Jesus disse “Eu sou o bom pastor”

- a) porque os pastores protegem as ovelhas.
- b) porque deu a sua vida para salvar a humanidade.
- c) porque as ovelhas não sobrevivem sem pastor.
- d) porque a pastorícia era uma atividade fundamental.

16. Grupos minoritários em desvantagem social

- a) são, por exemplo, estrangeiros, idosos ou doentes terminais.
- b) são conjuntos de pessoas com poder político.
- c) são, por exemplo, juizes, banqueiros ou médicos.
- d) são conjuntos de pessoas com poder económico.

17. O preconceito

- a) é um meio de valorizar a diferença e a complementaridade.
- b) é um pensamento imaginado, justificado e racional.
- c) é uma ideia pré-concebida, baseada na ignorância.
- d) conduz à adoção de comportamentos defensivos e promotores de paz.

18. O racismo é

- a) uma doutrina que premeia algumas etnias humanas e valoriza a sua dignidade.

- b) é a convicção de que as etnias supostamente superiores têm o direito de dominar as supostamente inferiores.
- c) uma forma de valorizar a diferença e a complementaridade.
- d) uma atitude justificável porque capaz de ordenar a vida social.

19. A xenofobia é

- a) uma teoria associada às pessoas que não possuem a mesma cor de pele.
- b) uma atitude justificável porque capaz de ordenar a vida social.
- c) o mesmo que xenofilia.
- d) uma aversão às pessoas estrangeiras.

20. Estalinismo, Nazismo e Apartheid são

- a) ideologias que apesar de segregar as pessoas, respeitaram os direitos humanos.
- b) episódios históricos de enorme crueldade, originados pelo preconceito e racismo.
- c) exemplos de regimes que defenderam a dignidade da vida humana.
- d) formas de tirania com o objetivo de dignificar todos os povos.

21. A Parábola do Bom Samaritano

- a) evidencia a solidariedade de um samaritano e de dois profissionais da religião.
- b) salienta a grandeza da dignidade humana e desafia ao cumprimento das normas em vigor.
- c) retrata, na figura do sacerdote, o próprio Jesus veio salvar e libertar a humanidade caída.
- d) desafia a valorizar a vida tornando-se próximo de quem precisa.

22. Na perspetiva cristã, a dignidade da vida humana implica:

- a) agir no dia-a-dia com ética e amor no serviço aos outros.
- b) agir na realidade que nos rodeia sem procurar imitar Jesus.
- c) ter especial atenção e cuidado em relação à vida dos menos necessitados.
- d) observar os atentados à vida humana sem se implicar pessoalmente na sua denúncia.

23. A Gaudium et Spes – Alegria e Esperança –

- a) trata, fundamentalmente, das relações entre as religiões e o mundo onde elas estão e atuam.
- b) afirma que o que é humano não interessa à Igreja Católica.
- c) é um documento do Concílio Vaticano I sobre a Igreja no mundo contemporâneo.
- d) afirma que em tudo deve prevalecer a promoção e defesa da dignidade da pessoa humana.

24. O início da vida humana, na perspetiva da Igreja, acontece

- a) no momento da fecundação.
- b) quando o coração do embrião começa a bater.
- c) quando se inicia a atividade cerebral.
- d) no momento do parto.

25. Muitas pessoas defendem que a vida humana tem início no momento da fecundação porque

- a) está cientificamente comprovado que é assim.
- b) é o primeiro facto biologicamente identificável na formação do ser humano.
- c) o desenvolvimento de uma pessoa é um processo contínuo que permite identificar com precisão saltos de qualidade.
- d) o momento a partir do qual se inicia a vida da pessoa ainda está sujeito a debate.

26. É convicção da Igreja Católica que

- a) o aborto constitui uma solução para os problemas socioeconómicos.
- b) o aborto é a manifestação da livre vontade da mulher e do direito a dispor do seu corpo.
- c) as mulheres que abortam não têm direito à misericórdia de Deus.
- d) tal como Jesus condenava o pecado mas absolvía o pecador, deve condenar-se o aborto mas ajudar as mulheres que o praticaram.

27. A Igreja rejeita as práticas abortivas porque:

- a) o aborto causa prejuízo irreparável a todas as partes implicadas: ao feto inocente, aos pais e à sociedade.
- b) o direito à vida é violável.
- c) a vida humana não deve ser respeitada e protegida desde o momento da concepção.
- d) o aborto não é um crime, mas um ato médico.

28. A eutanásia

- a) consiste em atrasar o mais possível o momento da morte usando todos os meios.
- b) é um ato que consiste em pôr fim a uma vida.
- c) é defendida pela legislação da maior parte dos países do mundo.
- d) significa literalmente “má morte”.

29. Cuidados paliativos são

- a) uma abordagem interdisciplinar que visa melhorar a qualidade de vida dos doentes.
- b) práticas de assistência que garantem a eliminação do sofrimento físico e psicológico.
- c) técnicas de proteção à família dos doentes incuráveis.
- d) medidas de desamparo que visam atenuar o sofrimento.

30. Na perspetiva religiosa a eutanásia

- a) é aceitável porque Deus criou-nos livres para fazermos as nossas escolhas.
- b) não deve ser substituída por cuidados paliativos.
- c) constitui um roubo do direito exclusivo de Deus, único que pode dar e tirar a vida.
- d) é uma forma de dignificar a vida humana.

31. São valores fundamentais à efetiva promoção da dignidade da vida humana:

- a) respeito, responsabilidade e egoísmo.
- b) solidariedade, igualdade e preconceito.
- c) justiça, desonestidade e fraternidade.

d) amor, verdade e diálogo.

32. O bem e a beleza de todas e de cada pessoa - única e irrepetível - são uma riqueza que é preciso reconhecer e valorizar através

- a) da participação em grupos e organizações de defesa e promoção da vida.
- b) do empenho pessoal na defesa dos atentados à vida humana.
- c) da atenção e cuidado da vida dos mais favorecidos.
- d) da prática dos contravalores.

1.9. UL 2 - Aula 12 - Lição nº12: A questão da existência de Deus: crença e razão



Apresentação de um prezi, sobre o objetivo 1.

Link: <https://prezi.com/view/qNUkQIuOwQiL1M9GtrG8/>

Visualização de um vídeo 1 – «Vídeo 1 – “Deus Existe” ».

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=VqgcrJs5cPE&t=6s>

1.10. UL 2 - Aula 13 - Lição nº13: Ateísmo, agnosticismo e fé



Apresentação de um prezi, sobre o objetivo 1.

Link: <https://prezi.com/view/D0SXiKHbS4DHHIFDBWlo/>

1.11. UL 2 - Aula 15 - Lição nº14: O Fenômeno Religioso. Representações de Deus no politeísmo



Apresentação de um prezi, sobre o objetivo 1.

Link: <https://prezi.com/view/C00a77OpVdGNZchKRtCU/>

1.12. UL 2 - Aula 17 - Lição nº16: Representações de Deus na Bíblia



Apresentação de um prezi, sobre o objetivo 2.

Link: <https://prezi.com/view/DNpdcarETO1crYlsSGSx/>

1.13. UL 2 - Aula 18 - Lição nº17: Reflexão sobre a fé cristã



Apresentação de um prezi, sobre o objetivo 3.

Link: <https://prezi.com/view/vZS4ZjdbJStKpRrTJOrb/>



Pintura feita pelos alunos do 9ºano.

1.14. UL 2 - Aula 19 - Lição nº18: Deus, o grande Mistério



Apresentação de um prezi, sobre o objetivo 4.

Link: <https://prezi.com/view/ELZscvG484qaxHO43b1Y/>

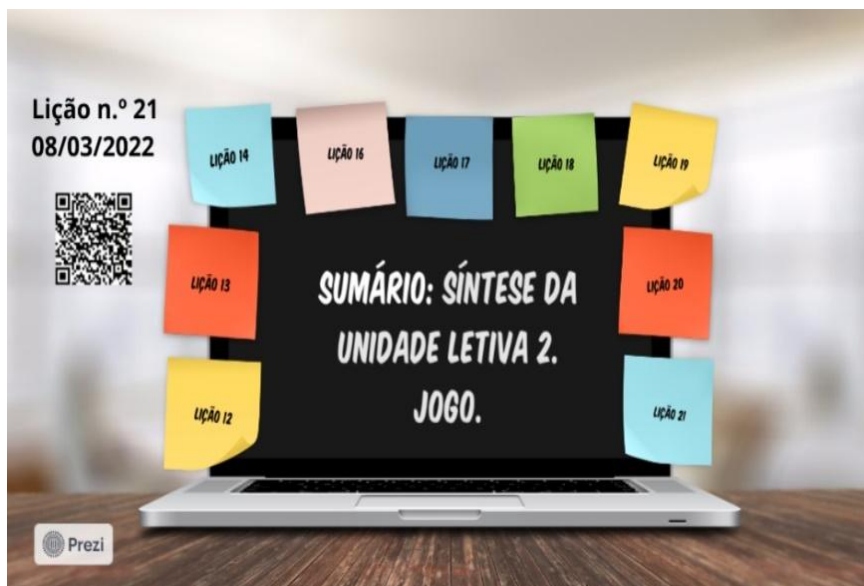
1.15. UL 2 - Aula 21 - Lição nº20: Instituições cristãs empenhadas no bem comum



Apresentação de um prezi, sobre o objetivo 4.

Link: <https://prezi.com/view/ZSWrzBfl2C0ZHds1bIFY/>

1.16. UL 2 - Aula 22 - Lição nº21: Síntese da Unidade Letiva 2. Jogo



Apresentação de um prezi, sobre a UL 2.

Link: <https://prezi.com/view/1EZJR8fJbTz3KGOt4CNI/>

Entrega de um código QR a cada aluno com a matéria da UL 2 dada em sala de aula.



Jogo didático.



Link: <https://create.kahoot.it/details/4e508b04-77af-4a22-aba6-c1e614c17fa8>



Ficha de avaliação de EMRC
9.º ano - UL 2: Deus – Mistério de Amor

I. Define cinco das seguintes palavras:

1. Ateísmo
2. Agnosticismo
3. Crença
4. Relativismo
5. Politeísmo
6. Sagrado
7. YHWH
8. Religião
9. Deus
10. Amor

(25 pontos)

II. Responde a duas das seguintes questões:

1. Porque é que a questão de Deus é uma questão humana fundamental?
2. Quais as características de Deus no Antigo Testamento?
3. Quais as características do Deus de Jesus Cristo?
4. Apresenta uma história/testemunho da ação do amor de Deus.
5. Em que é que consiste a fé cristã / **o que significa ser cristão?**

(30 pontos)

III. Desenvolve:

1. O que é que mais gostaste nesta unidade letiva e em que medida foi ou pode vir a ser importante para a tua vida?

(45 pontos)

1.18. UL 2 - Aula 24 - Lição nº23: Revisão da ficha de avaliação do 9º ano - Deus, Mistério de Amor.

Revisão da ficha de avaliação do 9.º ano - UL 2: *Deus - Mistério de Amor*

I. Define cinco das seguintes palavras:

1. Ateísmo

Ateísmo significa literalmente «sem Deus»: [*a* (negação) + *theos* (Deus)].

É uma doutrina ou opção filosófica que consiste na afirmação categórica da não existência de Deus, baseada numa conceção materialista da realidade (nada há para além daquilo que se pode observar, ou seja, do mundo material).

É a atitude das pessoas que vivem sem qualquer referência a Deus, indiferentes à questão do sobrenatural.

2. Agnosticismo

Agnosticismo significa literalmente «ignorância», «desconhecimento»: [*a* (negação) + *gnose* (conhecimento)]. É a afirmação da impossibilidade de alguém se pronunciar sobre a existência ou não existência de Deus. É, pois, uma atitude cética, de dúvida.

3. Crença

Crença, ou fé, é a atitude (também racional) de acreditar. Traduz-se na confiança em Deus e num consequente compromisso de vida.

Acreditar em Deus é acolher e confiar no sentido último da vida.

4. Relativismo

Relativismo é uma posição que nega a possibilidade de nos aproximarmos de Deus. Defende que tudo o que se diga, se pense ou se faça é igualmente válido e igualmente bom. Todas as decisões e todas as atitudes estão justificadas à partida porque cada um tem «a sua verdade». Assim sendo, tudo é relativo; não existem verdades absolutas, nem pontos de orientação seguros. Caminhamos às cegas pelo mundo. O relativismo é, em muitos casos, uma forma de desculparmos as nossas ações ou palavras menos agradáveis. Qualquer que seja a nossa posição,

temos sempre razão, uma vez que não existe um padrão de conduta, nem uma hierarquia de valores.

5. Politeísmo

Politeísmo é um sistema religioso que reconhece e venera várias divindades.

6. Sagrado

Sagrado ou santo refere-se a coisas, lugares ou pessoas ligados a Deus e que merecem veneração.

7. YHWH

YHWH, o tetragrama sagrado, designa o nome com que Deus Se apresentou a Moisés: Yawhé. Significa «Aquele que é» ou «Aquele que está presente».

8. Religião

Religião é um sistema que estabelece o contacto entre o divino e o humano. É como uma ponte – feita de doutrinas, de rituais e de práticas – que une as pessoas a Deus e entre si.

9. Deus

Deus é o Infinito, o Eterno, o Absoluto; o Criador, o Onnipotente, o Onnipresente.

O Deus revelado por Jesus Cristo e pelo Espírito Santo é Amor – Mistério de Amor e Comunhão.

10. Amor

Mais do que simples sentimento, o amor é uma decisão e um compromisso. É uma energia que transporta o coração e a mente para a aventura da vida, do bem e do belo.

O amor traduz-se no respeito, na liberdade, no carinho e no cuidado do outro.

O amor não é invejoso, não se envaidece, não é orgulhoso, não tem maus modos, não é egoísta, não se irrita, não pensa mal, não se alegra com a injustiça; o amor é paciente, é prestável, alegra-se com a verdade, suporta tudo, acredita sempre, espera sempre, sofre com paciência, é eterno (1Cor 13,4-7).

Somos chamados a viver com Deus o seu puro amor agápico para que se dê uma comunhão poliédrica e policolor de pessoas.

II. Responde a duas das seguintes questões:

1. Porque é que a questão de Deus é uma questão humana fundamental?

A interrogação sobre Deus é uma questão humana fundamental porque, de uma forma ou de outra, todas as pessoas, questionando-se sobre si mesmas e sobre o sentido das suas vidas, acabam por colocar a questão de Deus.

A procura do Transcendente, da Divindade, do Sagrado, é uma realidade humana e universal. Sujeitas às mais variadas situações existenciais, como a experiência do sofrimento, da finitude, da ausência de sentido, ou, pelo contrário, a experiência do encontro, da verdade, da felicidade, as pessoas acabam por se interrogar sobre a existência de Deus.

O ser humano é um ser religioso e transcendente. Existem representações da divindade em todas as épocas e culturas. Onde quer que se encontrem vestígios de atividade humana aí se encontram manifestações de atividade religiosa.

2. Quais as características de Deus no Antigo Testamento?

No Antigo Testamento, Yawhé, o Deus único (monoteísmo) é uma presença pessoal e atuante com quem Israel (o povo eleito) pode conversar, em quem pode confiar e a quem deve obedecer.

É o Deus santo e misterioso, totalmente distinto do resto do universo, que estabeleceu uma aliança com Israel a quem se foi revelando progressivamente. No Antigo Testamento encontramos várias experiências de Deus: de uma formulação muito elementar que se aproxima das conceções das religiões politeístas e de um Deus nacional e guerreiro, evolui-se para o monoteísmo absoluto e, sobretudo, para a compreensão de um Deus que é pai e protetor universal.

3. Quais as características do Deus de Jesus Cristo?

Jesus – Rosto visível do Deus invisível – vem trazer a grande novidade: Deus é Pai inequivocamente bom. Deus é Amor. Ama os seus filhos como eles são e ama a todos por igual. Não aprova todos os comportamentos que cada um tem, mas porque ama com amor infinito,

perdoa e quer libertar dos medos, das frustrações, das fragilidades, tornando-se o garante de uma vida em plenitude, fundada no amor e na solidariedade.

4. Apresenta uma história/testemunho da ação do amor de Deus.

Deus atua no mundo através das ações e do testemunho de pessoas que ousam confiar n'Ele e se empenham no bem comum e na transformação da sociedade. São inúmeros os crentes que, seduzidos pelo amor de Deus, e atentos às necessidades dos irmãos, contribuíram e contribuem para uma sociedade mais fraterna:

- João de Deus vivenciou o seu amor a Deus amando os doentes;
- Vicente de Paulo vivenciou o seu amor a Deus amando os pobres;
- Aristides de Sousa Mendes vivenciou o seu amor a Deus amando os judeus.

5. Em que é que consiste a fé cristã / o que significa ser cristão?

A fé cristã nasce do encontro com Cristo e traduz-se na vivência do mandamento do amor.

Ser cristão significa ser de Cristo, estar ligado a Deus. Significa descobrir Cristo vivo, presente, e relacionar-se com Ele, combinando a vida com Ele.

Ser cristão é ser o rosto e as mãos de Deus a atuar na história, a fazer o bem e a multiplicar o amor.

III. Desenvolve:

1. O que é que mais gostaste nesta unidade letiva e em que medida foi ou pode vir a ser importante para a tua vida?

[Resposta pessoal, devendo explicitar um conteúdo e respetiva significação particular]

Conteúdos abordados:

- *A problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão.*
- *Várias formas de recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo.*
- *Elementos constitutivos do fenómeno religioso: relação com a divindade; doutrina, ritos, ética.*
- *A bondade e a grandeza de Deus, na mensagem bíblica, como um apelo à construção de um mundo solidário.*

- *A fé cristã como uma experiência de encontro e da bondade de Deus.*
- *Factos sociais e acontecimentos históricos de transformações provocadas pela vivência da fé.*
- *Propostas de atuação no mundo alicerçadas na cosmovisão cristã.*

2.2. Procedimentos de avaliação utilizados

A avaliação é um tema bastante complexo e precisa de ser amadurecido pelo o aluno estagiário bem como pela professora cooperante, em ordem a ter em conta as características dos alunos, para que esta não seja uma carga para eles, mas em vista ao aprofundamento e ao amadurecimento do aluno.

Nesse sentido os alunos foram avaliados, através das fichas de trabalho, trabalhos de grupo e avaliação formativa.

Procedimentos de avaliação utilizados na ficha de avaliação da UL 2


I	Precisão linguística	5 pontos
I	Definição com imprecisões	2,5 pontos
II	Precisão linguística, científica e fundamentação	15 pontos
II	Definição com imprecisões	7,5 pontos
III	Desenvolvimento, precisão linguística, científica e fundamentação. Coadunação com a UL 2.	45 pontos
III	Definição com imprecisões.	22,5 pontos

Anexo 2 - Atividades de intervenção na escola

Atividades pedagógicas desenvolvidas no âmbito da disciplina de EMRC.

1.1. Planificação dos acampamentos dos alunos 9º, 8º e 7º na Quinta da Fonte

						
Estudantes: Adão Chaves e Carlos Araújo						
Aprendizagens essenciais: Valorizar a diversidade dos membros em todos os grupos como fator de enriquecimento. Identificar como elemento fulcral da mensagem cristã o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.						
METAS EMRC	Objetivos curriculares	Metas de Serviço	Estratégias (numerar)	Hora	Evaluación formativa	Evaluación final
<p>A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</p> <p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.</p> <p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p> <p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.</p>	<p>1. Questionar a origem, o destino e o sentido do universo e do ser humano.</p> <p>2. Desenvolver uma atitude de respeito e admiração pela obra da criação.</p> <p>3. Assumir comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação.</p> <p>4. Identificar os princípios éticos comuns das várias religiões reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana.</p>	<p>Incentivar a vivência diária de atos de gentileza e de valores morais: ser agradecido, ser prestável (oferecer algo de bom), amar os outros, pedir perdão e ser amigo.</p> <p>Ajudar os alunos a compreender a importância de uma vida com valores.</p> <p>Ajudar a redescobrir a beleza da relação com Deus e da sua importância na vida quotidiana.</p>	<p>- Acolhimento.</p> <p>- Boas vindas.</p> <p>- Montagem das tendas.</p> <p>- Dinâmicas de apresentação (quebra gelo)</p> <p>- (Roda-Música)</p>	08:30	<p>- Atenção</p> <p>- Empenho</p> <p>- Cooperação entre colegas</p> <p>- Criatividade</p> <p>- Respeito pelos colegas</p>	<p>- Atividade a realizar apenas 3 a 4 e de 12 a 13 de maio 2022. Ainda sem dados de avaliação final para concluir.</p>
			- Distribuição dos amigos secretos.	10:00		
			- Divisão por grupos. Jogo dos animais	11:30		
			- Atividade em grupos: Eu e o meu grupo.	11:30		
			- Lanche	11:30 11:35		
Continua no slide seguinte						

						
Estudantes: Adão Chaves e Carlos Araújo						
Aprendizagens essenciais: Valorizar a diversidade dos membros em todos os grupos como fator de enriquecimento. Identificar como elemento fulcral da mensagem cristã o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.						
METAS EMRC	Objetivos curriculares	Metas de Serviço	Estratégias (numerar)	Hora	Evaluación formativa	Evaluación final
<p>K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com o fundamento religioso.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p> <p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, comunidade e o mundo.</p>	<p>5. Conhecer as várias dimensões da personalidade humana.</p> <p>6. Valorizar algumas formas de resolução de problemas no seu processo de crescimento.</p> <p>7. Conhecer a mensagem cristã sobre a felicidade e a realização pessoal.</p> <p>8. Valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana.</p> <p>9. Reconhecer que o direito à paz e universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.</p> <p>10. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.</p>	<p>Incentivar a vivência diária de atos de gentileza e de valores morais: ser agradecido, ser prestável (oferecer algo de bom), amar os outros, pedir perdão e ser amigo.</p> <p>Ajudar os alunos a compreender a importância de uma vida com valores.</p> <p>Ajudar a redescobrir a beleza da relação com Deus e da sua importância na vida quotidiana.</p>	- Plenário: Apresentação criativa das reflexões de cada grupo.	11:35 12:00	<p>- Atenção</p> <p>- Empenho</p> <p>- Cooperação entre colegas</p> <p>- Criatividade</p> <p>- Respeito pelos colegas</p> <p>- Desenvolvimento de capacidades de agradecimento.</p>	<p>- Atividade a realizar apenas 3 a 4 e de 12 a 13 de maio 2022. Ainda sem dados de avaliação final para concluir.</p>
			- Atividade: O Som do Silêncio.	12:30 13:00		
			- Almoço e tempo de animação.	13:00 14:15		
			- Atividade em grupos: A propósito de vivermos em grupo / Valores fundamentais.	14:15 15:00		
			- Plenário: Apresentação criativa das reflexões de cada grupo.	15:00 15:30		
			- Jogo: Jogos divertidos na Natureza.	15:30 17:30		
			- Lanche, Recolha de lenha e Tempo aberto.	17:30 18:15		
Continua no slide seguinte						

Estudantes: Adão Chaves e Carlos Araújo

Aprendizagens essenciais: Valorizar a diversidade dos membros em todos os grupos como fator de enriquecimento. Identificar como elemento fulcral da mensagem cristã o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.

METAS EMRC	Objetivos curriculares	Metas de Serviço	Estratégias (numerar)	Hora	Evaluación formativa	Evaluación final
	16. Conhecer a posição da Igreja Católica face à dignidade da vida humana.	Incentivar a vivência diária de atos de gentileza e de valores morais: ser agradecido, ser prestável (oferecer algo de bom), amar os outros, pedir perdão e ser amigo.	- Pequeno-almoço e tempo aberto.	08:00 09:00	- Atenção - Empenho - Cooperação entre colegas - Criatividade - Respeito pelos colegas	- Atividade a realizar apenas 3 a 4 e de 12 a 13 de maio 2022. Ainda sem dados de avaliação final para concluir.
	17. Aprofundar a mensagem cristã sobre o amor ao próximo e a dignidade da vida humana.	Ajudar os alunos a compreender a importância de uma vida com valores.	- Jogos matinais / caminhada matinal	09:00 09:45		
	18. Identificar as atitudes que promovem a dignidade da vida humana.	Ajudar a redescobrir a beleza da relação com Deus e da sua importância na vida quotidiana.	- Atividade em grupos. - Escolha de 1 tema referente a Unidade Letiva do ano. Teatralização: Amor / Cristianismo / Liberdade / Ecologia / Dignidade Humana / Deus é Amor / Projeto de vida	09:45 10:00		
	19. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.		- Jogo de pista.	10:00		
			- Almoço e tempo aberto	12:30		
			- Atividade em grupos: Preparação dos teatros	13:30 14:30		
Continua no slide seguinte						

Estudantes: Adão Chaves e Carlos Araújo

Aprendizagens essenciais: Valorizar a diversidade dos membros em todos os grupos como fator de enriquecimento. Identificar como elemento fulcral da mensagem cristã o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.

METAS EMRC	Objetivos curriculares	Metas de Serviço	Estratégias (numerar)	Hora	Evaluación formativa	Evaluación final
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	11. Identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano.	Incentivar a vivência diária de atos de gentileza e de valores morais: ser agradecido, ser prestável (oferecer algo de bom), amar os outros, pedir perdão e ser amigo.	- Atividade em grupos: Construtores da paz / o Mundo é para nós.	18:15 19:00	- Atenção - Empenho - Cooperação entre colegas - Criatividade - Respeito pelos colegas	- Atividade a realizar apenas 3 a 4 e de 12 a 13 de maio 2022. Ainda sem dados de avaliação final para concluir.
	12. Questionar o sentido da realidade enquanto espaço onde o ser humano exerce a sua liberdade.	Ajudar os alunos a compreender a importância de uma vida com valores.	- Plenário: Apresentação criativa das reflexões de cada grupo.	19:00 19:30		
	13. Reconhecer que a consciência autónoma da pessoa deriva da sua condição de ser livre e está orientada para o bem.	Ajudar a redescobrir a beleza da relação com Deus e da sua importância na vida quotidiana.	- Atividade em grupos: Preparação de animações para a fogueira.	19:30 20:00		
	14. Tomar consciência os riscos das dependências.		- Jantar e tempo aberto.	20:00 21:30		
	15. Compreender o valor da vida.		- À volta da fogueira	21:30 00:00		
Continua no slide seguinte						

Estudantes: Adão Chaves e Carlos Araújo

Aprendizagens essenciais: Valorizar a diversidade dos membros em todos os grupos como fator de enriquecimento.
Identificar como elemento fulcral da mensagem cristã o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.

METAS EMRC	Objetivos curriculares	Metas de Serviço	Estratégias (numerar)	Hora	Evaluación formativa	Evaluación final
	<p>20. Destacar a bondade e a grandeza de Deus.</p> <p>21. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.</p> <p>22. Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal.</p> <p>23. Reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos.</p> <p>24. Compreender a construção de projetos de vida na experiência de encontro com Deus.</p> <p>25. Reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência de felicidade.</p>	<p>Incentivar a vivência diária de atos de gentileza e de valores morais: ser agradecido, ser prestável (oferecer algo de bom), amar os outros, pedir perdão e ser amigo.</p> <p>Ajudar os alunos a compreender a importância de uma vida com valores.</p> <p>Ajudar a redescobrir a beleza da relação com Deus e da sua importância na vida quotidiana.</p>	<p>- Mostra dos teatros.</p> <p>- Descoberta dos amigos secretos e Avaliação do acampamento</p> <p>- Lanche.</p> <p>- Desmontagem de tendas.</p> <p>- Limpeza do campo.</p> <p>- Partida</p>	<p>14:30 15:00</p> <p>15:00 16:00</p> <p>16:00 17:00</p>	<p>- Atenção</p> <p>- Empenho</p> <p>- Cooperação entre colegas</p> <p>- Criatividade</p> <p>- Respeito pelos colegas</p>	<p>- Atividade a realizar apenas 3 a 4 e de 12 a 13 de maio 2022. Ainda sem dados de avaliação final para concluir.</p>

Tabela 22 - Planificação dos acampamentos dos alunos 9º, 8º e 7º na Quinta da Fonte

1.2. Horário dos acampamentos dos alunos de EMRC do 9º, 8º 7º ano na Quinta da Fonte

3 de maio 9º e 8º ano e 12 de maio 7ºano

08:30	Acolhimento
10:00	Montagem das tendas
10:00	Distribuição dos amigos secretos
10:30	Divisão por grupos (<i>Jogo dos animais</i>)
10:30	Atividade em grupos: <i>Apresentação e Cartas do autoconhecimento</i>
11:15	Lanche
11:15	Plenário: Apresentação das reflexões e do nome de cada grupo
11:45	
11:45	Atividade: <i>O Som do Silêncio</i>
12:15	
12:15	Almoço e tempo de animação
14:00	
14:00	Atividade em grupos: <i>A propósito de vivermos em grupo e Valores fundamentais</i>
15:00	
15:00	Plenário: Apresentação criativa das reflexões de cada grupo
15:30	
15:30	Caminhada à descoberta da Quinta da Fonte
16:30	Lanche
16:30	
16:30	Jogo de pista
19:00	
19:00	Atividade em grupos: Preparação de animações para a fogueira
20:00	
20:00	Jantar e tempo aberto
21:30	
21:30	À volta da fogueira
00:00	

4 de maio 9º e 8º ano e 13 de maio 7ºano

08:00	
08:00	Higiene matinal, Pequeno-almoço e Tempo aberto
09:00	
09:00	Jogos divertidos na natureza
10:15	
10:15	Atividade em grupos: <i>Construtores da paz e O Mundo é para nós</i>
11:00	Lanche
11:00	
11:00	Plenário: Apresentação criativa das reflexões de cada grupo
11:30	
11:30	Atividade em grupos: Guião de teatro sobre a Dignidade da Vida Humana, Deus, o grande Mistério e o projeto de vida.
12:30	
12:30	Almoço e tempo aberto

13:30	
13:30 14:30	Atividade em grupos: Ensaio do teatro
14:30 15:00	Mostra dos teatros
15:00 16:00	Descoberta dos amigos secretos e Avaliação do acampamento
16:00 17:00	Lanche. Desmontagem de tendas. Limpeza do campo. Partida

Tabela 23 - Horário dos acampamentos dos alunos de EMRC do 9º, 8º 7º ano na Quinta da Fonte

1.3. Estratégias e atividades pedagógicas

Estes documentos foram enviados para os alunos através de um grupo no Whatsapp, tendo como fundamento a preservação e o cuidado do meio ambiente e a diminuição da pegada de carbono.

A propósito de vivermos em grupo

Num grupo há sempre muitas modalidades individuais:
 uns são tímidos, outros audazes;
 uns são calados, outros expansivos;
 uns são eufóricos, outros calmos;
 uns têm grande capacidade de trabalho, outros têm menos...

Por que não de uns queixar-se dos outros,
 se é desta diversidade
 que surge a complementaridade e a unidade?

Que o introvertido seja amigo do extrovertido
 e o extrovertido seja amigo do introvertido;
 que o alegre seja amigo do melancólico
 e o melancólico seja amigo do alegre;
 que o modesto seja amigo do vaidoso
 e o vaidoso seja amigo do modesto;
 que o realista seja amigo do fantasista
 e o fantasista seja amigo do realista;
 que o intelectual seja amigo do sentimental
 e o sentimental seja amigo do intelectual;
 que o controlado seja amigo do impulsivo
 e o impulsivo seja amigo do controlado...



Dissemos seja, porque:

Ter um amigo é ter luz - Ser amigo é ser farol
 Ter um amigo é ter sol - Ser amigo é ser calor
 Ter um amigo é ter estrelas - Ser amigo é ser Céu
 Ter um amigo é ter água - Ser amigo é ser fonte
 Ter um amigo é ter caminho - Ser amigo é ser ponte
 Ter um amigo é ter esperança - Ser amigo é ser certeza
 Ter um amigo é ter alegria - Ser amigo é ser felicidade
 Ter um amigo é ter flores - Ser amigo é ser jardim
 Ter um amigo é ter música - Ser amigo é ser festa
 Ter um amigo é ter asas - Ser amigo é ser livre como as aves
 Ter um amigo é ter vida - Ser amigo é ser fecundo

Sou amigo?

Valores fundamentais

a) Criatividade b) Interioridade c) Solidariedade d) Respeito pelos outros

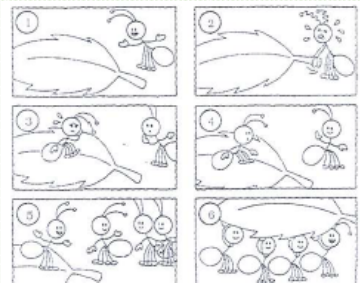
Identifica estes valores nas situações seguintes:

- ___ Faz aos outros o que desejarías que te fizessem a ti.
- ___ Faz aquilo que ainda ninguém fez.
- ___ Faz o bem sem olhar a quem.
- ___ Toma consciência da tua própria dimensão como pessoa, face a ti mesmo, aos outros e a Deus.

Que outros valores consideras _____
importante cultivar, _____
para construirmos uma _____
sociedade melhor? _____



Há problemas que sozinhos não conseguimos resolver...



Dá um título a esta história e identifica-lhe o valor fundamental.



Felizes os construtores da paz

Era uma vez uma vírgula aborrecida com a pouca consideração em que toda a gente a tinha. Nem sequer as orações das escolas lhe davam importância.

Não gostava nada de ser apenas um pequeno sinal que se põe na escrita e nem sequer se lê.

Um dia, cansada desta falta de apreço, a vírgula decidiu revoltar-se. Fê-lo da seguinte maneira: o presidente de uma grande nação escrevera uma mensagem a um outro presidente de um grande país guerreiro, dizendo: "Paz não, vamos lançar os mísseis".

A vírgula, para mostrar que tinha importância, mudou de sítio antes da mensagem chegar ao destinatário. E então o texto ficou assim: "Paz, não vamos lançar os mísseis".

Dando um pequeno salto, recuou uma palavra mudando de um sítio para o outro. E este pequeno salto modificou por completo o sentido da mensagem.

O presidente adversário, ao ler a comunicação, percebeu que era o momento de fazer a paz.

E assim, por causa de uma vírgula, a paz foi possível.

Autor desconhecido



Todas as pessoas são iguais em dignidade e valem mais do que todo o ouro do mundo, mesmo as que são simples como as vírgulas. E qualquer pessoa, com a sua ação, pode realizar maravilhas, como a pequena vírgula que mudou a guerra em paz.

Que podes tu fazer pela Paz?

Onde houver ódio, que eu leve o amor

Onde houver ofensa que eu leve o perdão

Onde houver a discórdia que eu leve a união

Onde houver dúvida, que eu leve a fé

Onde houver erro que eu leve a verdade

Onde houver desespero que eu leve a esperança

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria

Onde houver trevas, que eu leve a luz

(S. Francisco de Assis)





1.4. Autorização do conselho pedagógico



2. AGRUPAMENTO DE ESCOLAS MONTE DA LUA

4. Escola B. 2/3 D. Fernando II

5.
6.

7. **Visitas de Estudo** (Circular nº 1/2012 de 22 de maio de 2017)

8.

Pré-escolar <input type="checkbox"/>	Ensino Básico <input checked="" type="checkbox"/> 3.º Ciclo 8º e 9º anos	Ensino Secundário / Cursos Científicos <input type="checkbox"/> _____º Ano(s) Humanísticos <input type="checkbox"/> _____º Ano(s) Profissionais <input type="checkbox"/>		Visita de Estudo <input type="checkbox"/> Atividade <input checked="" type="checkbox"/> Intercâmbio Escolar <input type="checkbox"/>
Proponente(s):	Mª Margarida Portugal			Período de realização 3 e 4 / 05 / 2022
Local/Entidade a visitar:	Quinta da Fonte, Linhó			
Professor(es) responsável(eis):	Mª Margarida Portugal	Contacto(s):	938 350 021	
Professor(es) acompanhante(s):	Ana Ribeiro, Michael Fernandes, Adão Chaves e Carlos Araújo (professores estagiários)			
Disciplinas intervenientes	EMRC			
Cursos / Turma(s) envolvida(s):	8º A, B, C, D, E; 9º B, C, D, E - DFII	N.º de alunos:	50	

RAZÕES/OBJETIVOS DA VISITA

- Promover a educação não-formal pela participação em atividades. - Consolidar as reflexões realizadas nas aulas. - Experimentar, concretamente, os valores do respeito, da responsabilidade e da partilha.
ROTEIRO DA VISITA
Acampamento com início às 8:30 de 3 de maio e encerramento às 17 h de dia 4. Programa: Atividades lúdicas e de reflexão (Programa anexo).

APRENDIZAGEM/RESULTADOS ESPERADOS	REGIME DE AVALIAÇÃO (Alunos/Projeto)
- Reforço da dimensão ética.	- Preenchimento de inquérito.

Meio de transporte:	Não se aplica (Os encarregados de educação levam e recolhem os alunos)	
Custo por aluno:	2,50 euros (estadia na quinta)	
Material/equipamento necessário:	Cada aluno deve levar: tenda (quem não tiver organize-se com os que têm); saco-cama (ou cobertor); comida feita (almoço, lanche e jantar para dia 3; pequeno-almoço, almoço e lanche para dia 4); roupa (agasalho para a noite); acessórios de higiene pessoal (toalhetes húmidos); bloco de notas (ou folhas) e caneta.	
Guião da visita:	Programa anexo	
Alunos não participantes:	-----	
Plano de trabalho para os alunos não participantes:	Não se aplica (os alunos não participantes terão as aulas habituais).	
Plano de ocupação dos alunos cujos professores participam no(a) intercâmbio / visita de estudo:	-----	

Aprovada pelo Diretor do Agrupamento:	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Data: / /2022
---------------------------------------	------------------------------	------------------------------	---------------

1.5. Autorização dos encarregados de educação

De acordo com o Plano Anual de Atividades da Escola, vamos realizar mais um acampamento com os alunos de EMRC do 8º e 9º anos.

Será das 8:30 h de 3 de maio às 17:00 h de dia 4, na Quinta da Fonte (Convento das irmãs Doroteias) no Linhó.

Cada aluno deve levar: tenda (quem não tiver organize-se com os que têm); saco-cama (ou cobertor); comida feita (almoço, lanche e jantar para dia 3; pequeno-almoço, almoço e lanche para dia 4); roupa (agasalho para a noite); acessórios de higiene pessoal (toalhetes húmidos); bloco de notas (ou folhas) e caneta; e lenço para tapar os olhos.

Preço por aluno: 2,5 euros - custo da estadia na quinta.

Prof. Margarida Portugal - 938350021 / margarida.portugal@agml.pt

✍

Autorizo _____ n.º _____
do ___º ___ a participar no acampamento de EMRC em 3 e 4 /05/2022.

[Assinatura do(a) Encarregado(a) de Educação]
Registrar n.º telemóvel do aluno e do EE no verso da folha

1.6. Reflexão do acampamento no Linhó do 8ºano e 9º ano

Participantes: 47 alunos; 5 monitores e 5 professores

No âmbito da disciplina de EMRC da escola D. Fernando II nos dias 12 e 13 de maio decorreu o acampamento na Quinta da Fonte – Linhó. Marcaram presença trinta e cinco alunos do 7º ano e nove alunos-monitores do 9º ano e 10º ano. Acompanharam neste acampamento os cinco professores de EMRC três do agrupamento do Monte da Lua e os dois estagiários Adão Chaves e Carlos Araújo.

Este acampamento foi marcado pelo envolvimento da serra de Sintra, num lugar propício para contemplar a natureza, repleto de sobreiros e pinheiros criando um clima muito agradável que convidada ao encontro com o próximo, ao convívio, há reflexão e meditação.

No dia 12 de maio os alunos compareceram no local havendo a oportunidade de um breve diálogo com os seus encarregados de educação. Terminado este breve acolhimento foi tempo para umas breves palavras de boas-vindas e da montagem das tendas.

O dia foi dedicado ao trabalho em grupo, através de dinâmicas de superação, de partilha, de reflexão, onde se procurou incentivar a vivência diária de atos de gentileza e de valores morais: ser agradecido, ser prestável (oferecer algo de bom), amar os outros, pedir perdão e ser amigo; compreender a importância de uma vida com valores; redescobrir a beleza da relação com Deus e da sua importância na vida quotidiana.

As estratégias escolhidas para trabalhar estas metas no primeiro dia foram as seguintes: quebra-gelo, distribuição do amigo secreto, o som do silêncio, jogos divertidos na natureza, convívio à volta da fogueira e atividades em grupos tais como: «eu e o meu grupo», «a propósito de vivermos em grupo», «valores fundamentais», «construtores da paz», «o mundo é para nós». No final de cada um destes temas houve um plenário onde cada grupo apresentou criativamente as suas reflexões. Na parte final do dia, decorreu a preparação de animações para a fogueira, o jantar-convívio e tempo aberto, sempre à volta da fogueira. De realçar, a importância que a fogueira, desde a agregação de todos os alunos ao seu redor, a escuta do fogo e da natureza que nos envolvia.

O segundo dia, 13 de maio, foi um dia dedicado a uma caminhada matinal, jogos e atividades em grupos. De salientar, que cada grupo escolheu um tema para teatralizar, a saber: As Origens; As Religiões; A Riqueza e o Sentido dos Afetos e Paz Universal. Na segunda parte da manhã, os alunos caminharam o mesmo percurso da caminhada matinal, mas agora eram

convidados a um jogo de pista. No final do jogo de pista, foi tempo para reforçar as forças com o almoço e tempo aberto para descanso e convívio.

A parte da tarde foi dedicada à preparação dos teatros, isto é, ensaio e de seguida a apresentação a todos os colegas e professores. É importante realçar, que os mesmos, foram de acordo com os temas abordadas na disciplina de EMRC.

No final do acampamento, foi desvendado os amigos secretos e feita a avaliação do acampamento (pontos positivos e pontos a melhorar). Se seguida, carregamos forças, para a última etapa, desmontagem das tendas e limpeza do campo e partida.

Na despedida todos os alunos partilharam a alegria de acamparem e de criarem laços em os colegas e amigos. Ficou à vontade e do desejo de voltar para o ano e de preferência mais dias.

1.7. Fotografias do acampamento no Linhó do 8ºano e 9º ano



Figura 8 - Acampamento no Linhó, momento de meditação



Figura 9 - Acampamento no Linhó, momento de convívio



Figura 10 - Acampamento no Linhó do 8ºano e 9º ano, fotografia de grupo

1.8. Fotografias do acampamento no Linhó do 7º ano

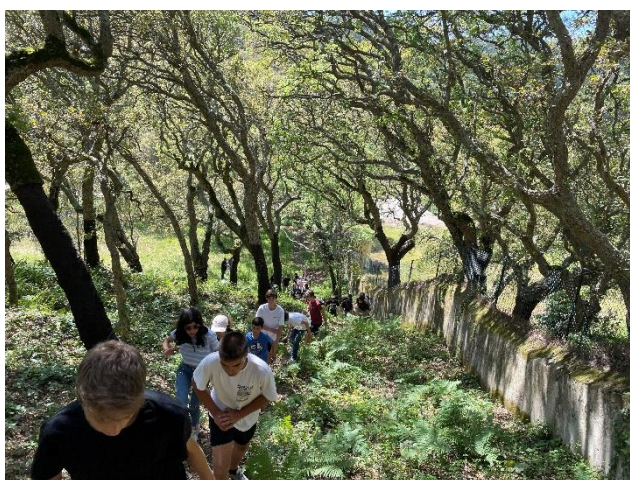


Figura 11 - Acampamento no Linhó, jogos em equipa



Figura 12 - Acampamento no Linhó, caminhada em grupo



Figura 13 - Acampamento no Linhó, jogos tradicionais



Figura 14 - Acampamento no Linhó, momento de oração



Figura 15 - Acampamento no Linhó, momento de reflexão e partilha por grupos



Figura 16 - Ref. Foto n° 2, Acampamento no Linhó, momento de partilha e convívio



Figura 17 - Acampamento no Linhó do 7º ano, fotografia de grupo

1.9. Fotografias da visita de estudo a Quinta da Ribafria do 5ºano e 6º ano



Figura 18 - Convívio na Quinta da Ribafria, momento de partilha



Figura 19 - Quinta da Ribafria, caminhada em grupo



Figura 20 - Convívio na Quinta da Ribafria, momento de reflexão



Figura 21 - Ref. Foto nº 6. Visita de estudo a Quinta da Ribafria do 5ºano e 6º ano, fotografia de grupo

ANEXO 3 - Atividade pedagógica do «coração poliédrico e multicolor» UL 2

Esta atividade revelou-se fundamental para que os alunos pudessem guardar de uma forma gráfica os conteúdos adquiridos ao longo da UL 2 «Deus, o grande Mistério».



Figura 22 - Atividade pedagógica do «coração poliédrico e multicolor» UL 2



Figura 23 - Ref. Foto nº 1, Exposição dos trabalhos das turmas 9º A, B e C



Figura 24 - Exposição dos trabalhos da atividade da UL 2, na semana cultural



Figura 25 - Atividade pedagógica do «coração poliédrico e multicolor»



Figura 26 - 800 peças com os nomes dos alunos, professores e funcionários



Figura 27 - Atividade pedagógica do «coração poliédrico e multicolor»



Figura 28 - Colocação de uma peça com o nome de um colega no coração



Figura 29 - Momento de interioridade e oração



Figura 30 - Colocação de uma peça com o nome de um colega da escola no coração



Figura 31 - Docentes e não docentes



Figura 32 - Conclusão da atividade pedagógica do «coração poliédrico e multicolor»



Figura 33 - Celebração eucarística com a temática do «coração poliédrico e multicolor»



Figura 34 - Celebração eucarística com a temática do «coração poliédrico e multicolor»



Figura 35 - Celebração eucarística, tempo Pascal

ANEXO 4 - Atividades pedagógicas posteriores à PES

Estas atividades foram o fruto de todo o conhecimento adquirido ao longo da PES. Estas mostram-se fundamentais para uma melhor vivência e compreensão dos conteúdos.

1.1. Atividade pedagógica de encontro, dinamizada pela Equipa de Animação Pastoral



Figura 36 - Noite XL, atividade de encontro com o outro, contigo mesmo e com o transcendente



Figura 37 - Noite XL, partilha e reflexão em grupo



Figura 38 - Noite XL, reflexão individual



Figura 39 - Noite XL, caminhada e reflexão

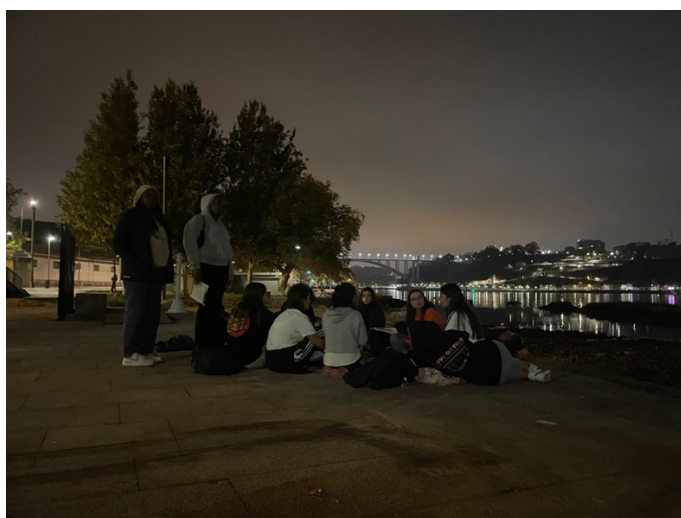


Figura 40 - Noite XL, partilha em grupo das reflexões



Figura 41 - Noite XL, entrega de uma carta da família para cada aluno



Figura 42 - Noite XL, final da atividade na Foz do Douro

1.2. Jornada Mundial da Juventude, com os meus alunos de EMRC



Figura 43 - Pré-Jornada Mundial da Juventude em Família Claretiana



Figura 44 - Pré-Jornada Mundial da Juventude, Pedroso



Figura 45 - Alunos do 9º ano e secundário que participaram na JMJ Lisboa



Figura 46 - Os meus alunos do 9º ano e secundário que participaram na JMJ Lisboa



Figura 47 - JMJ Lisboa



Figura 48 - Fotografia de grupo com os meus alunos do 9º ano e secundário que participaram na JMJ Lisboa

1.3. Campo de Férias, com o tema «Cidade Misteriosa»

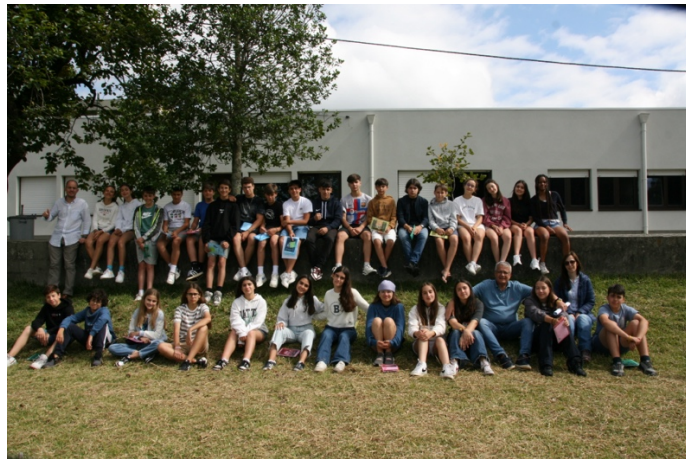


Figura 49 - Fotografia de grupo com os alunos do 8º ano, 9º ano e secundário



Figura 50 - Campo de Férias, momento de oração



Figura 51 - Campo de Férias, momento de oração e reflexão



Figura 52 - Cidade Misteriosa, a construir a minha cidade



Figura 53 - Ref. Foto nº 5, representação da vida de alguns santos pelos alunos do secundário



Figura 54 - Representação da vida e obra da Madre Teresa de Calcutá



Figura 55 - Representação da vida e obra de Santo António Maria Claret



Figura 56 - Reflexão da representação. Dinamica pedagogica para trabalhar com os alunos o seu projeto de vida

1.4. Projeto Ser+ em São Tomé e Príncipe.



Figura 57 - Angariação de bens materiais na area da saúde para o «Projeto Ser+ em São Tomé e Príncipe»



Figura 58 - Angariação de bens materiais na área da higiene



Figura 59 - Ref. Foto nº 3, visita a Roça Santa Margarida



Figura 60 - Visita a Roça Monte Macaco, atividades com as crianças



Figura 61 - Ref. Foto nº 4, visita a Roça Monte Macaco, convívio com as crianças São-tomenses



Figura 62 - Conhecer as comunidades nas roças



Figura 63 - Conhecer com os Missionários CMF a realidade local e as suas necessidades



Figura 64 - Entrega de sementes variadas para as comunidades das roças



Figura 65 - Convívio e comunhão



Figura 66 - Partilha e amizade entre os alunos e as crianças



Figura 67 - Participação na tomada de posse de Don João de Ceita Nazaré, novo Bispo de São Tomé



Figura 68 - Assembleia na tomada de posse de Don João de Ceita Nazaré, novo Bispo de São Tomé



Figura 69 - Partilha do almoço com a comunidade São-tomense depois da tomada de posse de Don João de Ceita Nazaré



Figura 70 - Partilha e convívio com a comunidade



Figura 71 - Entrega de produtos de higiene



Figura 72 - Atividades com as crianças São-tomenses



Figura 73 - A simplicidade no encontro



Figura 74 - Conhecer o Hospital Central Dr. Ayres Menezes



Figura 75 - Entrega de material de saúde



Figura 76 - Visita e entrevista na Rádio Jubilar



Figura 77 - Encontro e partilha com o Don João de Ceita Nazaré, novo Bispo de São Tomé



Figura 78 - Visita pedagógica a casa de Almada Negreiros



Figura 79 - Alunos do secundário que partiram em missão

A continuação deixo o link com o resumo de toda a experiência do «Projeto Ser+ em São Tomé e Príncipe». Link: <https://youtu.be/tAm6twk7ByM?si=hONaXRosMYKmsbfd>